

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS (PROFLETRAS)

**CRISTIANE CORRÊA**

**PRESENÇA DA CRÔNICA NA SALA DE AULA:  
FRUIÇÃO, LEITURA E ESCRITA**

Vitória

2018

**CRISTIANE CORRÊA**

**PRESENÇA DA CRÔNICA NA SALA DE AULA:  
FRUIÇÃO, LEITURA E ESCRITA**

Trabalho final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras – Ifes - Campus Vitória.

Orientador(a): Prof<sup>(a)</sup>. Dr <sup>(a)</sup> Andréia Penha Delmaschio.

Vitória

2018

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

C824p Corrêa, Cristiane.

Presença da crônica na sala de aula : fruição, leitura e escrita /  
Cristiane Corrêa. – 2018.

135 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Andréia Penha Delmaschio.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo,  
Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2018.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Escrita - Estudo e ensino. 3.  
Crônicas. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Delmaschio, Andréia Penha.  
II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 372.4



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

CRISTIANE CORREA

**PRESENÇA DA CRÔNICA NA SALA DE AULA: FRUIÇÃO, LEITURA E ESCRITA.**

Trabalho Final de Curso apresentando ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2018

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
**Prof. Dr. Andreia Penha Delmaschio**  
Instituto Federal do Espírito Santo

Orientadora

  
**Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes**  
Instituto Federal do Espírito Santo - PROFLETRAS

Membro Interno

  
**Prof. Dr. Fabiano de Oliveira Moraes**  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Membro Externo



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

CRISTIANE CORREA

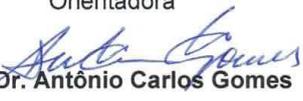
**PRESENÇA DA CRÔNICA NA SALA DE AULA: FRUIÇÃO, LEITURA E ESCRITA.**

Produto Educacional apresentando ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2018

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
**Prof.ª Dr.ª Andreia Penha Delmaschio**  
Instituto Federal do Espírito Santo  
Orientadora

  
**Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes**  
Instituto Federal do Espírito Santo - PROFLETRAS  
Membro Interno

  
**Prof. Dr. Fabiano de Oliveira Moraes**  
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES  
Membro Externo

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, direta e indiretamente, contribuíram e torceram para que esse período de muito estudo e de importantes descobertas fosse finalizado com sucesso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade e força para trilhar esse caminho de muito estudo e descobertas.

A minha mãe e ao meu filho, pela compreensão por tanta ausência e pelo apoio em todas as horas.

Aos colegas de trabalho, pelo incentivo e companheirismo.

Aos alunos da Unidade Municipal de Ensino Fundamental de Tempo Integral Senador João de Medeiros Calmon (UMEF TI), pela participação fundamental nesse projeto.

Aos colegas do curso de Mestrado, pelo companheirismo em todas as horas, compartilhando todos os momentos, fossem eles de alegria ou de angústia.

Aos professores do PROFLETRAS, Mestres e Doutores por excelência, por toda a caminhada de muita aprendizagem e descobertas.

Aos professores Dr<sup>o</sup> Antônio Carlos Gomes e Dr<sup>o</sup> Fabiano de Oliveira Moraes, que compuseram minha banca examinadora, pela disponibilidade e fundamental orientação.

A professora Andréia Delmaschio, por todo o percurso feito ao meu lado, ajudando a trilhar esse caminho nem sempre fácil, mas com experiências e resultados essenciais para minha vida pessoal e profissional.

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa apresentado no curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, do Instituto Federal do Espírito Santo (Campus Vitória), visa a promover o interesse e a prática da leitura e da escrita por meio de oficinas com o gênero textual crônica, incentivando os alunos a expressarem-se, por meio da escrita, sobre o que veem e vivenciam em seu cotidiano, dentro e fora da escola. As atividades propostas foram desenvolvidas em uma turma do nono ano da Unidade Municipal de Ensino Fundamental de Tempo Integral (UMEF TI) Senador João de Medeiros Calmon, localizada no bairro Parque das Gaivotas, em Vila Velha, no Espírito Santo. O resultado foi a produção de uma coletânea de textos e de um Caderno Pedagógico, instrumentos no quais foram registradas e compartilhadas as atividades desenvolvidas e as criações textuais dos alunos. As oficinas temáticas, organizadas por meio da abordagem qualitativa de natureza aplicada, com objetivos descritivos e seguindo os procedimentos de uma pesquisa-ação, realizaram-se a partir de crônicas de autores nacionais que, lidas e discutidas e usadas como exemplos para a produção de textos, contribuíram para que os alunos se manifestassem por meio da leitura e da escrita. Fundamentando esse trabalho, buscamos as obras de Antônio Cândido (1988), Alfredo Bosi (2006), Ingedore Koch (2015), Delia Lerner (2002), Luiz Antônio Marcuschi (2008), dentre outros estudiosos sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. Pretendemos, assim, colaborar para que o aluno perceba as diferentes funções da escrita, a importância de reconhecê-las e compreendê-las, e o prazer de atuar como escritor, registrando suas histórias e criações de forma que sua autoestima fosse reconhecida e valorizada dentro e fora do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Crônica. Ensino-aprendizagem. Ensino Fundamental II.

## **ABSTRACT**

The present research work presented in the Professional Master's Degree in Literature - PROFLETRAS, from the Federal Institute of Espírito Santo (Campus Vitória), aims to promote the interest and practice of reading and writing through workshops with the textual genre chronic, encouraging students to express themselves through writing about what they see and experience in their daily lives, inside and outside school. The proposed activities were developed in a ninth grade class of UMEF TI Senator João de Medeiros Calmon, located in Parque das Gaivotas, Vila Velha, Espírito Santo, and will have as educational product the creation of a literary blog and a collection of texts produced at the mentioned school, where students' textual creations will be registered and shared. Thematic workshops, organized through the qualitative approach of applied nature, with descriptive objectives and following the procedures of an action research, will be organized from chronicles of national authors, which will be read, discussed and used as examples for the production of texts through which students can manifest themselves, awakening the desire to be present through reading and writing. For the theoretical basis, we sought the works of Antônio Cândido (1988), Alfredo Bosi (2006), Ingedore Koch (2015), Delia Lerner (2002), Luiz Antônio Marcuschi (2008), among other scholars on teaching and learning reading and writing. We intend to collaborate so that the student perceives the different functions of writing, the importance of recognizing and understanding them, and the pleasure of acting as a writer, also recording their own history and their creations so that their self-esteem is recognized and valued within and outside the school environment.

Keywords: Reading. Writing. Chronic. Teaching-learning. Elementary School II.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MEMORIAL: Á GUIA DE INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>30</b>
4.1	A LEITURA E A ESCRITA NA SALA DE AULA.....	30
4.2	A CRÔNICA.....	37
4.3	O BLOG E A COLETÂNEA DE TEXTOS.....	40
4.4	A ESCOLA.....	43
4.5	A METODOLOGIA.....	44
4.6	AS OFICINAS.....	48
<b>4.6.1</b>	<b>Primeiro momento: Motivação.....</b>	<b>49</b>
<b>4.6.2</b>	<b>Segundo momento: Introdução.....</b>	<b>50</b>
<b>4.6.3</b>	<b>Terceiro momento: Leitura.....</b>	<b>50</b>
<b>4.6.4</b>	<b>Quarto momento: Interpretação e discussão.....</b>	<b>51</b>
<b>4.6.5</b>	<b>Quinto momento: Produção textual.....</b>	<b>53</b>
<b>4.6.6</b>	<b>Sexto momento: Revisão e reescritura.....</b>	<b>54</b>
<b>4.6.7</b>	<b>Sétimo momento: Publicação no blog.....</b>	<b>55</b>
<b>4.6.8</b>	<b>Oitavo momento: Coletânea de textos.....</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>O PRODUTO EDUCACIONAL: MÃOS À OBRA.....</b>	<b>58</b>
5.1	OFICINA 1.....	58
5.2	OFICINA 2.....	59
5.3	OFICINA 3.....	60
5.4	OFICINA 4.....	62
5.5	OFICINA 5.....	62
5.6	OFICINA 6.....	64
5.7	OFICINA 7.....	65

5.8	OFICINA 8.....	67
5.9	OFICINA 9.....	68
5.10	OFICINA 10.....	69
5.11	OFICINA 11.....	70
5.12	OFICINA 12.....	72
5.13	OFICINA 13.....	72
5.14	OFICINA 14.....	74
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE A – Sequência das oficinas.....</b>	<b>88</b>
	<b>APÊNDICE B – Sequência didática básica.....</b>	<b>91</b>
	<b>APÊNDICE C – Pesquisas feitas para a revisão da literatura.....</b>	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE D – Questionário do aluno.....</b>	<b>96</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>97</b>
	<b>ANEXO A – Termo de assentimento.....</b>	<b>98</b>
	<b>ANEXO B – Textos motivadores das oficinas.....</b>	<b>99</b>
	Oficina 1.....	99
	Oficina 3.....	100
	Oficina 4.....	102
	Oficina 5.....	105
	Oficina 7.....	108
	Oficina 8.....	113
	Oficina 9.....	116
	Oficina 10.....	118
	Oficina 11.....	123
	Oficina 13.....	128
	Oficina 14.....	132

## 1 MEMORIAL: A GUIA DE INTRODUÇÃO

Estudante de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pertencente à turma de 1996, optei por esse curso uma vez que, vindo de Brasília e recém-saída do Ensino Médio, almejava entrar na faculdade de Jornalismo, mas não me sentia devidamente preparada para vencer a concorrência, embora a quantidade de vagas aqui fosse maior do que na Universidade de Brasília (UnB), em Brasília. Logo, fui orientada a tentar Letras, pois muitos professores da área de Comunicação Social – segundo os docentes de um curso técnico que fiz durante um ano - reclamavam das dificuldades de leitura e escrita que alguns alunos encontravam naquela área. Assim, com o intuito de me preparar melhor para o meu tão sonhado Jornalismo, fui aprovada na primeira tentativa no curso de Letras da UFES e segui o primeiro ano sem estranhamentos, mas já encantada com o estudo da língua, principalmente por estar realmente compreendendo muito do que aprendi “superficialmente” nos Ensinos Fundamental e Médio.

Pretendia mudar de curso no segundo ano, mas gostei tanto das matérias lecionadas, dos novos conhecimentos, que terminei essa faculdade, embora tendo sobrevivido a uma greve desanimadora de seis meses. Ainda no segundo ano na universidade, observei que muitos colegas já lecionavam, e ficava impressionada com a coragem de irem para uma sala de aula tão novos (de idade e no curso), e com tanta coisa ainda por aprender, principalmente sobre didática, iludida de que tudo que fosse preciso conhecer e saber para dar aula, a faculdade me ensinaria.

Finalmente, em 1998, resolvi também lecionar, e confesso o susto ao vivenciar a rotina de uma escola somente com os conhecimentos dos livros e as orientações dos professores. Iniciei dando aulas de Espanhol para o Ensino Médio numa escola estadual no bairro Instituto do Bem Estar Social (IBES), em Vila Velha, Espírito Santo (ES), depois consegui algumas aulas de Língua Portuguesa (no Ensino Fundamental II), e apesar da rotina cansativa (manhãs estudando em Vitória, tardes e noites lecionando, saindo de casa às 6h e retornando às 23h, salários atrasados,

pós-graduação aos sábados), me identifiquei com a profissão de professor, paixão que me arrebatou tanto pelo conteúdo quanto pelo contato com as pessoas, com as novidades que cada aula e turma me traziam. Hoje, sou efetiva na Prefeitura Municipal de Vila Velha, leciono para o Ensino Fundamental II desde 2004, e também no Estado (desde 2013), no qual dou aulas para o Ensino Médio. Tive experiências maravilhosas também na EJA e no projeto Nossa Escola, parceria entre o Serviço Social da Indústria (SESI) e a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), no qual lecionávamos para os funcionários das terceirizadas dessa empresa, e posteriormente para as esposas desses trabalhadores.

Como presencio nas duas redes as dificuldades que os alunos têm para ler e produzir textos - cujas causas são inúmeras, mas muitas podem e devem ser resolvidas principalmente na e pela escola -, decidi dedicar meu trabalho de Mestrado justamente à leitura e à escrita de textos a partir das crônicas, gênero que, por sua temática e linguagem peculiares, é muito bem recebido pelos estudantes. No entanto, enquanto professora licenciada na Rede Municipal de Vila Velha desde agosto de 2016, apliquei as oficinas propostas por meio da observação participante e estive presente na execução das atividades e disponível via redes sociais ou quando solicitada pelos próprios alunos.

Assim, este trabalho de pesquisa pretende “criar situações interlocutivas propícias para que o estudante aprenda a escrever melhor seus textos” (PASSARELI, 2012, p.46), compreender textos diversos e, dessa forma, manifestar posições em situações reais de comunicação. No entanto, as dificuldades para desenvolver essas habilidades – leitura e escrita – na sala de aula são constantes, uma vez que as propostas ali desenvolvidas pelos professores de Língua Portuguesa distanciam-se das práticas sociais da linguagem, incentivam a produção “mecânica” de textos e têm seu processo de criação finalizado numa nota e numa reescrita sem sentido real para o aluno. Pretendemos, por conseguinte, fazê-lo refletir também sobre o sistema da escrita e sobre a dimensão social dessas várias manifestações da língua na comunidade escolar e em outros ambientes, além dos muros da escola.

A seleção desse gênero deu-se em razão de ele partir dos aspectos da vida cotidiana e social para criações imaginativas, sendo considerado, portanto, propício para uma participação mais efetiva dos alunos, aos quais foram oportunizadas, por meio dessas produções, momentos para compartilharem suas histórias, reais ou ficcionais. “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, a crônica se ajusta à sensibilidade de todo o dia”, resume Cândido (1988, p. 13). Com a aproximação de algumas temáticas selecionadas e da linguagem desse gênero com a realidade do aluno, objetivamos que ele registre suas experiências, expressando e ampliando suas possibilidades de comunicação e socialização na leitura e na escrita com as várias formas da linguagem e suas práticas sociais. Para tanto, nosso trabalho abordou desde a história da crônica até suas características de gênero textual, por meio da leitura de diversos exemplos. Em seguida, fizemos a leitura e a discussão de crônicas de épocas e autores diferentes - e cujas temáticas os alunos tenham sugerido também pelo questionário diagnóstico preenchido inicialmente -, a fim de que os alunos relacionassem essas experiências “ficcionais” às próprias situações vivenciadas em seu cotidiano. Se “a escrita socialmente significativa passa por uma reflexão sobre experiências vividas, pelo acesso a experiências que envolvem a observação criteriosa de algo” (SIMÕES, 2012, p. 161), posteriormente essas histórias partilhadas em sala foram registradas numa produção textual que, lida e revisada, foi publicada no *blog* literário criado e administrado pelos próprios alunos na escola, e reunidos em uma coletânea de textos, como um registro disponível na biblioteca e na história da instituição educacional.

Finalmente, pretendemos, por meio desse trabalho de reflexão sobre a leitura e produção textual, que o aluno compreenda a importância das experiências de uso da linguagem oral, da leitura e da escrita para exercitar sua competência linguística e comunicativa, e vivencie efetivamente a tríade autor/texto/leitor por meio da divulgação dos próprios textos em um ambiente virtual e interativo, exercitando sua autonomia como escritor consciente dos processos envolvidos na produção de um texto.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Toda experiência de leitura, por mais informal que possa parecer, contribui para a formação de um importante repertório pessoal de referências históricas, culturais, políticas, etc. Ainda que nem sempre façamos isso de modo consciente, recorreremos a esse repertório no momento de produzir textos dos mais variados gêneros. Esse é um dos motivos pelos quais se costuma afirmar que há uma relação necessária entre leitura e escrita (ABAURRE; ABAURRE, 2012, p. 11).

Considerando que o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) (BRASIL, 1997, p. 29), são resultantes da articulação de três variáveis: o aluno (sujeito da ação do aprender), a língua (também aquela que se fala em instâncias públicas) e o ensino (prática que relaciona sujeito e objeto do conhecimento), e que para essa mediação acontecer é fundamental que o professor planeje e implemente práticas didáticas com o intuito de promover o esforço de ação e reflexão do aluno, percorremos bancos de dissertações de algumas universidades a fim de reconhecermos metodologias diferenciadas para o incentivo da leitura e da produção textual por meio da crônica. Considerando, portanto, esse foco da nossa pesquisa, buscamos produções acadêmicas que dialogassem com nosso objeto de estudo, mostrando pontos de vistas que acrescentassem outras referências sobre o tema, apontando também lacunas que aparecem nas diferentes pesquisas. O contato com esses trabalhos e artigos acadêmicos nos revelou importantes enfoques acerca dos estudos desse gênero tão próximo a qualquer pessoa e, por isso mesmo, instrumento facilitador da aprendizagem e exercício da leitura e da produção textual. Também se destacam reflexões e experiências a respeito do desenvolvimento dessas habilidades em sala de aula (do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio), e a importância do trabalho com os gêneros textuais, uma vez que “todos os usos linguísticos são situados no espaço e no tempo e são a sedimentação de práticas sociais longamente desenvolvidas e testadas, as quais, por sua vez, se sedimentam na condição de estruturas chamadas gêneros”, explica Marcuschi (2001, *apud* DIONÍSIO, 2005, p. 39).

Primeiramente observamos como a quantidade de estudos sobre um único cronista e os aspectos de seus textos é superior às pesquisas que trabalham uma variedade

maior de crônicas, de autores distintos, com o intuito de distinguir suas características enquanto um gênero que articula muito bem as práticas sociais e os textos escolares. Nosso projeto, no entanto, pretende justamente desenvolver as oficinas selecionando diferentes crônicas, de escritores de épocas distintas, a partir de uma temática comum, ampliando, assim, o acervo que servirá de modelo ao aluno para que ele registre por meio da escrita suas próprias experiências e criações ficcionais. Reconhecemos, portanto, a importância dessa diversidade textual, pois quanto mais o sujeito reconhece as convenções típicas de um gênero específico, mais ele aprimorará sua capacidade de produzir seu próprio discurso na produção textual e de exercitá-lo em outros contextos situacionais da escrita.

Nossa pesquisa sobre os trabalhos acadêmicos - entre dissertações de mestrado e artigos - iniciou-se com a busca no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e em sites de publicações jornalísticas, como a Revista Linha Mestra (Ano VIII, nº 25, ago. dez. 2014), da Associação de Leitura do Brasil (ALB), e a Revista Interdisciplinar, do Centro Universitário UNINOVA-FAPI.

Inicialmente tomamos como referência duas dissertações:

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	PALAVRAS-CHAVES
2008	José Mílson dos Santos	<b>O gênero crônica na sala de aula do Ensino Médio</b>	Dissertação de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes)	Gênero textual; crônica; produção textual; ensino de língua
2015	Roseli Luz Correia	<b>Crônicas na sala de aula: práticas de leitura e (re)conhecimento de mundo</b>	Dissertação do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (Universidade de SP / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas)	Leitura; crônica; entrevista; vídeo documentário; gêneros textuais

José Mílson dos Santos, em sua dissertação de Pós-graduação intitulada “O gênero crônica na sala de aula do Ensino Médio”, objetivou demonstrar uma alternativa para redirecionar e melhorar a sistematização dos conteúdos de ensino, tendo como foco a leitura e a produção de textos, além de ampliar as potencialidades discursivas dos alunos e sua participação efetiva nas práticas sociais da linguagem por meio da leitura e escrita de crônicas, assim como é o intuito da nossa proposta. Destaca, portanto, o trabalho com gêneros textuais na sala de aula para que o aluno conheça o maior número possível desse tipo de instrumento utilizado nas situações comunicativas em que está e será inserido. Também enfatiza que esse trabalho colabora para leituras e produções textuais mais significativas, nas quais o estudante se comprometa com o seu dizer e assuma o papel de autor do texto. Para tanto, utiliza-se da crônica, e parte da observação de seus aspectos estruturais para que o aluno também reflita sobre a realidade que o cerca, recriando fatos cotidianos conforme sua visão pessoal. Baseia sua pesquisa e prática no estudo de Bronckart (2003) sobre os gêneros textuais, enquanto basearemos nossa análise em Bakthin (1997), Marcuschi (2008) e Koch (2015). Ambos os estudos, porém, retomam Geraldi (2012) e sua proposta de estudo da língua nas manifestações concretas das práticas sociais da linguagem. Assim, o autor da dissertação estudada justifica o estudo da crônica, texto que nasce muitas vezes de um fato real, de um acontecimento da sociedade.

O trabalho de José Mílson dos Santos, após a minuciosa análise das produções dos alunos, é concluído com interessantes reflexões sobre as situações mais comuns em sala de aula, como o ensino mecanizado da escrita e o trabalho conjunto de professor e pesquisador na revisão e reescritura do texto (o autor não conseguiu concretizar essas atividades, em vista do calendário escolar do município). Também ressaltou a falta de conhecimentos sobre gêneros textuais por parte da professora de sala, e a sua carga horária muito extensa, o que a impossibilitava, pela quantidade de textos, de ler, revisar e corrigir atentamente cada produção. Tais problemas - carência de estratégias para a formação continuada dos profissionais da educação e carga horária excessiva - muito nos afligem e comprometem nossa

prática, uma vez que poucos municípios possibilitam aos seus professores cursos e licenças para estudo, além de não contribuírem para que a carga horária seja mais bem distribuída e, em alguns casos, diminuída ou organizada em uma única instituição. Muitos estudos realizados diretamente com os professores, especificamente o de José Mílson, demonstram como tal realidade impossibilita, muitas vezes, um ensino bom e eficiente. Para evitar tais transtornos, iniciamos ainda em março nossas oficinas, nos precavendo caso houvesse a necessidade de reformular a sequência em prol de alterações no calendário do município e/ou escolar. Foi possível, ainda, colaborar com a análise dos textos produzidos (e nos processos de revisão e reescrita, tanto em sala quanto via blog), participando também da publicação das crônicas dos alunos, pois a atividade de transcrevê-las para a mídia digital consta como uma das etapas das oficinas.

Portanto, assim como José Mílson dos Santos, também estudamos, por meio das atividades propostas, a língua em suas diversas possibilidades de manifestação e os diferentes modos de expressão das ideias, especificamente por meio da crônica, de forma que os alunos tivessem suas possibilidades discursivas ampliadas, participando cada vez mais das práticas sociais da linguagem.

Em sua dissertação de Mestrado “Crônicas na sala de aula: práticas de leitura e (re) conhecimento de mundo”, Roseli Luz Correa também aproxima os alunos da leitura literária e da produção textual significativa por meio da crônica, afirmando que esse gênero aborda situações reais do cotidiano do seu escritor, no caso, o aluno. Assim como acontece na nossa proposta de pesquisa e prática, a autora estimulou a curiosidade natural do estudante para a investigação, despertando o olhar “observador” como o do cronista por meio de incentivos para que ele, assim como o faz o autor desse gênero, olhasse com mais cuidado a realidade que o cerca. Estimulados pelos textos selecionados para as leituras em sala, os jovens atribuíram sentido à aprendizagem e reconheceram a importância da linguagem, principalmente pelo estudo desse gênero, considerado pela pesquisadora como um “facilitador do processo de ensino-aprendizagem”. Roseli também relacionou o

estudo da linguagem com os gêneros textuais, trabalho que considera a prática da oralidade e da escrita, contribuindo para o aluno entender e dominar sua língua, além de compreender seu provável funcionamento e sua contextualização de acordo com os objetivos do texto e o seu leitor.

A autora desenvolveu atividades diferenciadas de leitura e produção de texto que evidenciaram as estruturas que compõem o gênero selecionado, aspectos como conhecimento prévio e intertextualidade - também por meio de discussões -, e a produção em si, de forma que o aluno ampliasse seu nível de conhecimento cultural e linguístico, objetivo também almejado por nós em nossas oficinas. A pesquisadora justifica a escolha da crônica por ser ela um texto no qual podem ser representadas lembranças, reflexões e observações acerca dos assuntos simples do dia a dia, com o intuito de divertir, refletir e até mesmo fazer críticas diante do tema apresentado, abordagem que se aproxima da vivência dos estudantes, dotados de curiosidades, desejos e incertezas, características comuns a essa fase. Certa de que a produção desse texto “particular” contribui para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, Roseli considera, finalmente, que se deve discutir e exercitar com mais frequência a leitura literária e a escrita em sala de aula por meio dos gêneros textuais, ferramentas que contribuem para que o aluno reconheça diferentes práticas discursivas e as realize como de fato são: manifestações do pensamento e da cultura de cada indivíduo dentro de uma comunidade.

Ainda em nossa busca, encontramos artigos que colaboraram efetivamente com nossa pesquisa. Dos analisados, destacamos quatro:

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	PALAVRAS-CHAVES
2010	Sandra Araújo Lima	<b>O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita</b>	Artigo (PPGE/UFAL. Maceió: EPEAL, 2010)	Leitura e escrita na escola; crônica, motivação para ler e escrever

2014	Estela das Graças do Bomfim	<b>A crônica como ferramenta para produção de texto na sala de aula</b>	Artigo (Disponível em <a href="http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/PDE">www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/PDE</a> )	Leitura; gênero crônica; produção de texto
2013	Cristiane Menezes de Araújo e Sara Rogéria Santos Barbosa	<b>Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores</b>	Artigo ( <i>Revista Interdisciplinar</i> . Edição especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, jun./ jul. 2013)	Tipologia textual; gênero textual; crônica; formação de leitor
2013	Lucia Kozow e Maria Ines Matoso Silveira	<b>Percursos da oralidade na escrita: a linguagem das crônicas</b>	Artigo ( <i>Revista Científica do IFAL</i> . V. 4, n. 1, jan./jun., 2013)	Gênero textual crônica; estratégias conversacionais na escrita; linguagem das crônicas

Sandra Araújo Lima, em seu artigo intitulado “O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita”, considera a crônica um gênero capaz de despertar nos alunos a motivação para o exercício das habilidades de leitura e de escrita, assim como nós o concebemos. Reflete que os estudantes precisam ler e escrever mais na escola, uma vez que tais ações abrem as possibilidades em vista dos conhecimentos adquiridos, e que, embora trabalhemos com um gênero específico, sendo ele um híbrido que informa e diverte, proporciona o despertar para outros gêneros textuais, para a consciência literária e, fundamental para nosso projeto, o prazer do texto. Conclui seu artigo reforçando que formar leitores competentes e capacitados para a leitura e a escrita da diversidade de textos que circulam socialmente é a principal missão da escola atual, e que, para isso, devemos nos servir de práticas pedagógicas que despertem o interesse do aluno por textos escritos, usando outros suportes além do livro didático, como também objetiva nossa proposta, desenvolvendo atividades de leitura e escrita inclusive em *blog*.

Em seu artigo “A crônica como ferramenta para a produção de texto na sala de aula”, Estela das Graças do Bomfim também pretende motivar o aluno a compreender as características dos gêneros textuais, contribuir para a formação de leitores críticos, que analisem os diversos sentidos em um mesmo texto, e promover o gosto pela leitura e pela escrita. Assim, considera que o ensino eficaz da língua deve ter seus conteúdos estabelecidos no uso da língua oral e escrita e na reflexão, uma vez que as competências necessárias para que o sujeito interaja com seu meio social passam por usos específicos da linguagem. Por isso a leitura e a escrita são consideradas como um processo social e histórico, cujo elemento principal é o produto de interação do texto contextualizado. A autora ressalta ainda que, por meio da crônica, os alunos conhecem diferentes textos, reconhecem ensinamentos e, a partir da observação de fatos do cotidiano, podem refletir sobre as virtudes humanas por trás do humor e da simplicidade presentes nesse gênero, características expressas por meio de um trabalho estilístico que o torna mais agradável e cativante, possível incentivo para a entrada no mundo da leitura. Por fim, Bomfim salienta que o trabalho com as crônicas e sua temática do dia a dia exercita o lado observador, crítico, reflexivo e poético do aluno, dando formação à sua identidade e mostrando que o uso dessa linguagem coloquial e leve dialoga muito bem com o leitor, facilitando sua compreensão e a produção textual.

Cristiane Menezes de Araújo e Sara Rogéria Santos Barbosa também abordam essa temática em seu artigo “Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores”. As autoras reforçam que trabalhar gêneros textuais expande um leque para a produção em sala de aula e, ao mesmo tempo, estimula a prática da leitura, pois antes da seleção do texto a ser utilizado há a necessidade de explorá-lo, saber o que significa, qual sua finalidade, como pode ser trabalhado e produzido em sala de aula de forma oral e escrita. Cita Travaglia (2002), ao considerar os textos a partir de seus diferentes tipos e construção pelos falantes, devido à existência de diferentes modos de interação, e Dolz e Schneuwly (1998), que sugerem que as atividades com os gêneros textuais possibilitam uma diversidade de objetos para o processo de aprendizagem, e que a metodologia de apresentar o gênero, ler e criar textos pode desenvolver não apenas o ato criativo, mas também o hábito da leitura, uma vez que

serão estabelecidas a comunicação e a interação social. Sobre a crônica, frisa que seu caráter informativo e descontraído, seu fácil acesso e sua visão crítica, mesclada com humor, desenvolvem habilidades de leitura oral e escrita de maneira autônoma e prazerosa, possibilitando discussões, abrindo janelas para novas interpretações de mundo, aquisição de conhecimento e crescimento sócio-reflexivo dos alunos. Reconhecemos, assim como as pesquisadoras, que as abordagens desses gêneros são muito próximas a bate-papos informais, e assim facilitam esse intercâmbio de experiências que colaboram não apenas nas produções orais e escritas, como também na formação da personalidade do jovem, uma vez que trazem assuntos comuns a muitos deles, mas com pontos de vista distintos e curiosos. Afirma, ainda, que a crônica proporciona ao educando a reflexão, a descontração e o senso crítico sobre diversas temáticas sociais e culturais do cotidiano. Finalmente, retoma que formar leitores por meio de textos é de fundamental importância para enriquecer e ampliar o conhecimento linguístico do educando, assim como suas interações comunicativas e seu universo cultural.

Lúcia Kozow (Instituto Federal de Alagoas - IFAL) e Maria Inez Matoso Silveira (Universidade Federal de Alagoas - UFAL), em seu artigo “Recursos da oralidade na escrita: a linguagem das crônicas”, enfatizam ser esse gênero híbrido um fecundo espaço no qual apreciamos a fusão da oralidade e da escrita como formas complementares, e não opostas. Em nossas oficinas, verificamos o quanto das expressões que os alunos utilizam nas discussões sobre as temáticas propostas são transpostas para a escrita, uma vez que os textos produzidos são frutos tanto das leituras de diversos exemplos de crônica quanto desses momentos em que todos se expressam oralmente. Nas crônicas selecionadas para essas atividades, muitas estratégias de interação conversacional foram apresentadas e comentadas – uma das marcas desse gênero – demonstrando ser esse tipo de texto um exemplo do uso da língua oral na produção escrita, embora essas duas modalidades da língua tenham características distintas. As autoras destacam, por meio de algumas crônicas analisadas, como se dá o uso de recursos característicos da oralidade nesse gênero, e reforçam, com Marcuschi (2007), Rodrigues (1995) e Carvalho (2008), os aspectos da expressão de ambos os modos de funcionamento da escrita,

destacando que é comum encontrarmos vestígios característicos de uma modalidade na outra, mas nunca de maneira aleatória, uma vez que sempre há um propósito, um efeito desejado por parte do escritor. Como a crônica não tem, como finalidade principal, informar, mas refletir sobre um fato ou acontecimento, cativando o leitor, conquistando sua atenção e buscando certa conveniência, confirmam ser fundamental esse tom informal, muito sutil e até irônico. Se a intenção é trazer o leitor o mais próximo possível para o tema ou o assunto em questão, fazer uso de marcas de oralidade não apenas chama sua atenção, como também o convidam para um diálogo, tentando, assim, interagir diretamente com esse outro vértice da tríade escritor/texto/leitor. Lúcia e Maria Ines citam exemplos dessas características, como as perguntas diretas (que o próprio autor, comumente, responde), que confirmam ser esse não apenas um traço marcante da crônica, como também um dos mais importantes propósitos comunicativos desse gênero. Por fim, as autoras ressaltam ser a crônica, que “imbrica em sua estrutura composicional e linguístico-discursiva a linguagem oral e a linguagem escrita”, gênero propício para iniciar e desenvolver a prática de leitura na escola e fora dela, pois envolve o leitor e incentiva o prazer da leitura, além de ser capaz de conduzir às práticas de escrita que transformem, assim como a crônica, algo trivial da vida em motivos de reflexão, de resignificação e de comentários de diversificados matizes.

Finalmente observamos, a partir das pesquisas selecionadas, que a crônica, quando bem explorada tanto em sua estrutura quanto em suas temáticas, pode proporcionar oportunidades excelentes para dinamizar o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, mas quando escolhidas aleatoriamente, sem nenhuma relação com as atividades propostas ou com o contexto da turma, pode prejudicar o início e o desenvolvimento das práticas de leitura e de escrita. Portanto, para que esse trabalho seja realmente significativo, é importante que o professor planeje bem suas atividades (desde os objetivos almejados até a avaliação do trabalho proposto), considere a realidade da sua turma (fundamental para a escolha dos temas, por exemplo), compartilhe com ela todo o processo que será desenvolvido (a fim de que os alunos de fato se sintam parte integrante de todo o projeto) e, de fato, esteja

compromissado com o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita dentro e fora da sala de aula.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ver, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ver o mundo, compreender o seu contexto (...) numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1997, p. 81)

Com o intuito de desenvolver práticas pedagógicas nas quais sejam oportunizados momentos de incentivo e aperfeiçoamento da escrita, consideramos, a princípio, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que nos orientam que “o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 15). Assim, exercitar a leitura de gêneros textuais distintos, sua compreensão, interpretação e a produção a partir desses processos reforça o papel da escola, lugar “reconhecido” (mas não o único) como o espaço apropriado para viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, para ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Lerner (2002, p. 17) afirma que um dos desafios da escola, hoje, é “incorporar todos os alunos à cultura do escrito”, possibilitando que eles cheguem a ser “membros plenos da comunidade de leitores e escritores”, o que ressalta a contribuição dessa etapa para a formação de pessoas aptas a lidar com as várias formas da linguagem e suas práticas sociais, e a necessidade do envolvimento de toda a equipe docente, uma vez que o estudante lê e escreve em todas as disciplinas.

No entanto, muitos alunos da rede municipal e estadual não têm essa prática fora do ambiente escolar, uma vez que não leem jornais ou revistas (as famílias, comumente, nem compram esses suportes textuais), não são incentivados pelos familiares e, também por isso, admitem não gostar de ler. Esses fatos são comumente discutidos em sala de aula pois, como professora, observamos que essas atitudes só confirmam a visão que muitos alunos têm de que leitura e escrita são práticas apenas da sala de aula, com exceção daqueles que já trabalham e se veem obrigados a praticar diversas leituras, ainda que de textos exclusivamente técnicos. Lajolo (1993) enfatiza as estratégias para atravessarmos do mundo da

leitura para a leitura do mundo por meio de um trabalho diferenciado e dinâmico, pois a linguagem, hoje em dia, tem manifestações diversas e rápidas, como as das mídias sociais, mundo no qual os alunos estão inseridos, criando linguagens, compartilhando textos distintos dos trabalhados em sala de aula. Marcuschi (2008) reforça a importância do trabalho com gêneros textuais, necessários para a interação humana, e Dionísio, Machado e Bezerra (2005) salientam que o objetivo primordial da escola é desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas nos alunos, contribuindo para a formação de leitores e produtores de texto por meio de práticas sociais vinculadas aos usos da língua escrita.

Com a diversidade de manifestações da língua escrita e situações nas quais ela se faz necessária em nossa sociedade, espera-se que a escola exerça seu papel social de “possibilitar o desenvolvimento do processo de construção da autonomia dos alunos como usuários da língua em diferentes contextos” (ABAURRE; ABAURRE, 2012, p. 8). Para alcançar esse propósito, a escola, lugar preferencial para que os alunos entrem em contato com os mais diversos gêneros de textos, aprendendo a reconhecer suas características estruturais e também a produzi-los de modo eficiente, precisa compreender que “o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas” (GERALDI, 2012, p. 36). Dessa forma, com atividades que promovam o prazer do trabalho produtivo e criativo com a leitura e a escrita, essa instituição contribuirá para a formação de leitores e escritores com capacidade de ler e compreender textos diversos e expressarem de forma escrita o que pensam, usando seu discurso para manifestar posições ou participar de situações de comunicação.

Contudo, as expectativas sobre as funções da escola, na realidade, não são concretizadas na realidade, e as avaliações nacionais e os exames após o término do Ensino Fundamental II ou do Ensino Médio refletem um desempenho irregular dos alunos na leitura e na escrita, segundo os dados divulgados pelo MEC após a aplicação, por exemplo, de exames como a Prova Brasil (para o Ensino Fundamental I e II), o PAEBES (para o Ensino Médio) e o Enem, principalmente

quando inseridos em práticas sociais que ultrapassam os muros da escola. Ações simples e cotidianas como: ler e interpretar textos jornalísticos escritos e televisionados, relatar acontecimentos vivenciados, relacionar informações e textos diversos, são realizadas com grande dificuldade e de maneira ineficiente. Em concursos e vestibulares, números relevantes de redações não alcançam a nota mínima para aprovação, enquanto milhares são zeradas, o que demonstra que a compreensão de textos e a expressão por meio da escrita, embora obrigatoriamente sejam ações muito praticadas durante todo o percurso escolar, ainda não são efetivamente aprendidas para serem exercitadas nas práticas sociais e em outras situações distintas das vivenciadas na escola. Em vista desses resultados, questionamos os procedimentos adotados no ensino dessas instituições municipais e estaduais, pois

a escola que não desempenha seu papel de mediadora entre os usuários e as diversas modalidades de comunicação prejudica a aprendizagem, o aperfeiçoamento e o conhecimento consciente das potencialidades linguísticas do uso da linguagem. (SANTOS, 2002, *apud* SOUZA, 2002, p. 12).

Na sala de aula, ambiente no qual deveriam ser criadas situações diversificadas e interessantes para que o estudante lesse, escrevesse, refletisse sobre o lido e o escrito e sobre os fatos linguísticos a fim de que ele se apropriasse da leitura, da escrita e da língua (NETO, 1993, p. 27), as práticas desenvolvidas ainda não abordam tais habilidades no sentido mais amplo e significativo, nem desfazem a ideia de que a escrita e a leitura são exigências exclusivas da escola, sem utilidade fora dela. O aluno é motivado a ler praticamente os mesmos gêneros predominantemente narrativos - principalmente ao longo do Ensino Fundamental II -, e a produção, além de ter como modelo textos muito distantes da realidade do jovem estudante, não contempla um leitor real. As crônicas, no entanto, abrem outras possibilidades de leitura e escrita, por meio do seu caráter híbrido, para outros gêneros, como os explorados em nossas oficinas: a canção, o conto, o poema e os textos produzidos em forma de diário para *blogs*.

Logo, o aluno, embora aprenda e exercite essas habilidades em diferentes contextos nas aulas, quando suas produções são exigidas para além da instituição escolar, aproximando as práticas escolares das não escolares, ele não as desempenha efetivamente. Passarelli (2012, p. 34) afirma que “na verdade, não se trata de uma crise *na* ou *da* linguagem, mas de uma crise na capacidade de estruturar adequadamente um texto”. Embora muitos sintam a necessidade (e até o prazer) de “registrar” suas experiências e histórias por meio da escrita, ação comum principalmente aos jovens e constantemente partilhada em redes sociais, muitos alunos, ainda que formalmente alfabetizados, encontram dificuldades de ler e de entender textos mais longos, localizar ou relacionar informações, sem compreender produções que circulam socialmente.

Assim, é urgente uma reformulação no ensino de Língua Portuguesa - ou pelo menos de algumas práticas -, a fim de dinamizar essa aprendizagem tão importante no percurso escolar e nas práticas comunicativas fora da escola. Lajolo (1993, p. 8) reforça ainda que “a reflexão teórica, a abordagem histórica e a análise textual constituem trajetos seguros e paisagens sedutoras na tão necessária travessia do mundo da leitura para a leitura do mundo”. Por isso um trabalho diferenciado com o texto e todo o seu universo, além de dinamizar o ensino e a aprendizagem da nossa língua materna, aproxima também o aluno da literatura em suas numerosas expressões.

Sobre a leitura e a escrita na sala de aula, nos fundamentamos em Abaurre e Abaurre (2012), que incentivam a construção da autonomia do aluno como usuário da língua em diferentes contextos. No entanto, dinamizar as práticas linguísticas em ambientes escolares que não dispõem de uma boa biblioteca, de um acervo diversificado e de um bibliotecário para nos auxiliar é muito complicado, pois o professor tem de desenvolver, sozinho, sua proposta de trabalho, multiplicando-se em vários, uma vez que comumente não dispõe de tempo, na própria escola, para organizar suas atividades. Essa ação solitária se soma a uma carga horária que, a princípio dedicada ao planejamento, também é usada para reuniões pedagógicas e

formações continuadas, que não deixam de ser importantes, mas muitas vezes diminuem o tempo que deveria ser dedicado ao planejamento por área, principalmente.

Neto (1993) defende sua proposta de fazer da sala de aula um espaço para reflexão sobre a língua e suas manifestações, um lugar onde a leitura e a escrita sejam práticas vivas, instrumentos poderosos para a expressão de vivências, permitindo aos alunos repensarem o mundo e reorganizarem o próprio pensamento. Porém, as reflexões sobre a língua e suas diversas manifestações, que também precisam ser proporcionadas e discutidas pelas outras disciplinas, devem considerar todos os alunos, sem distinção de classe social, histórico escolar ou grau de dificuldade, diversidades comuns dentro de uma sala de aula. Existem aqueles alunos que leem e produzem textos mais naturalmente, e esses recebem mais destaque e atenção; aqueles que apresentam mais dificuldades para ler e escrever e, em vista da quantidade de alunos em sala ou dos conteúdos extensos, não recebem um acompanhamento individual e concluem o ano sem que suas necessidades sejam percebidas e solucionadas. Assim, não selecionamos alunos de várias turmas ou de uma turma, mas desenvolvemos nossas atividades com uma turma inteira e sua diversidade de alunos e de aprendizagem. Como Costa reforça,

a leitura feita para produção, reprodução e transformação de sentidos dará subsídios para o aluno descobrir-se, desvendar as contradições do ser humano e do mundo, estabelecer conclusões acerca da intencionalidade do texto e da ideologia que lhe subjaz, tornar-se capaz de concordar, discordar, questionar e apontar alternativas próprias. (COSTA, *apud* SOUZA, 2002, p. 37)

Por conseguinte, quanto mais crônicas com estruturas, temáticas e visões diferentes sobre o mesmo tema - pois vários cronistas podem falar de um mesmo assunto, contudo de maneiras completamente diferentes, cada um analisando o fato ou o acontecimento de um ângulo individual, original -, mais o aluno terá bons modelos para criar suas produções, com sua própria visão individual e original, com seu próprio estilo.

Passarelli (2012) destaca a crise na capacidade de estruturar adequadamente um texto, realidade dos nossos alunos, que continuam apresentando dificuldades de leitura e escrita mesmo depois de formados no Ensino Médio. Exames nacionais e municipais retratam essa situação, mas não nos preocupamos, enquanto professores, apenas com esses resultados, mas principalmente com o distanciamento entre o *como* e o *que* o aluno lê e escreve na sala de aula, *como* e o *que* ele lê e escreve em outros ambientes, e o que é cobrado nas avaliações institucionalizadas, cujos parâmetros desconsideram a diversidade das escolas e do processo de aprendizagem dos alunos. Ressaltamos, ainda, que para ter um estilo próprio de escrita, independente do gênero textual trabalhado, o aluno também precisa aprender a manejar o idioma, exercitá-lo em diferentes práticas e atividades, enfim, conhecer a matéria-prima da escrita para, com mais segurança, desenvolver melhor a leitura e a escrita em quaisquer e distintas práticas da linguagem. Por mais que sigamos um plano de curso único para as turmas de um mesmo ano, o andamento do ensino dos conteúdos está sujeito ao tempo da aprendizagem e à natureza das práticas de leitura e escrita, que diferem muito dentro de uma turma, assim como de uma turma para outra. Logo, diante dos exames elaborados pelas Secretarias de Educação sem a participação dos professores da escola, é comum o aluno verificar que o conteúdo cobrado ainda não foi estudado, e ter o seu desempenho prejudicado, assim como o desempenho da equipe docente e da escola, cujo resultado positivo é premiado com verbas.

Contra-pondo-se ao que comumente é visto, Koch (2015) propõe que as atividades de leitura e produção textual sejam regidas pela interação e mobilização de diversos conhecimentos, tanto didáticos - aqueles vinculados aos conteúdos que os estudantes precisam aprender para usar em sua vida futura -, quanto os conhecimentos comunicativos, por meio dos quais se estabelece contato com as pessoas, se conhece outros mundos possíveis, se pensa a partir de novas perspectivas, enfim, conteúdos para cumprir outras finalidades na vida social.

A reestrutura da postura da escola, que não pode ignorar ou reprimir, como um sistema educacional, todos esses aspectos que envolvem a produção da fala e da escrita, também é reforçada por Kleiman (1989), que ressalta que a compreensão de um texto, a construção do seu sentido é um processo que se caracteriza pela interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, e o de mundo. Contudo, um dos impasses vividos pelos professores é justamente a organização para que esses conhecimentos sejam instigados dentro de um prazo relativamente curto, e que no ano seguinte seja garantida ao aluno a continuidade desse trabalho, já que faz parte da rotina de muitos professores finalizar o ano sem que o conteúdo previsto tenha sido contemplado na sua totalidade.

Solé (1998) indica a necessidade de as escolas propiciarem recursos e estratégias para a formação de bons leitores, como atividades diversificadas para o ensino da língua materna, mas para que essa função da escola seja efetiva, é fundamental que a instituição conheça seus profissionais, a metodologia que utilizam, seus resultados, e avalie a aprendizagem que promove. As preocupações com as habilidades de leitura e escrita são muito mais complexas do que a fluência da leitura em voz alta, o emprego da ortografia correta ou incorreta, pois o aluno continua interessado nas atividades apenas se tiver uma nota como retorno. Como adverte Santos (2002), se o educando não é incentivado a escrever com liberdade - nem a ler por prazer, sem a obrigação de atividades interpretativas e/ou avaliativas -, a usar o sistema linguístico escrito como sendo criado e mantido por sua ação (visto ser esse um sistema simbólico), sem autoconfiança para usar as possibilidades que o sistema linguístico lhe oferece, ele não exercita na escola seu espírito questionador, produtor e transformador da realidade. Em nosso projeto piloto, desenvolvido em 2016 na UMEF TI Sen. João de Medeiros Calmon (Vila Velha), a participação nas produções textuais aumentou consideravelmente quando a professora de Língua Portuguesa da turma decidiu que essa atividade melhoraria a nota final na matéria. Os alunos já projetam que tudo o que fazem na sala de aula deve ter como resultado uma nota, mas propomos também, em nosso projeto, a leitura e a escrita por fruição, na qual o aluno desenvolva as atividades propostas visando ao conhecimento de diferentes produções textuais, a manifestação de suas

experiências e criações na escrita e, posteriormente, num *blog* literário e numa coletânea de textos.

Finalmente Koch e Elias (2015) ressaltam que a escrita é um trabalho de quem tem algo a dizer e faz isso em relação a um outro, com um objetivo, daí a importância de propor que nossos alunos não apenas decorem conceitos, mas principalmente reflitam e compreendam o uso da nossa língua dentro e fora da escola. Rangel e Rojo (2010) explicam que produzir um texto, atividade complexa, pressupõe uma atenção não apenas às exigências, às necessidades e aos propósitos requeridos por seu contexto sócio-histórico e cultural, mas também exige ações e projeções de natureza textual, discursiva e cognitiva, antes e no decorrer da elaboração, por isso a importância da colaboração do professor, auxiliando tanto no processo da escrita inicial, quanto na reescritura, e dos momentos de partilha de interpretações, no nosso caso, das crônicas motivadoras.

Paulino (2001) discorre sobre o trabalho de publicação dos textos produzidos pelos alunos em um *blog* literário e pontua a necessidade de uma adaptação do texto escrito para a tela do computador, trabalho que desenvolvemos, na escola, em parceria com a técnica de informática. Rojo (2012) reforça a importância dessa metodologia ao afirmar que, por meio dos novos recursos midiáticos, os usuários expandem e difundem a linguagem. Também aponta a possibilidade de o *blog* ser um espaço para as práticas de leitura e escrita, pois propicia novas formas de acesso à informação, a processos cognitivos, como também a novas formas de ler e escrever, gerando novas aprendizagens e ampliando as possibilidades de comunicação e socialização do aluno. Ainda disponibilizamos, uma vez que o *blog* criado na escola, anualmente, é reformulado, uma coletânea com os textos produzidos em sala, que foram disponibilizados na biblioteca da escola, estando acessível a todos os alunos que estudam na instituição.

Quanto ao gênero textual que contemplamos em nossas atividades, a crônica, Candido (1992) o considera como um gênero leve, cuja linguagem se aproxima do nosso modo mais natural de ser, e Tufano (2005) frisa que os aspectos da vida, nesse tipo de texto, servem de inspiração para a criação de matérias interessantes, principalmente pela forma literária como são tratados. Moisés (1978) almeja que o aluno, por meio do trabalho com a crônica, não se converta em um simples repórter do cotidiano, mas que desenvolva um olhar de poeta ou ficcionista do dia a dia, uma vez que esse gênero, com graça e leveza, proporciona ao leitor uma visão mais abrangente, de outros ângulos, que vai além do circunstancial do nosso cotidiano. É essa a sensibilidade que pretendemos desenvolver nos alunos participantes das oficinas, que eles consigam narrar os sinais de vida que diariamente deixamos de lado.

A escolha da metodologia para nosso estudo e prática foi fundamentada nos PCNs (1997) e em Bogdan e Biklen (1999), que nos orientaram, por meio de seus estudos, sobre o desenvolvimento da nossa pesquisa qualitativa e sobre o método de abordagem qualitativa de natureza aplicada, com objetivos descritivos e seguindo os procedimentos de uma pesquisa-ação, essa proposta por Tripp (2005). Acreditamos que o aluno, consciente das etapas do nosso projeto e participando do percurso, se comprometa positivamente na elaboração de um resultado satisfatório e convincente para todos os leitores e para ele mesmo, nosso *blog* literário e nossa coletânea de textos.

Finalmente, a prática do nosso trabalho - as oficinas de leitura, interpretação, produção e publicação do material produzido pelos alunos - foi organizada a partir da sequência básica proposta por Cosson (2007), mas acrescida de outras etapas, uma vez que as contidas no estudo do citado autor não contemplam todo o processo almejado pelos nossos objetivos. Pretendemos, portanto, oportunizar aos alunos leituras diversas, criar estratégias para que eles leiam e compreendam o que leem cada vez melhor, orientá-los para produções textuais significativas e, por fim, incentivá-los a se apropriarem da leitura e da escrita como práticas sociais.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Considerando a língua como uma atividade cognitiva, histórica e social que privilegia a natureza funcional e interativa (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2005, p. 22), e que seu conhecimento e domínio se relacionam com a possibilidade plena de participação social, nossa pesquisa e prática terão como ponto de partida um gênero textual específico, a crônica, com sua história e carga sociocultural, uma vez serem os gêneros textuais uma “forma de inserção, ação e controle social do dia a dia”, e também necessários para a interlocução humana (MARCUSCHI, 2008, p. 161). Por meio das atividades propostas, tendo como fonte principal o texto - leitura, compreensão, discussão e produção de crônicas -, oportunizaremos o exercício da língua em seus usos mais diversos, de modo “a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje” (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2005, p. 43).

### 4.1 A LEITURA E A ESCRITA NA SALA DE AULA

A descoberta do continente a leitura é uma conquista que só pode ocorrer com a prática, a formação, a educação, ou o exemplo de adultos totalmente engajados nesse processo (RIBEIRO, 2000, p. 45).

Ler e escrever, segundo Koch e Elias (2015, p. 9), “são atividades regidas pelo princípio da interação e, como tal, requerem a mobilização de conhecimentos referentes à língua, a textos, a coisas do mundo e a situações de comunicação”. Logo, essas práticas precisam fazer parte do cotidiano escolar, para que os alunos leiam e escrevam com o intuito de garantir o desenvolvimento dessas habilidades por meio de estratégias cada vez mais motivadoras, aproximando o universo da sala de aula à realidade exterior. Com esse intuito, as atividades textuais propostas nas oficinas relacionam diretamente a leitura de textos “modelos” e a produção a partir dessas leituras, uma vez que

a leitura é um elemento constitutivo do processo de produção da escrita por fornecer matéria-prima para essa produção: ter *sobre* o que escrever. A leitura também contribui para a constituição dos modelos: ter *como* escrever (NETO, 1993, p. 55)

Se, segundo Paulino (2001, p. 22), “ao ler, o indivíduo ativa seu lugar social, suas vivências, sua biblioteca interna, suas relações com o outro, os valores de sua comunidade”, é importante que o professor aplique estratégias que valorizem essas referências, que deem voz e vez às manifestações diversas dos alunos, preocupando-se, posteriormente, em adequar essas produções aos objetivos propostos. Essas experiências é que estarão refletidas nos textos que o aluno/escritor criará por intermédio do professor que sabe fazer da prática da língua o meio mais eficiente para o aluno dela apropriar-se, oportunizando, assim, que suas produções sejam o resultado natural de leitura e de debates na sala de aula.

Quanto à prática da leitura, ainda hoje temos aulas nas quais o aluno lê por ler, ou para responder a perguntas para o professor saber que ele leu, enquanto nas situações sociais comuns a todos nós há um componente social nesse ato, uma vez que lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer. Em nossa vida cotidiana, lemos para buscar respostas para nossas perguntas e para alcançarmos objetivos que dependem de cada situação de leitura. Esses objetivos também se modificam na medida em que lemos o texto, e é esse, na fala de Rangel e Rojo (2010), um dos grandes desafios das aulas de leitura: levar o aluno a formular e reformular seus próprios objetivos.

Além desse aspecto, que comprova a distância da leitura em sala de aula da leitura do mundo, muitos outros são os obstáculos para a realização dessa atividade em sala nas redes públicas e municipais, e vão desde a falta de material para todos os alunos (principalmente quando usamos livros, por isso optamos, quando possível, pelas cópias xerografadas), à quantidade de estudantes por turma. Também nos deparamos com alunos que não gostam de realizar a leitura em voz alta, em sua

maioria feita por aquele que a própria turma já determina como “leitor oficial”, aquele que sempre lê quando alguém solicita essa atividade. Em nossas oficinas, quando perguntávamos quem gostaria de ler o texto motivador, sempre os mesmos alunos se manifestavam, ou a própria turma determinava um leitor já habitual para esse tipo de atividade. Por isso, é comum o professor realizar as primeiras leituras e, à medida que a turma se torna mais íntima, se conhece melhor, outros auxiliam nesse processo. Por ser um momento importante de compreensão e discussão, deve se expandir também para outras disciplinas, pois a leitura, em qualquer atividade escolar, é o encontro do aluno com o texto, momento em que ele participa do ponto de vista veiculado pela produção para, a partir desse momento, construir a sua visão sobre o assunto.

Segundo Neto (1993, p. 66), ler é uma valorosa ação e deve ser muito exercitada para que o aluno extrapole e avance enquanto ser que pensa e que descobre o pensamento dos outros, através da palavra e da sua organização. Por isso não se deve propô-la exclusivamente com objetivos práticos, que vão do ensino da morfologia ao da ortografia, mas exercitá-la também por fruição, e principalmente feita e/ou orientada em parceria com um professor que seja também um bom leitor. Logo, a instituição escolar deve propiciar recursos e estratégias de ensino que façam dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela, desfrutando das atividades que envolvam essa prática, independente da disciplina escolar (SOLE, 1998, p. 18).

Em nossas oficinas, os alunos fizeram leituras de crônicas de Domingos Pellegrini, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, Ignácio de Loyola Brandão, Martha Medeiros, Andréia Delmaschio, dentre outros autores, para conhecerem, além da estrutura do gênero textual, outras possibilidades de temas e organizações textuais, com o intuito de exercitar uma leitura interativa - na qual o leitor se situa perante o texto, utilizando seu conhecimento de mundo e de texto para construir uma interpretação sobre aquele (SOLE, 1998, p. 24). Dessa forma, ao registrarem suas experiências pessoais e criarem histórias, especialmente as que narram situações

que tenham como ambiente a escola, os alunos terão disponíveis modelos distintos para auxiliar na escrita, fazendo do texto um fomentador de possíveis leituras, referencial e estímulo para a produção textual. Essa proposta de interação entre leitor, autor e texto, concebida por Bakhtin (2007, *apud* NASCIMENTO, 2011, p. 3) e relacionada à leitura, realça que a cooperação entre esses três elementos colabora para que o leitor se torne protagonista no processo de compreensão, consciente da colaboração dos outros numa leitura verdadeiramente interativa.

Sobre a escrita, muitas vezes o aluno acredita que escrever é um dom, algo destinado a pessoas especiais, capazes de desenvolvê-la como num passe de mágica. Mas cabe ao professor mostrar que

[...] a escrita é um processo e, como tal, para escrever, as pessoas precisam se dar conta de que somente com muita reflexão, rascunho, revisão e troca de ideias com outras pessoas e, às vezes, mais reflexão ainda, é que a maioria dos escritores consegue elaborar um texto razoavelmente satisfatório (NETO, 1993, p. 43).

Essa visão justifica nossa preocupação em trazer para a leitura e a produção textual temas que façam parte da realidade dos alunos, que também foram (ou podem ser) vivenciados por eles, como situações dentro de um ônibus, na rua, no comércio, no cinema, na família, na própria escola, enfim, cenas do cotidiano que podem acontecer com qualquer pessoa, inclusive com eles. Lopes (2001, *apud* NASCIMENTO, 2011, p. 1-2) reforça que a leitura em uma perspectiva interacionista realiza-se num fluxo de informação, pois o ato de ler abrange tanto a informação impressa contida na página quanto à informação que o leitor traz para o texto, afirmando que o processo de significação de um texto passa pela interação, um intercâmbio mútuo dos conhecimentos do leitor, do autor e do texto. Assim, nas discussões a partir da temática das oficinas, acrescidas da leitura de crônicas diversas (e outros gêneros, como o texto poético, a canção, trechos de filmes, videoclipes, dentre outros), espera-se que seu repertório de histórias seja ampliado, o que contribuirá para uma produção textual mais prazerosa, criativa e livre. A leitura, nesse aspecto, realiza-se como o momento do encontro do leitor com outros contextos, quando acontecimentos novos e anteriores se relacionam e o processo dialógico acontece.

Outro fator considerável para o desinteresse pela produção de textos é a metodologia comumente aplicada em sala de aula, com textos escritos “mecanicamente”, uma vez que seus temas são pré-estabelecidos pelo professor - muitas vezes distantes das práticas sociais de leitura e escrita dos alunos -, e têm todo o seu processo de criação finalizado com uma nota e uma reescritura, sem que haja uma reflexão sobre o sistema da escrita e a dimensão social dessas manifestações da língua na comunidade. Segundo Marcuschi e Val,

[...] a escrita da redação não se orienta pelos fatores que possibilitam ao autor definir o conteúdo, a estrutura, o estilo de linguagem e até o tamanho de seu texto. O objetivo, nesse caso, é apenas cumprir uma tarefa, na qual se molda o produto de acordo com a imagem que se tem das expectativas do leitor único, o professor (MARCUSCHI; VAL, 2008, p. 8).

De acordo com os PCNs, o ensino descontextualizado pouco contribui para a competência discursiva, “essa capacidade de se produzir discursos orais ou escritos, adequados às situações enunciativas em questão, considerando todos os aspectos e decisões envolvidos nesse processo” (BRASIL, 1997, p. 35). Diante, portanto, de uma proposta pedagógica muitas vezes autoritária, artificial e pouco significativa, com textos e interpretações muito simplificadas, comumente voltadas apenas para a transcrição de trechos e decodificação de vocabulário, é compreensível (mas urgente de mudança) que o estudante, por mais inteligente que seja diante de tantas situações complexas da vida (aquisição da linguagem, transações com dinheiro, jogos de computador, atividades profissionais, regras e práticas esportivas, dentre outras), não consiga arregimentar e ordenar esse (re) conhecimento potencial para expressar e ampliar suas possibilidades de comunicação e socialização na escrita (COLELLO, 2004, p. 10). Assim, é fundamental desenvolver atividades de escrita ativando conhecimentos e mobilizando várias estratégias, uma vez que o produtor, “de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e guiado pelo princípio interacional” (KOCH; ELIAS, 2015, p. 34).

As questões gramaticais, sintáticas e semânticas que comprometerem a compreensão dos textos produzidos pelos alunos, e que ocorrerem com maior frequência, serão mais bem trabalhadas no processo de reescrita, de forma que o desvio seja observado e enunciado numa linguagem clara, contribuindo de fato para a adequação do texto escrito ao objetivo da comunicação. E como a escrita deve ser compreendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor por meio de gêneros textuais num contexto sócio-historicamente situado, Marcuschi (*apud* RANGEL; ROJO, 2010, p, 78) ressalta ainda que no ensino da produção textual as propostas sugeridas devem ter relação com as práticas sociais e com gêneros textuais passíveis de reconstituição, ainda que parcialmente, em sala de aula. Logo, pretendemos que todas as etapas de leitura, discussão e produção sejam iniciadas em aula, com a participação direta do professor, pois essa escrita precisa ser vista como “um ensaio ou uma prévia convincente do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social”. (MARCUSCHI *apud* RANGEL; ROJO, 2010, p. 78).

Kock e Elias (2015, p. 36) ressaltam que a escrita é um trabalho no qual o sujeito – no nosso caso, o aluno – tem algo a dizer e faz isso sempre em relação a um outro, o interlocutor/leitor, com um objetivo. A consciência de um interlocutor/leitor, do “onde” e do “quando” da escrita e o suporte de veiculação são aspectos considerados pelo produtor ao elaborar e desenvolver a sua produção, recorrendo a

estratégias textuais durante todo o percurso da atividade, sua produção. Neto ressalta que

Escrevemos para manifestar a nossa verdade, a nossa emoção, a nossa história, para atingir o outro (...). O que sustenta um trabalho de ler e escrever é o valor da palavra como mediadora da inter-relação entre o leitor e o autor, texto e contexto, o que é, por esse ponto de vista, a comunicação segundo a concepção interacionista (NETO, 1993, p. 21-2).

Portanto, todo o trajeto de escrita (revisão, reescrita e publicação) será orientado pelo professor, a fim de que o aluno perceba que seu texto terá um novo objetivo, muito além de uma nota, e um interlocutor real, os leitores do *blog* e da coletânea,

dentre eles amigos da própria sala e colegas da escola, além de pessoas que não se pode imaginar quem sejam.

Essa transposição do texto escrito em papel para a tela de computador, segundo Paulino (2001, p. 32), altera não apenas a postura corporal do leitor, que manterá contato com o objeto via botão ou teclado, mas principalmente a do escritor, que terá sua produção ampliada por outras instâncias de significação, uma vez que podem ser acrescentadas imagens, comentários e reflexões que enriquecem a produção original. Ali, produtor e leitor têm mais poder de interferência, pois terão acesso ao universo hipertextual, numa interação diferente da que temos com o texto impresso, participando ativamente de um processo de encadeamento de textos e contextos, sem seguir obrigatoriamente um caminho pré-determinado (a sucessão de páginas), fato que determina tanto o processo de criação como o de recepção.

Finalmente, por meio das propostas deste projeto, visamos a contribuir para que os alunos participantes compreendam que a leitura e a escrita são objetos sociais, não apenas escolares, e que para se apropriarem efetivamente dessas habilidades, eles devem perceber o significado funcional desses atos - ler e escrever - por meio do contato com as várias maneiras como eles são veiculados na sociedade. Se uma das mais nobres e belas tarefas dos professores de língua portuguesa é possibilitar que alguém se aproprie da língua, tornando-a parte de sua identidade, de forma que por meio dela consiga expressar-se com liberdade, sem receios, e nas diversas situações práticas do convívio social (AMARAL, 2013, p. 4), ansiamos para que nossas atividades colaborem efetivamente para que a leitura e a escrita adquiram um significado para todos os envolvidos. Almejamos, ainda, que a escola, por meio de práticas que deem sentido ao ensino e à aprendizagem da escrita, empenhe-se em formar uma comunidade de escritores que produzam seus próprios textos para mostrar suas ideias, e que seja um ambiente no qual, como deseja Lerner (2002, p. 18), leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, e ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem reorganizar o próprio pensamento e repensar o mundo.

## 4.2 A CRÔNICA

Sobre o que escrevo? Sobre a experiência de estar aqui, de viver aqui. Sobre os espinhos do cotidiano. Muita gente me pergunta se tudo de que eu falo acontece mesmo ou se eu invento. Vivo me inspirando em histórias de amigos, em coisas de que ouço falar. Na realidade, enfim. Mas também costuro acontecimentos entre si, dou um toque pessoal, exagero (CARRASCO, 1996, p. 4-5).

A escolha do gênero textual crônica deve-se ao fato de que esse tipo de texto, desde a sua criação, registra, de maneira informal, simples e bem próxima do leitor, pequenos acontecimentos de todo dia, “onde cabem pequenas coisas do cotidiano, (...) como páginas de memória, lembranças de infância, flagrantes do cotidiano, comentários metafísicos, considerações literárias, poemas em prosa, trechos de romance” (BENDER; LAURITO, 1993 p. 42). Narrativa curta, a crônica traz um texto muito acessível do ponto de vista da leitura e da produção escrita, despontando um olhar sobre o cotidiano sem ser um mero relato. Com sua linguagem descompromissada - numa combinação de elementos literários, como o uso expressivo das palavras e da linguagem figurada, e elementos jornalísticos, como a objetividade, a concisão, a clareza de informações -, esse gênero leve narra assuntos corriqueiros em forma de histórias cheias de lirismo e humor, mas também pode dizer as coisas mais sérias como uma conversa fiada, pois “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento” (CANDIDO, 1992, p. 20). Assim, a crônica convive e dialoga intensamente com a palavra e com o leitor, uma vez que seus objetivos transcendem à simples informação.

Justamente pelo fato de ter essa dupla natureza - jornalística e literária -, nossos alunos registraram, nas crônicas produzidas ao longo das oficinas, experiências pessoais ou ficcionais vivenciadas dentro e fora da escola. Moisés (1978, p. 285) reforça a importância desse narrador personagem que conta sua história de forma direta, uma vez que, para o cronista, “é a sua visão das coisas que lhe importa e ao leitor, a veracidade positiva do acontecimento cede lugar à veracidade emotiva com que o cronista divisa o mundo”. Esse processo se realizará concomitantemente à

leitura de crônicas de autores consagrados, como Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Clarice Lispector, Lya Luft e Martha Medeiros, dentre outros.

No livro didático, onde é comumente encontrada - e em alguns casos, a principal fonte de texto literário para a maioria dos jovens, quando não a única, pelo menos no Ensino Fundamental II (BENDER; LAURITO 1993, p. 44) -, a crônica é apresentada ao leitor como uma narrativa curta, leve, com poucos personagens, com tempo e espaço delimitados pelo veículo em que geralmente é publicada: revistas e jornais. Alguns autores insistem em desconsiderar a organização desse gênero em livros, por seu caráter efêmero, mas Candido (1992, p. 14-5) contesta, alegando que a crônica, quando passada do jornal para o livro, nos deixa “meio espantados, pois verificamos que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”. Sá (1985, p. 85) também acentua que “o público do livro é mais seletivo, mais reflexivo, até pela possibilidade de escolher um momento mais solitário para ler o autor de sua preferência”. Portanto, proporcionamos aos estudantes, numa das oficinas, uma aula na biblioteca, onde tem acesso a um acervo vasto de publicações de crônicas, para que possam escolher o livro e selecionar um ou mais de sua preferência para efetuar uma leitura livre, por fruição. Também valendo-nos de livros, teremos mais possibilidades de releitura e desse contato fundamental do aluno com esse instrumento de aprendizagem, para que ele, como leitor, seja tocado também pela estrutura física da obra. O sucesso de coleções como *Para gostar de ler* e as obras de Luis Fernando Veríssimo, como *Comédias da vida privada* (que inclusive esteve entre os livros indicados para vestibular na UFES por alguns anos) reforçam que, por relatar informalmente as muitas “histórias que a vida conta”, explorando o humor, o lírico ou o trágico do cotidiano, é um texto que contribui para a entrada no mundo da leitura e da literatura, principalmente por sua leitura fácil, rápida e sintética. É a crônica ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (CANDIDO, 1992, p. 14), com seu tom bem-humorado, sensível, despretensioso, que emociona, envolve e ajuda o leitor a refletir criticamente sobre questões sociais, atos e sentimentos humanos.

Antes publicadas em folhetins, as crônicas serviam para “amenizar” as notícias mais sérias do dia a dia e, aos poucos, foram perdendo seu caráter de relato e ganhando as cores de texto literário graças a Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio, em fins do século XIX, cada um com seu estilo. Outros renomados escritores, como Cecília Meireles, Clarice Lispector, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos conferiram ao gênero maior prestígio, entre os anos 40 e 70, inserindo-o definitivamente na história literária brasileira. Alimentando-se do dia a dia com seu ar de “conversa entre amigos”, esse gênero textual recria aqueles aspectos da vida exterior ou interior que podem parecer irrelevantes, mas que, sob o olhar do cronista, são valorizados e transformados em matéria interessante de leitura pelos comentários que gera e pela forma literária em que são expressos (TUFANO, 2005, p. 9).

Consideramos a crônica, portanto, como uma possibilidade de diálogo com as situações experimentadas pelos alunos em seu dia a dia, a partir de temáticas selecionadas e discutidas em sala. Esse gênero também contribui para lapidar esse olhar do aluno, de forma que ele perceba com mais cuidado essas histórias que o cercam e pelo exercício da linguagem - como na crônica, ágil como os acontecimentos, mas num tom coloquial -, consiga registrá-las no papel e, posteriormente, no blog literário e na coletânea de textos que produziremos. Nesse tipo de texto, portanto, queremos desenvolver e explorar o lado autor do aluno, contando fatos como se tivessem acontecido mesmo, porém com uma liberdade maior que a da notícia, pois o relato é feito como se fosse “por acaso”. Ângelo (2007, p. 10) destaca esse aspecto da relação entre o leitor e o escritor desse tipo de gênero, ao afirmar que

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidade irmãs (ÂNGELO, 2007, p. 10).

Pretendemos, portanto, que o aluno/escritor vá além de um simples relato, que compreenda e pratique as estratégias da oralidade, marca desse gênero, para criar

esse clima de proximidade, de identificação. Como descreve Moisés (1978, p. 247), que esse jovem não seja um simples repórter do dia a dia, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, ressaltando do acontecimento trivial sua porção fantasia.

Como a crônica é um tipo de texto que nos faz pensar sobre a vida e sobre o mundo a partir de pequenos fatos corriqueiros, vemos nessa prática de ensino-aprendizagem a possibilidade de trazer para o texto da sala de aula a vida real dos alunos, o que veem e como reagem a isso, a fim de sensibilizá-los para que desejem e sintam a necessidade de participar e de se fazer presente por meio da leitura e da escrita. Por meio desse gênero tão popular, que convive e dialoga intensamente com a palavra e com o leitor, almejamos promover uma aprendizagem na qual os alunos possam assumir-se como produtores do conhecimento e também sujeitos desse processo. É a produção de um texto contextualizado e que ultrapassa os muros da escola, relacionando as produções escolares com as práticas sociais da linguagem, pois é fruto das motivações e vivências dos alunos, considerando “o miúdo, e mostrando nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeita” (CANDIDO, 1992, p. 14).

#### 4.3 O BLOG E A COLETÂNEA DE TEXTOS

Assim, tem-se na tecnologia, não só quando a serviço da educação, a possibilidade de fazer as pessoas dialogarem e interagirem, numa vivência de comunicação, vendo no próximo alguém que tem algo a dizer. A serviço da educação, as novas tecnologias devem servir como mediação pedagógica a partir de um projeto educativo, num diálogo efetivo com a realidade. É preciso, pois, promover canais de comunicação, potencializando a capacidade de leitura e escrita do aluno, socializando sua produção, avaliando os usos (RIBEIRO, 2014 *apud* COSCARELLI; RIBEIRO, 2014, p. 96).

Após a leitura, discussão, criação e revisão dos textos, estes foram publicados em um *blog*, uma vez que os gêneros textuais “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (DIONÍSIO; MACHADO; BORGES, 2005, p. 19), e organizados em uma coletânea de textos, a fim de compor o acervo da biblioteca da própria escola. Afinal, “à

medida que o aluno utiliza a escrita para criar textos, suas possibilidades de comunicação e socialização se ampliam, assim como sua participação nas esferas sociais letradas, permitindo a ele construir uma imagem de si associada aos textos que escreve, e elaborando, dessa forma, sua identidade de autor” (FORTUNATO, 2010, p. 58). Um dos objetivos específicos do ensino de Língua Portuguesa, segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 25), ressalta que devemos reconhecer o uso das novas tecnologias, conhecer as ferramentas da mídia interativa e seus aplicativos (especificamente para esse trabalho, o *blog*), utilizando a tecnologia como esfera de comunicação.

Com a divulgação desse material numa mídia criada pelos próprios alunos – que produzirão esse blog literário nas oficinas, com o auxílio da técnica de informática, a professora Kelly Cristina Wagner Soares Ferreira –, reconhecemos a escola enquanto contribuidora na interação fecunda entre os membros da comunidade escolar e na participação efetiva dos seus alunos na construção da cidadania por meio da escrita. Os textos, aprimorados com o intuito de despertar nos leitores interesse, curiosidade e admiração, concretizam a presença de um público composto, em sua maioria, por colegas de turma e alunos de outras salas, ação que justifica o cuidado com *o que* escrever e *como* escrever. Nesse ambiente virtual, pretende-se que o aluno/escritor tenha uma relação com seus leitores reais, que comentariam os textos disponibilizados, sugeririam alterações e identificariam problemas que comprometem a legibilidade da produção. Lajolo reforça a necessidade desse “leitor real”, pois, ciente da presença dele,

o escritor faz a fineza e a justiça de expor aos leitores seus melhores argumentos, tentando transformá-los, assim, em interlocutores e comparsas, os quais, tanto mais respeita, quanto mais se lhes dão piparotes, palmadas e piscadelas de olho, ingredientes fundamentais no pacto que escritores e leitores celebram desde que o mundo passou a circular em folhas impressas, reunidas em livros vendidos em lojas especializadas (LAJOLO, 1993, p. 35).

Dessa forma, além de fazerem questionamentos ao autor, esses leitores virtuais o ajudariam a perceber o que não está dito no texto, contribuindo ainda mais para a autonomia desse escritor nesse espaço digital, onde as produções são cada vez mais interativas e colaborativas, múltiplos textos e linguagens são criados, com

múltiplos significados e modos de significação, diversificando e enriquecendo a aprendizagem da linguagem e suas práticas (ROJO, 2012, p. 37). Ressaltamos ainda que, caso os textos publicados no *blog* sejam bem recebidos pelo leitor, ele também contribui na distribuição dessa produção ao reproduzi-la (na íntegra ou de parte dela) e compartilhá-la por meio de *WhatsApp*, *Facebook* ou *Instagram*, ampliando ainda mais o número de leitores virtuais. Ainda que cada oficina englobe práticas de leitura e escrita, de análise e reflexão sobre a língua e de revisão e reescrita, os textos já publicados podem ser enriquecidos com o ponto de vista do leitor do *blog*, processo que também contribui para o amadurecimento do aluno enquanto escritor e, por fim, para o aprimoramento do texto em si, uma vez que só se aprende a escrever escrevendo.

Em vista da atualização anual do *blog* literário da instituição, ação que possibilita a utilização desse espaço por outros professores e alunos, acordamos em organizar os textos produzidos, após a revisão das duas professoras de Língua Portuguesa que trabalharam na turma (eu, aplicadora das oficinas, e a professora da classe, a sra. Dóris Helena Arca Tostes), em uma coletânea de textos. As cópias desse material estão disponíveis na biblioteca da escola, a fim de que outros alunos também tenham acesso à coleção, agora parte da história da escola e, principalmente, dos alunos do 9º “F” do ano de 2017.

Buscamos, ainda nessas produções, a recuperação de histórias que marcaram a trajetória desses jovens nas instituições educacionais nas quais estudaram - uma das temáticas para a produção de crônicas, assim como amor, família, lembranças da infância, dentre outras -, a valorização da autoestima desse autor que “floresce”, consciente de que a produção é uma atividade que é regida não apenas por regras, mas também pela imaginação e pela observação de como outros escritores se utilizam dos próprios recursos expressivos para dizerem o que querem dizer. Proporcionamos aos alunos, também, a aprendizagem em num novo ambiente de comunicação e interação que já faz parte do cotidiano deles, para que, além de leitores, os estudantes possam também ser escritores desses novos gêneros digitais

presentes na *web* (ROJO, 2012, p. 121). Afinal, quando os usuários dessas tecnologias educacionais – professores e alunos – aprenderem a lidar com o mundo de sugestões e de atividades diferenciadas que essas ferramentas disponibilizam, certamente a escola poderá se transformar num lugar mais real, mais acessível, em que aprender será um prazer, e a troca de informações, assim como a construção de saberes, serão atividades constantes e prazerosas (COSCARELLI, 2014, p. 40).

#### 4.4 A ESCOLA

A pesquisa e a prática apresentadas nesse trabalho foram desenvolvidas na instituição municipal UMEF TI Senador João de Medeiros Calmon, localizada no bairro Parque das Gaivotas, em Vila Velha, com uma turma de 9º ano. Essa instituição, almejada por mim desde a minha efetivação na Rede Municipal, em 2004, é considerada referência em vista da sua efetiva participação nos eventos da Prefeitura Municipal de Vila Velha, como os concursos literários, olimpíadas de matemática e as competições esportivas municipais e estaduais. Com uma boa localização no bairro, é constituída por um quadro de funcionários que fazem parte dessa instituição há anos, e essa permanência é justificada pela boa estrutura da escola e pelos excelentes projetos ali desenvolvidos, como o *Mais Educação* (sobrevivendo em apenas algumas escolas devido à falta de verbas), que inclui práticas esportivas, reforço de Matemática e aulas de circo (em prática somente nessa escola), atividades desenvolvidas no contraturno. Muito divulgada nas mídias do Estado, essa instituição também é referência por sua Banda de Música, presente na grande maioria dos eventos da Prefeitura de Vila Velha. A escola é composta por 19 salas de aula bem iluminadas e arejadas, pátio interno e externo, quadra de esportes coberta, campo gramado, refeitório amplo, piscina semi-olímpica, laboratório de informática, auditório e biblioteca com um bom acervo, estrutura que atende a aproximadamente 600 alunos no turno matutino, 600 no vespertino e 100 no noturno. Fazem parte do quadro de funcionários, por turno, aproximadamente 25 professores, 5 professoras da Educação Especial, 2 pedagogas, 3 coordenadoras, 4 secretárias, 5 funcionários da limpeza e 5 merendeiras, trabalhando com 19 turmas de aproximadamente 35 alunos por sala. Não há ocorrências graves quanto à indisciplina, mas são comuns casos de assalto nos arredores da escola,

independentemente do horário. Os alunos são constantemente incentivados pela equipe docente a participarem de projetos da Prefeitura e de editoras, têm representatividade em Olimpíadas (de Língua Portuguesa e de Matemática), e no ano de 2016 e de 2017 muitos foram aprovados no IFES e outros selecionados, pelo bom desempenho em notas e boa disciplina, para o processo de seleção da Fundação Bradesco. Ao longo do nosso trabalho de aplicação da pesquisa, contaremos com a colaboração da Técnica de Informática, a professora Kelly Cristina Wagner Soares Ferreira, auxiliando-nos na criação, no acesso e no registro das atividades no *blog*, da bibliotecária, a professora Rodenir Zucatelli Dal’Piaz, contribuindo na seleção de textos, obras e nas oficinas de produção, e com o apoio fundamental da professora de Língua Portuguesa da turma, a sra. Dóris Helena Arca Tostes, participando nas oficinas e nas revisões dos textos produzidos.

#### 4.5 A METODOLOGIA

As propostas de leitura e escrita têm como razão a compreensão ativa, a expressão e a comunicação por meio de textos, a fim de que as situações didáticas levem os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente (BRASIL, 1997, p. 22).

Quanto à metodologia utilizada em nosso projeto, a proposta de trabalho será desenvolvida por meio da abordagem qualitativa de natureza aplicada, com objetivos descritivos e seguindo os procedimentos de uma pesquisa-ação como a sugerida por Tripp (2005, p. 433-66), processo de melhora da prática recorrendo a ela própria para compreender as situações, planejar as melhoras eficazes e explicar resultados. Tal proposta organiza-se nas seguintes etapas: identificação do problema (dificuldades de leitura e produção textual); planejamento de uma solução (atividades de leitura e de escrita com o gênero textual crônica); implementação (aplicação das oficinas); monitoramento (revisão e reescritura das produções textuais em sala de aula); avaliação da eficácia (acompanhamento, por meio de registros pontuais, do avanço ou das dificuldades em cada oficina); planejamento de uma melhora da prática (reformulação das oficinas posteriores, das temáticas ou da distribuição dos encontros, quando houver necessidade). Dessa forma, produziremos conhecimento baseado na prática, fazendo a transição da teoria para

a prática e vice-versa, a fim de alcançarmos objetivos com a participação efetiva e colaborativa de todos os participantes, alunos e professores envolvidos.

A turma que participará da pesquisa foi escolhida com o auxílio da professora de Língua Portuguesa da turma, a sra. Dóris, pois ela lecionava para três turmas de nono ano e uma de oitavo ano, e precisávamos selecionar apenas uma para a aplicação das oficinas. A seleção dessa turma de nono ano deu-se em vista das dificuldades e da pouca participação da maioria dos alunos dessa turma em atividades de leitura e de escrita aplicadas em sala de aula pela professora de Língua Portuguesa. Após a apresentação de todo o projeto, eu, professora pesquisadora, e a professora Dóris conversamos sobre as características das três turmas de nono ano para as quais ela lecionava, e optamos, pelo 9º “F”, classe formada por 35 alunos – 20 meninas e 15 meninos -, com a faixa etária entre 14 e 18 anos. Durante todo o desenvolvimento das atividades, nós duas discutimos os temas das oficinas e compartilhamos nossas análises das produções dos meninos. As dificuldades que eram mais comuns nos textos (como coesão, coerência e concordância) eram retomadas em suas aulas, e a aprendizagem era observada nas atividades de reescrita.

Selecionada a turma, fui introduzida no cotidiano escolar desse grupo, assistindo a algumas aulas e analisando como os trabalhos de leitura e de escrita eram conduzidos. Também observei quais alunos participavam dessas atividades e de que forma o faziam. Algumas aulas depois, apresentei a proposta de trabalho aos jovens, assim como todo o ciclo de atividades que seriam desenvolvidas, visto ser esse um método participativo, cooperativo e colaborativo, que requer o envolvimento de todos os participantes. Em seguida, depois de conhecê-los em seu ambiente escolar, foi realizada uma análise diagnóstica por meio de um questionário sobre suas práticas de leitura, de escrita, e o que sabiam sobre o gênero escolhido, a crônica, com questões sobre as prováveis temáticas desse tipo de texto e os cronistas que já tinham lido.

Esse momento de identificação do problema, de conhecimento da turma e de apresentação da proposta de trabalho, concluindo a primeira fase do percurso, tem como referência os PCNs, que afirmam que “o conhecimento dos caminhos percorridos pelo aluno favorece a intervenção pedagógica, pois permite ao professor ajustar a informação oferecida às condições de interpretação em cada momento do projeto” (BRASIL, 1997, p. 35). Assim, a partir do observado em sala e das respostas do questionário, identificamos os tipos de leitura feita pelos alunos, como lidam com a escrita e o que sabem sobre a crônica, pistas que guiaram nossa prática, tornando-a mais eficaz e significativa. Como pretendemos, seguindo as características do método abordado, compreender a prática para melhorá-la, entendendo também a prática rotineira, a presença e a participação da professora Dóris, contribuindo principalmente na orientação para as produções em sala e na revisão desses textos, foi fundamental para a realização de todo o projeto e, segundo a professora, colaborou imensamente para a sua prática docente.

Na fase de implementação da proposta, as oficinas foram organizadas por temas, selecionados de acordo com algumas das respostas do questionário diagnóstico, dialogando com outros gêneros, como a canção, o poema, a charge e os quadrinhos. Dentre os assuntos escolhidos, tivemos as crônicas escritas a partir de textos jornalísticos (manchetes e notícias), sobre amor, amizade, vida escolar e atualidades, mas estivemos abertos a outras sugestões, como a violência contra a mulher, infelizmente crime quase diário em nossos jornais, sendo o Espírito Santo um dos estados em que esse tipo de crime ocorre com mais frequência. Após cada leitura, seguem as discussões sobre o assunto em questão, com a partilha de histórias e experiências, e em seguida uma produção textual é solicitada. Essa fora iniciada em sala, mas entregue nas aulas seguintes. Posteriormente os textos foram devolvidos após uma revisão de ambas as professoras e reescritos em sala, também com o auxílio das mesmas. Como parte dessa fase, os textos foram publicados pelo próprio aluno no *blog* literário *JC Jovens Escritores*, que ele também ajudou a criar, e as postagens também foram discutidas em oficinas, assim como os comentários dos leitores, as possíveis alterações e as percepções das críticas. Nessa etapa, contamos com o auxílio da técnica de informática, conosco desde a montagem do

*blog* até o monitoramento das postagens, já que os alunos também informaram não ter acesso a *blogs*, por desconhecimento de como fazê-lo.

Os textos produzidos, portanto, foram considerados em toda a sua complexidade e contexto, privilegiando a compreensão dos comportamentos dos alunos diante das temáticas, das abordagens e das propostas. Consideramos, ainda, os usos linguísticos dos alunos como formas genuínas de expressão da língua portuguesa, convenientes e adequados à sua inserção social, assim como a bagagem cultural que eles trazem de casa, condições para sua participação efetiva nas diferentes atividades sociais. Contemplando as orientações dos PCNs, que afirmam que “é no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento, pois produzindo linguagem aprende-se linguagem” (BRASIL, 1997, p. 25), as questões gramaticais, sintáticas e semânticas serão demarcadas nas produções entregues após a primeira escrita, e o processo de reescrita acompanhado por mim, investigadora, e pela professora de sala. Quando, por meio da observação, notarmos algo que seja comum ao grupo analisado e/ou que se repita com certa constância (como problemas de pontuação, coesão e coerência, por exemplo), também abordaremos essas dificuldades nas próprias oficinas, procurando identificar as causas desses problemas, esclarecendo dúvidas e orientando para que o texto fique mais claro, coerente e coeso. Esse processo de avaliação da eficácia proporciona uma revisão da oficina seguinte, que pode ser alterada ou não, pois uma vez identificadas e compreendidas a(s) dificuldade(s) na leitura e/ou na produção dos textos, projetamos mudanças que tornarão o próximo momento mais produtivo.

Pela característica da pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e interessada também no processo de produção textual e não apenas no produto final (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p. 49), todo o material produzido nas oficinas será recolhido e avaliado, assim como os outros tipos de registros (fotos, comentários nas discussões, análise dos textos lidos e dicas, por exemplo), e reformulado quando necessário, para que o percurso de desenvolvimento dos alunos seja registrado e

analisado. Confirmando, ainda, o caráter indutivo do método de abordagem selecionado para este trabalho (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p. 50), o processo de reavaliação foi feito após cada oficina, percebendo-se os pontos positivos e negativos da abordagem e atividades e contribuindo para que as particularidades sejam inter-relacionadas, colaborando, assim, para que detectemos as dificuldades mais importantes nesse grupo. Aproveitaremos para fazer uma análise comparativa da evolução da escrita dos estudantes, pois o material, após a publicação no *blog*, será guardado para que retorne, ao final das oficinas, ao próprio aluno, a fim de que ele mesmo observe como escrevia antes e o que mudou com essa prática diferenciada de criação textual.

Evidenciamos, no entanto, que a temática pode ser alterada durante o percurso do projeto, assim como a frequência das oficinas, sujeitas a alterações segundo o calendário municipal e particularmente o da escola, onde outros projetos são desenvolvidos e muitas outras atividades comemorativas são realizadas.

Finalmente, pretende-se que as práticas de leitura e escrita sejam dinamizadas, uma vez que os alunos terão acesso a várias crônicas, com diversos temas. Esperamos, portanto, que essa diversidade textual, associada às discussões e à troca de experiências, contribua para que as produções sejam criadas com maior facilidade e prazer.

#### 4.6 AS OFICINAS

Visando a práticas que, a princípio, exercitem a leitura e a escrita, permitindo uma interação de modo criativo com as palavras (COSSON, 2007, p. 53), uma vez que serão abordadas temáticas que extrapolam a sala de aula e se aproximam da realidade do aluno, as oficinas de leitura, interpretação, discussão e produção de crônicas serão desenvolvidas com base na proposta de Rildo Cosson, apresentada em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* como “sequência básica do letramento literário na escola” (COSSON, 2007, p. 51). Embora essa proposta seja

voltada para o letramento literário e se organize em apenas quatro passos (motivação, introdução, leitura e interpretação), nosso trabalho adotará essa sequência, acrescentando outras etapas, uma vez que, após a interpretação, faremos a produção textual e, em seguida, a publicação desse material em mídia virtual e em nossa coletânea de textos. Ressaltamos, ainda, que a nossa proposta de atividades, seguindo as orientações dos PCNs (BRASIL, 1997, p. 29), pretende mediar as três variáveis do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa - aluno, língua e ensino -, com o intuito de promover o esforço de ação e reflexão do estudante por meio das leituras e produções escritas.

#### **4.6.1 Primeiro momento: Motivação**

As atividades de aproximação ao texto colaboram para que, ao iniciar a leitura, o aluno tenha condições de relacionar-se interativamente com ele, confrontando suas previsões ao que encontra no texto verbal, realizando seleções, escolhendo modos de ler e estratégias para lidar com o que o texto lhe trazer de novo. Nelas, o grupo vai trabalhar sobre conhecimentos prévios necessários à leitura, sejam eles relacionados à temática do texto, ao gênero do discurso a que pertence ou aos recursos linguísticos necessários para sua compreensão (SIMÕES, 2012, p. 148).

A preparação para o aluno receber o texto, por exercer grande influência sobre as suas expectativas, deu-se por meio outros gêneros textuais, como canção, ilustrações, filmes, reportagens, enfim, de acordo com o tema das crônicas que foram trabalhadas posteriormente. Esses textos introduziram não apenas o assunto a ser discutido e a partir do qual será feita a produção, mas auxiliaram na percepção do comportamento do estudante diante do que será apresentado, pois para ler e compreender um texto, é preciso que o leitor aporte ao texto objetivos, ideias e experiências prévias. Cosson (2007, p. 83) reforça que “é preciso compreender que o literário dialoga com os outros textos e é esse diálogo que tece a nossa cultura”, e que à escola cabe “ampliar essas relações e não estrangê-las”. Abaurre (2012, p. 11) destaca, ainda, que toda experiência de leitura, por mais informal que possa parecer, contribui para a formação de um importante repertório pessoal de referências históricas, culturais, políticas, entre outras influências. Logo, pretendemos, além de apresentar o tema, perceber, por meio das conversas em decorrência dela, o que os alunos conhecem do assunto em questão, seus pontos

de vista, suas sugestões, enfim, informações que podem complementar ou serem contraditas nos textos produzidos. E aproveitamos essa etapa para compartilhar informações prévias (como elementos verbais ou não verbais) que funcionaram como ponto de partida para a leitura, para a reflexão dos alunos e, posteriormente, para a produção de bons textos. Segundo Simões (2012, p. 148), “começamos a ler e a lançar sobre o texto uma interpretação mesmo antes de lê-lo no sentido verbal mais estrito”. Também antecipamos o teor das discussões que foram acrescentadas com as informações trazidas pelo texto base, a crônica.

#### **4.6.2 Segundo momento: Introdução**

Com a crônica em mãos e já conscientes da temática principal da oficina, foram apresentadas informações sobre o autor e o livro em que consta o texto, assim como a relação dele com a história contada. Nesse momento, segundo Cosson (2007, p. 57), devemos “incentivar o questionamento das escolhas do autor, partilhar certezas, dúvidas e dificuldades”. Como os textos são marcados pelo momento histórico em que foram escritos e pela cultura que os gerou, ter essas informações no momento da leitura contribui para a compreensão do que será lido. Ele ainda sugere que despertemos no leitor “a curiosidade não sobre o fato, mas sim sobre como aconteceu” (p. 57), mas enfocaremos principalmente como o episódio é contado (com humor, ironia, drama ou lirismo), destacando desde a estrutura até a composição linguística. Vieira e Brandão (2007) também pontuam que

(...) para saber interpretar textos não basta conhecer a gramática da língua, mas é preciso ter acesso ao contexto sócio-histórico em que aquilo foi dito. Por isso é importante informar-se a respeito das condições de produção em que se deu o texto, ou reconhecer quem é o autor e saber que, ao escrever, teve certas intenções, recuperadas por meio do exame das operações linguístico-discursivas utilizadas (VIEIRA; BRANDÃO, 2007, p. 246).

Outro fator que aproxima o aluno do texto é o compartilhamento físico do livro, permitindo que o estudante manuseie a obra e, quando possível, folheie o material.

#### **4.6.3 Terceiro momento: Leitura**

Crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo (...). Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você notara, ao ler a narração do fato, como ele ganha interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. E aí começa a alegria da leitura, que vai longe. Ela nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Daí por diante a leitura ficará sendo um hábito, e esse hábito leva a novas descobertas (DRUMMOND; SABINO; CAMPOS; BRAGA, 1989, p. 4-5).

Cosson (2007, p. 62), afirma que “a leitura escolar precisa ser acompanhada para que o professor possa auxiliar o aluno em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura”. Esse monitoramento também propicia a solução de alguns problemas, como os ligados ao vocabulário e à estrutura composicional do texto. Essa etapa, por conseguinte, pelo menos nas primeiras oficinas, foi feita por mim, como pesquisadora, e com intervalos, quando foi preciso esclarecer algumas dúvidas. Dependendo do tamanho da crônica, a leitura, primeiramente, é silenciosa; em seguida, em voz alta. Nas oficinas, os alunos foram convidados a fazer a leitura em voz alta, que foi seguida das discussões. Consideramos a leitura como um dos momentos em que ocorre a interação entre o texto, o autor e o leitor, de onde surgem as informações e despertam-se emoções de vivências anteriores que farão parte da interpretação. (VIEIRA; BRANDÃO, 2007, p. 243). É nela que identificamos o tom que predomina a crônica lida e ouvida, as palavras, as expressões ou frases que produzem efeitos de sentido, a pontuação utilizada, as variedades linguísticas empregadas e sua relação com as características do gênero. Lima (2010, p. 5) reforça que o primeiro passo para despertar o interesse pela leitura e, conseqüentemente, encaminhar os alunos para uma boa leitura, é levá-lo de fato à leitura, conduzi-los a desenvolver essa prática, tendo-a como uma atividade prazerosa. Por isso optamos por temáticas comuns à vivência do estudante, e preferimos, inicialmente, crônicas curtas e humorísticas, mas, ao longo das oficinas, mesclamos essa tendência com textos líricos, reflexivos e dramáticos. A autora reforça, ainda, que a crônica é um gênero propício para abrir esse caminho, por sua linguagem moderadamente elaborada, informal, leve, semelhante a uma conversação, o que cria uma cumplicidade entre leitor e público.

#### 4.6.4 Quarto momento: Interpretação e discussão

(...) as interpretações de um texto não obedecem a um processo de convergência, mesmo porque as experiências dos alunos são diferenciadas e, por isso mesmo, cabe ao professor instigar o conflito das interpretações junto ao grupo de alunos na medida em que é nesse conflito que reside a maior riqueza da leitura (SILVA, 1991, p. 108).

Num processo dialógico entre autor/texto/leitor são destacadas as relações entre os enunciados, as inferências, aspectos que auxiliam na compreensão global do texto, compreensão essa que depende também de outros fatores, como o tratamento que o leitor oferece ao texto, seu interesse sobre o tema a ser discutido e o próprio hábito da leitura. Esse é o momento para os alunos exercitarem a oralidade - fazendo perguntas, levantando hipóteses, confrontando interpretações, contando sobre o que leram e compreenderam -, relacionando o lido com experiências vividas por eles ou por conhecidos. Como a escola prioriza a escrita, esquecendo-se da fala, na qual está a vida da língua e de onde saem muitas representações (SIMÕES, 2012, p. 148), esse momento ainda auxilia a expressão pessoal, o ouvir, as relações entre os assuntos e situações, enfim, a manifestação de experiências e opiniões que se relacionam com as experiências e opiniões dos colegas, atitudes que auxiliam na construção do texto do outro e do próprio texto. Para Cosson (2007, p. 66), “na escola, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura”. Paulino enfatiza que,

diante da individualidade do texto, que produz no leitor reações, também elas, únicas e intransferíveis, nenhuma metodologia pode ter caráter coletivo ou globalizante; o máximo que se tem a fazer é deixar que aquela individualidade se apresente e se desvele, impondo-se de forma a que cada um seja capaz de entendê-la e interpretá-la. (PAULINO, 2001, p. 7-8)

Assim, organizamos esse momento de partilha de ideias e pontos de vista a fim de que todas as posições fossem ouvidas e respeitadas. Ainda nesse momento, destacamos as características do gênero textual escolhido, a crônica, a fim de que os alunos percebessem que tipo de texto seria produzido, lembrando a eles que

esse gênero pode tomar as mais variadas formas - narrativas em prosa, poemas ou canções. Essa retomada das marcas peculiares do gênero com o qual trabalhamos nos propicia compartilhar conhecimentos com os quais o leitor consiga ser crítico e entender as entrelinhas de um texto. Assim, de acordo com Madi (2007, p. 6), gradativamente esse leitor deixa de escrever “de ouvido”, ou seja, intuitivamente, e passa a fazê-lo de modo consciente, compreendendo tanto o literal, o explícito, quanto o inferencial, condições fundamentais para a formação de leitores autônomos capazes de ler e de escrever.

#### **4.6.5 Quinto momento: Produção textual**

A escrita socialmente significativa passa por uma reflexão sobre experiências vividas, pelo acesso a experiências que envolvem a observação criteriosa de algo, pela busca de informações com quem as detêm ou em fontes onde estão depositadas. Lidar com esses pontos de partida para a escrita é uma tarefa de produção textual, que deve ser destacada da tarefa de redigir em si mesma e merece trabalho (SIMÕES, 2012, p. 161).

Após a leitura e discussão dos textos motivadores, os alunos foram orientados a partilharem, na escrita, experiências como as dos textos lidos, ou registrarem sua opinião sobre o assunto da crônica trabalhada. Os aspectos mais importantes do texto (estrutura, linguagem, traços semânticos, dentre outros), assim como da discussão e dos textos motivadores, foram enumerados no quadro a fim de que a produção fosse efetuada em casa. Essa atitude se deve ao fato de que, na experiência piloto, também realizada na UMEF Sen. TI João de Medeiros Calmon, com duas turmas do 9º ano, em 2016, muitos alunos, após as orientações para a produção, reclamaram de que o ambiente da sala não ajudava na escrita, pois não conseguiam se concentrar ali em decorrência das conversas e do tempo reduzido para escreverem. Reconhecemos, ainda, a complexidade envolvida no processo da escrita, que exige planejamento do que deve ser priorizado e o que deve ser deixado de lado, mobilizando para tanto seus conhecimentos sobre o gênero textual, o tema e as demais condições de produção, embora esse planejamento possa sofrer alterações no decorrer da escritura, tendo em vista os propósitos comunicativos pretendidos (RANGEL; ROJO, 2010, p. 79), como presenciamos quando produziam em sala de aula. Inicialmente ainda tentamos produzir os primeiros textos em sala,

mas como as dificuldades citadas anteriormente se confirmaram, optamos por deixar a produção para casa. Logo, como um dos objetivos do nosso projeto é criar estratégias para que os alunos sintam-se à vontade para produzir seus textos, orientamos que a escrita seja feita em casa, e entregue em até três dias (os anos de prática nos mostram que quando o prazo de entrega dos textos ultrapassa a semana em que o material foi solicitado, os alunos, talvez por esquecimento, não o produzem). Como o momento da produção de textos escritos precisa ser significativo para o aluno, todo o processo até aqui desenvolvido visou ao envolvimento dele com a situação criada, para que considere interessante ou importante manifestar-se sobre um determinada questão.

#### **4.6.6 Sexto momento: Revisão e reescritura**

Mas é fundamental deixar claro que um texto não nasce pronto: há muito o que fazer depois de uma primeira versão". (...) "feita a avaliação, é preciso encontrar os pontos em que o texto precisa ser aprimorado. Por isso, às vezes poderá ser mais produtivo o professor simplesmente escrever um bom bilhete e lançar perguntas que estimulem o autor a retomar este ou aquele trecho, a buscar mais informações, a reorganizar as informações em termos de sua distribuição, e assim por diante (SIMÕES, 2010, p. 176).

Após a análise individual dos textos, eles foram devolvidos e, quando possível, revisados na presença da pesquisadora ou da professora da turma, a fim de que as dúvidas pudessem ser esclarecidas naquele momento. A reescritura foi feita pelo aluno, que encontra nos pontos demarcados pelas professoras o que precisa ser melhorado, alterações essas justificadas em um pequeno comentário (o "bilhete" sugerido por Simões) ao final da produção do aluno. Ao longo dos anos de prática, esse processo de revisão e reescritura feito em sala e com os esclarecimentos diretos da professora estabelecem uma aproximação maior entre ela e o aluno, uma vez que as questões apontadas podem ser discutidas (muitos alunos não releem os textos, não entendem o que foi destacado, querem explicar o que acreditam ter escrito) e adequadas para a melhor compreensão do texto. Esse é o momento para ensinar ou sistematizar as convenções da escrita, os conteúdos de gramática e os conhecimentos linguísticos requeridos para o aprimoramento do texto, adequando-o aos objetivos propostos, ao veículo e ao público pretendido.

Geraldi (2012, p. 73-4) ressalta que o texto, além de suporte para debate e discussão, o que colabora muito na produção dos textos, “também serve para a análise linguística, pois o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno, por isso partirá do texto dele”. Ao compartilharmos esse material no *blog*, aproveitamos para aperfeiçoar a escrita, tendo em vista o público dessa mídia, remetendo-nos também aos PCNs, que destacam que “o ensino de Língua Portuguesa deve falar da e sobre a linguagem como meio para melhorar a qualidade da produção linguística” (BRASIL, 1997, p. 39). Ainda sobre o trabalho que será realizado nessa etapa do projeto, retomamos Koch e Elias (2015, p. 36) que destacam que “o *como* dizer o *que* se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve a escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes e reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação”. E é essa a nossa principal proposta: tornar a produção textual uma atividade habitual e prazerosa, colaborando para que o aluno assuma crítica e criativamente sua função de sujeito do discurso, tanto como falante/escritor, quanto como ouvinte/intérprete.

#### **4.6.7 Sétimo momento: Publicação no blog**

Para um texto cumprir seu objetivo, é preciso ser pensado e escrito considerando-se quem vai lê-lo. (...) Uma escrita ganha clareza à medida que o autor leva em conta seus leitores (MADI, 2007, p. 6).

Após o processo de reescritura, o aluno, nas oficinas, transcreveu sua produção para o *blog* que ajudou a criar, com o auxílio da técnica de informática e da pesquisadora. Ambas, além de orientarem sobre possíveis problemas de digitação, ainda colaboraram na melhor adequação do texto para aquele veículo. Temos, nessa etapa, a conscientização, segundo Marcuschi (2008, p. 20), de que “toda a linguagem é dialógica, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém”, e em nosso contexto, de um autor real para um leitor também real, pois ao ser lido, o texto cumpre sua função social, atinge sua finalidade e dá visibilidade ao escritor. Nas oficinas seguintes, essa etapa pode ser feita em outro

ambiente (na própria casa do aluno, quando possível), e a produção final visualizada posteriormente pela pesquisadora. Como os textos ficaram expostos a comentários e sugestões dos demais colegas de classe e dos demais leitores, os alunos/escritores foram convidados, na oficina seguinte, a compartilhar essas postagens, assim como seus sentimentos sobre o que foi escrito. Um leitor que não compreendeu o texto, tendo dúvidas sobre os dizeres que não estavam explícitos, ao indagar sobre as informações ausentes (ou sobre aquelas que dificultam o entendimento), ajudou o escritor a tomar consciência das lacunas de sua produção e a reescrevê-la de forma mais completa e coerente, de modo que ela cumprisse o objetivo para o qual foi planejado. Na sala de aula, esse papel de revisor coube ao professor; no *blog*, essa função foi exercida pelos leitores virtuais que, por meio de seus comentários, colaboram para que o aluno revisasse e aperfeiçoasse sua escrita. Nesse momento, o estudante compreendeu como é difícil finalizar um texto, o quanto ele pode e deve alterá-lo (e quando é necessário fazê-lo), e o papel do leitor na sua produção. Proporcionamos, por conseguinte, que ele refletisse sobre as relações que se estabelecem nesses ambientes virtuais e as transformações que trouxeram para o seu texto, sua vida pessoal e escolar.

#### **4.6.8 Oitavo momento: A coletânea de textos**

Onde cabem as pequenas coisas do cotidiano? Como registrar a história nossa de cada dia, não necessariamente a História? Como tornar o eterno instantâneo? Como captar a conversa fiada, os pequenos sentimentos, as coisinhas, nossas ou alheias? O espaço literário para tudo isso é a crônica (...) (BENDER; LAURITO, 1993, p. 43)

Finalmente, como um registro do que foi produzido em nosso projeto, organizamos os textos produzidos pelos alunos em uma coletânea, disponibilizada para toda a escola como parte do acervo da biblioteca. Para nos auxiliar na revisão dos textos, adequação para esse veículo impresso e na sequência das produções, contamos com a bibliotecária da instituição, a sra. Rodenir Zucatelli Dal’Paz. A proposta dessa coletânea surgiu do meu acesso a outros projetos desenvolvidos no laboratório de informática da escola que foram organizados nesse tipo de produção, em vista da

atualização anual do *blog* criado, dando espaço para os trabalhos desenvolvidos pelos professores do ano posterior.

Assim, ressaltamos que a sequência proposta foi desenvolvida em quatorze oficinas, durante as quais aproveitamos os vários ambientes que a escola disponibiliza, além da sala de aula (biblioteca, laboratório de informática, auditório, pátio), de acordo com as atividades da oficina em questão. O *blog* foi produzido antes do início das produções textuais, pois a criação dessa mídia também tem objetivos textuais, uma vez que os próprios alunos organizaram, coletivamente, o formato do *blog*, aprendendo sobre as ferramentas e os procedimentos que auxiliam nessa produção e no acesso a essa mídia virtual. Após a postagem dos textos e a organização desse espaço interativo, o endereço do *blog* foi divulgado para toda a escola, ficando disponível para que os colegas tivessem acesso ao material produzido, assim como as professoras para usá-los em suas aulas.

Ansiamos, portanto, que as atividades aqui propostas tenham contribuído para o desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita, diversificando as aulas de Língua Portuguesa (especificamente as de leitura e de produção textual), e sensibilizando os alunos para a importância da aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que elas são instrumentos fundamentais para as práticas sociais em uma comunidade. Segundo Neto (1993, p. 22), “o aluno traz um domínio de linguagem e um conhecimento gramatical intuitivo e introjetado, que muitas vezes se disfarça em desconhecimento pelo visor das cobranças dos chamados pré-requisitos dos conteúdos programáticos pré-estabelecidos”. Cabe à escola, portanto, incentivar práticas que possibilitem ao aluno expressar-se com liberdade, espelhando em sua fala e em sua escrita suas características históricas, geográficas, sociais e estilísticas, de forma que, sabendo utilizar as possibilidades que o sistema linguístico lhe oferece, esse aluno exercite, dentro e fora da escola, seu espírito questionar, produtor e transformador da realidade que o cerca.

## 5 O PRODUTO EDUCACIONAL: MÃOS À OBRA

### 5.1 OFICINA 1: MUITO PRAZER, O QUE VAMOS FAZER? (11/04/2017)

Iniciamos a primeira oficina na turma 9º, na terceira aula (logo após o recreio, uma vez que a escola, por ter 19 turmas no turno, divide o recreio em dois horários: um das 8h40 às 9h, e o segundo, das 9h30 às 9h50; nesse dia, a turma em questão participou do primeiro recreio), com a presença da professora de Língua Portuguesa da turma, a sra. Dóris. Os alunos foram receptivos e ouviram atentamente minha apresentação e a proposta de trabalho, desde o desenvolvimento das oficinas até a conclusão das atividades, com a publicação dos textos no *blog* da instituição e na coletânea. Em seguida, solicitei que duas alunas me auxiliassem na distribuição dos questionários individuais e das folhas para rascunho, enquanto justificava a necessidade dessas respostas para que eu conhecesse a prática de leitura e de escrita deles, assim como o que compreendiam sobre o gênero com o qual trabalharíamos. Como alguns alunos tiveram dificuldades em compreender as perguntas e elaborar as respostas, enquanto outros se estenderam nas suas explicações escritas, o tempo para o questionário foi além do esperado, e a professora aguardava para corrigir atividades do livro. Logo, a nossa primeira oficina não pode contemplar a leitura das crônicas inicialmente propostas, mas em vista do grande número de alunos que não se recordavam desse gênero textual (segundo dados do questionário), foram feitas mudanças para a segunda oficina, alterando também a previsão inicial da quantidade de oficinas. Ao final do nosso tempo, enquanto recolhia os questionários, aproveitei para indagar se os alunos tinham *blog*, ou se seguiam algum em especial, e a negativa foi unânime. Como tínhamos ainda alguns minutos, aproveitei para apresentar-lhes uma crônica de Marcos Rey, *Fila nos bancos*, para relembrem desse gênero.

### 5.2 OFICINA 2: DESCOBRINDO A CRÔNICA (18/04/2017)

Em vista da quantidade de alunos que, de acordo com as respostas do questionário diagnóstico, não se lembrava do que era uma crônica, resolvi, nesse segundo

momento, proporcionar aos alunos, num ambiente fora da sala de aula (a biblioteca da escola), um tempo para a leitura de crônicas por fruição, para que se recordassem desse gênero textual, sem que houvesse a preocupação com atividades após a leitura. Antes da chegada da turma no espaço, selecionei, com o auxílio da bibliotecária, livros de crônicas, e organizamos esse material sobre duas mesas, que ficaram dispostas próximas à entrada do ambiente. Quando os alunos chegaram, foram convidados a escolher um livro dentre os dispostos, sentarem onde desejassem e iniciarem a leitura dos textos. Enquanto escolhiam, observei que muitos optaram por determinadas publicações pela capa e pelo título, enquanto outros selecionaram pelas dimensões do livro. Após o primeiro momento de escolha, fiz uma pequena explanação sobre a trajetória da crônica, antes escrita para os jornais, suas características estruturais – como a linguagem mais coloquial, a curta extensão, os temas apresentados, também conversando sobre o que eles observavam dos textos que tinham em mãos. Como tínhamos muitas opções, cerca de 40 livros, alguns examinavam os livros, liam um texto e outro, e perguntavam se podiam voltar à mesa e fazer nova escolha. Assim, aproveitei o momento para falar sobre alguns dos autores dos livros ali expostos, e explicar que, por serem textos curtos e independentes, não era obrigatório seguir a sequência do livro, nem lê-lo todo de uma vez. Logo, que ficassem à vontade para folhear os livros com calma, escolher dentre os textos aqueles que lhes interessassem e, assim desejando, que escolhessem outros. Ao final dessa oficina - muito proveitosa, pois os meninos, de fato, fizeram a leitura dos textos e comentaram com os colegas de mesa as impressões que aqueles lhe causaram -, a maioria dos alunos perguntou se podia levar os livros para casa, e solicitei que, a fim de termos um controle de quais livros foram emprestados, uma vez que disponibilizei, dentre os oferecidos pela biblioteca, alguns da minha coleção particular, que me dessem os nomes das publicações que levariam e os próprios nomes. Ao final, notei que a maioria dos alunos pegou um livro para ler em casa. Segundo Sá (1985, p. 85), o contato com o livro é muito interessante, uma vez que seu público é mais reflexivo pela possibilidade de escolher um momento mais solitário para ler o autor de sua preferência. Como alguns já conheciam autores como Luís Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar e Stanislaw Ponte Preta, dentre outros, deixá-los à vontade para terem um contato com o livro desses escritores e apresentar outros para eles escolherem livremente,

sem a obrigatoriedade de terem de executar alguma atividade após essa leitura, possibilitou-os um momento muito produtivo e agradável.

### 5.3 OFICINA 3: “O OLHAR DO CRONISTA” (27/04/2017)

Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira, e faz amadurecer a nova visão das coisas (CANDIDO, 2003, p. 97).

Inicialmente questionei àqueles que pegaram livros se gostaram das escolhas feitas, e muitos comentaram terem lido apenas algumas histórias. Informei que os livros de crônicas têm essa vantagem, podemos escolher dentre os textos aqueles dos quais gostamos, sem precisar ler o livro todo para entender-lhe o sentido. Alguns alunos que escolheram os livros de Veríssimo adoraram, mas o aluno que pegou o livro *A máquina de escrever e outras histórias*, de Anaximandro Amorim (2014), disse que achou o livro chato, e seguimos falando um pouco sobre as primeiras crônicas escritas para jornais, com a proposta de serem textos mais leves, como se fossem um “recreio” em meio a tantas notícias ruins que os periódicos comumente veiculam. Alguns acharam interessante a diversidade de temas dentro de um livro, e que são assuntos muito comuns a qualquer pessoa. Retomamos as respostas do questionário, no qual comentaram que os temas mais prováveis para uma crônica são situações do dia a dia, para falar do cronista e da sua percepção para esses assuntos que aparecem de qualquer lugar. No entanto, de acordo com Bender e Laurito (1993, p. 77), reforcei que, embora esse texto seja aparentemente desprezioso, que pareça ao leitor fácil, pois seria “só passar para o papel o que a gente pensa ou fala!”, ele exige dedicação e talento, pois embora os assuntos sejam comuns, escrevê-los tornando esses fatos engraçados, poéticos, dramáticos ou reflexivos exige esforço, exercício, prática. Por isso a aplicação das oficinas para que, a partir da leitura e da discussão de diversos exemplos desse gênero, tenhamos mais segurança para também produzi-los. Para ilustrar esse fato, lemos o texto *“Uma visão da vida”*, de Ignácio de Loyola Brandão (2003, p. 7), e a partir dele ressaltamos a importância da observação, pois o cronista, usando da sensibilidade, “permite que a narrativa reinvente os momentos mais belos da nossa vida vulgar, despertando também em nós o poeta adormecido” (SÁ, 1985, p. 87). Conteí sobre

um episódio acontecido na noite anterior, quando dois homens, conversando dentro do ônibus, usaram o termo “mulherengo” para classificar um homem namorado e se perguntavam como seria uma palavra que classificasse a mulher com a mesma atitude – discussão que não teve fim, uma vez que desci do ônibus antes dos dois -, e um aluno comentou sobre situações interessantes que presenciamos no dia a dia, como o episódio em que vi, a caminho de outra escola, em um bairro violento, um homem ser assassinado na sua frente. Confirmei que são esses fatos que podem inspirar bons textos, pois são experiências que podem acontecer em qualquer lugar, como dentro de um ônibus, no shopping, numa fila de banco, na praia, enfim, que precisamos estar atentos. Antes de fazermos a leitura de outro texto motivador, comentamos sobre crendices populares, outro tema interessante para a crônica. Alguns alunos lembraram-se do chinelo virado e de andar para trás - que, segundo algumas lendas, chama a morte da mãe -, e soubemos de outra crendice, que diz que pisar em rachadura ou em algum lugar trincado faz a mãe quebrar a espinha. Em seguida, fizemos a leitura do texto *O chamado da morte*, também de Ignácio de Loyola Brandão (2003, p. 22), que relata a experiência de “ouvir a voz da morte”, e alguns alunos comentaram já terem ouvido falar dessa história. Então fizemos a proposta de produção textual para a próxima aula, que consistia em observar as situações do cotidiano de cada um e escrever sobre elas. A professora Dóris perguntou se poderia utilizar esse material para avaliação e, diante da minha afirmativa, os alunos se empolgaram. Afirmei, no entanto, que não era preciso se preocupar com o tamanho do texto, nem com a linguagem utilizada, uma vez que a linguagem da crônica é coloquial, bem próxima da fala do leitor, e que eles teriam uma semana, inclusive o feriado, para observarem e escreverem. Reforcei, ainda, que a crônica não precisa ser sempre engraçada, podendo ser também dramática, poética ou reflexiva. Compartilhadas todas as informações que poderiam auxiliar nas produções textuais, finalizei esse momento me despedindo dos alunos e da professora. Antes de sair da sala, alguns pediram para escolher outros livros dentre os que foram devolvidos, e outros foram entregues à professora na aula do dia seguinte.

#### 5.4 OFICINA 4: “NAVEGANDO NOS MARES DESCONHECIDOS DO BLOG” E “MÃE É MÃE” (12/05/2017)

Na primeira aula, fomos orientados pela professora Kelly Cristina Wagner Soares Ferreira, técnica do laboratório de informática (ambiente para o qual os alunos foram levados), e conhecemos a dinâmica do *blog*, todo o processo de inscrição e publicação dos textos. A professora mostrou como deveria ser elaborado o endereço que daria acesso ao *blog* (nome do aluno, número da chamada, ano e turma), a fim de facilitar a identificação das postagens. Como a instituição já criara um *blog* literário, utilizado por um professor de Língua Portuguesa e anualmente atualizado, o *JC Jovens Escritores*, propusemos algumas alterações no layout da página, e aproveitamos o restante do tempo da aula para conhecer outros blogs literários. Na segunda aula, em vista da proximidade do dia das mães, lemos e discutimos os textos *O mundo não é maternal* (2012, p. 78) e *Ainda sobre as mães* (2012, p. 81), ambos da autora Martha Medeiros, e *Minha mãe*, de Andréia Delmaschio. Em seguida, propusemos as produções falando sobre as próprias mães, refletindo sobre a importância delas ou contando situações vividas com elas. Alguns alunos iniciaram a produção ainda em sala, mas a maioria entregou suas crônicas na semana posterior.

### 5.5 OFICINA 5: “DO JORNAL PARA A CRÔNICA” (10/08/2017)

O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (...) O cronista reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe filtre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito, horizonte ambicionado por todo ficcionista de lei (MOISÉS, 1978, p. 247).

Inicialmente devolvemos as crônicas produzidas sobre as mães, e recebemos muitos elogios sobre os comentários feitos nas revisões. Em seguida, comunicamos os informes da prof<sup>a</sup> Kelly, do laboratório de informática, sobre os hackers que invadiram a página da Prefeitura de Vila Velha, problema que nos impediu de ter aula naquele ambiente, onde aprenderíamos a postar os textos no *blog*. Assim, iniciamos a oficina falando do jornal, veículo no qual apareceram as primeiras crônicas, meio de sobrevivência para alguns escritores em início de carreira. Posteriormente, falamos de Moacyr Scliar, escritor que baseia muitas de suas

crônicas em notícias ou manchetes jornalísticas, e fizemos a leitura do texto “Cobrança” (*Folha de S. Paulo*, 24/09/2001, In: 2001). No início da leitura, alguns alunos informaram que já conheciam o texto. Perguntamos se gostariam que começássemos a leitura do segundo texto, mas pediram que *Cobrança* fosse lido, principalmente aqueles que não conheciam a história. Quando descobrimos, na leitura, que o cobrador era o marido da devedora, muitos riram. Depois, como mote para o segundo texto, discutimos sobre as experiências de dormir fora de casa, e muitos se manifestaram, contando casos em que sentiram falta de suas camas, não se adaptaram aos horários da casa onde estavam, dentre outras situações. Outros contaram que saíram de casa e, junto com os adolescentes vizinhos, tomaram banho de chuva, e houve casos em que eles adoraram essa experiência, embora falassem que “dormir na casa do colega” significa “não dormir”. Em seguida, lemos, de Mirna Feitosa, *Dormir fora de casa pode ser um tormento* (*Folha de S. Paulo*, 30/08/2001), texto jornalístico que inspirou a crônica *Tormento não tem idade* (*Folha de S. Paulo*, 03/09/2001), também de Scliar, que igualmente causou risos, pela leitura feita por uma dupla de colegas, já que o texto se organiza em forma de diálogo, e pela idade do personagem principal, pois todos imaginaram que se tratava de um adolescente, manifestando estranhamentos diante das respostas malcriadas dele. Então comentamos que nem todas as notícias inspiram textos alegres, e falei sobre a Chacina da Candelária - episódio ocorrido no Rio de Janeiro em 23/07/1993, próximo à Igreja da Candelária, no centro da cidade, no qual oito jovens sem-teto (6 menores e 2 maiores de idade) foram assassinados por policiais militares -, fato usado como mote para o texto *Um motivo para chorar*, de Moacyr Scliar (*Folha de S. Paulo*, 12/08/1995, p. 11). Depois da minha leitura, discutimos sobre os moradores de rua, personagens que se multiplicam a cada dia nos nossos bairros, e os perigos aos quais estão sujeitos, vivendo nessas condições. Por fim, fizemos a proposta de produção de texto – humorístico, dramático, reflexivo – a partir de notícias jornalísticas pré-selecionadas e levadas por mim, com assuntos que abordavam desde o mundo dos famosos a notícias sobre política e economia. Esses textos jornalísticos foram espalhados em uma mesa, e os alunos foram levantando e escolhendo aquele que, na opinião deles, daria uma boa história. Percebi que muitos se guiaram pelo tamanho do texto, e outros por se identificarem com o tema, como a aluna que, por gostar muito do ex-presidente dos EUA, Barack Obama, escolheu

uma notícia sobre ele e sua esposa. Orientei que poderiam escolher outra notícia diferente da que selecionaram primeiro, uma vez que deixei os textos jornalísticos que não despertaram o interesse inicialmente dos alunos com a professora, e uma aluna pediu para fazermos a produção em sala, na próxima aula. Logo, combinamos com a sra. Dóris usar a próxima aula de Português, na terça-feira, para a produção desse material, uma vez que a segunda aula daquele dia seria para apresentação de trabalhos. Avisei, inclusive, que traria outras notícias para ampliarem o quadro de propostas. Finalizamos essa oficina antes do recreio da turma.

#### 5.6 OFICINA 6: “ TÔ NO BLOG!” (04/07/2017)

O computador tem muito a contribuir como fonte de informação e como meio de comunicação, mas para realmente ser útil como tal, os usuários, alunos e professores, devem saber digitar, bem como lidar com mecanismos de busca, de exploração das informações e com novas formas de interação como o email, blogs, sites, entre outras (COSCARRELLI; RIBEIRO, 2014, p. 40).

Na terceira aula do dia, a turma foi levada ao laboratório de informática para aprender como fazer a postagem dos textos produzidos no *blog* literário da instituição. Alguns aproveitaram para entregar os textos atrasados, e como estávamos sem o acesso ao *gmail* (ainda consequência da invasão de *hackers* no sistema da Prefeitura Municipal de Vila Velha), aqueles que receberam o texto revisado digitaram-no na pasta que cada aluno tem num computador específico do laboratório (eles usam um computador de acordo com a numeração da chamada, uma vez que cada máquina desse ambiente é numerada). Percebemos muita dificuldade para efetuar o cadastro, embora a maioria que fizera o *e-mail* anteriormente já aceitara o convite para o acesso. Enquanto alguns alunos digitavam seus textos – processo também realizado com dificuldades, uma vez que muitos não conheciam ações comuns a uma digitação, como colocar letra maiúscula e acento gráfico, justificar um texto, tabular o parágrafo, formatar a fonte e até mesmo salvar o texto numa pasta -, uma aluna nos mostrou um *blog* que fizera enquanto estudava no Rio de Janeiro, com mais de dez mil visualizações. Então solicitei que ela auxiliasse os colegas quando fossem postar suas produções no *blog*. Ainda durante a aula, compartilhei meu email para que pudessem enviar os textos. Notamos que, ao receberem os textos revisados, alguns procuravam logo meus comentários, e

naqueles em que eu apenas registrei um “Ótimo!”, seus autores reclamaram de que escrevi pouco. Em vista do problema para o acesso ao *blog*, e por alguns alunos terem comentado que não tinham acesso a computador em casa, combinei de voltarmos após as férias para fazer as postagens no laboratório da escola. Por fim, os que digitaram suas criações nas próprias pastas me devolveram os textos escritos, e outros questionaram se eu mesma faria a correção e daria a nota. Diante da minha afirmativa, com o consentimento da professora Dóris, finalizamos a oficina.

### 5.7 OFICINA 7: “AMIGOS, AMIGOS...” (25/08/2017)

(...) na crônica, o autor não faz apenas o relato de um evento; ele, em geral, aproveita este evento como pretexto para pensar um pouco na vida, para fazer uma reflexão breve, para tirar uma lição daquilo que vivenciou (FARACO, 2013, p. 13).

Na primeira quinta-feira após as férias escolares e a semana de provas, realizamos nossa sétima oficina, com o tema “Amigos, amigos...”. Como a professora de Língua Portuguesa da turma se encontrava de atestado, apliquei sozinha as atividades. Inicialmente foi lembrado o objetivo das oficinas, e a necessidade de se postar os textos produzidos que, além de serem divulgados numa rede social, estabelecendo uma relação direta entre escritor e leitor, uma vez que serão lidos e comentados pelos que acessarem o *blog*, também serão pontuados pela professora de Português da turma. Em seguida, foram distribuídas folhas brancas e pedido que, ao ouvirem a palavra “amizade”, escrevessem as lembranças que ela despertava, desde os nomes dos amigos a situações vividas com eles. Muitos escreveram longos textos, praticamente a crônica que seria posteriormente solicitada, enquanto outros fizeram listas de nomes e categorias de amigos. Após essa primeira escrita, foi entregue um resumo com o conceito e a história da crônica, características do gênero e tipos de crônica, revisão necessária em vista do longo período transcorrido desde a última oficina. Fizemos uma breve leitura desse material e partimos para a leitura dos textos motivadores. O primeiro texto lido, *O pior inimigo é o falso amigo*, de Danuza Leão (*O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 13 fev. 1996, p. 5), comentava sobre a falsidade nessa relação. A partir dele estimulamos os alunos para que falassem sobre o que fazem com os amigos falsos, e a maioria respondeu que “dá gelo” ou “deleta” essa pessoa. O segundo texto, *A turma*, de Domingos Pellegrini

(2011), falava da influência desse grupo em nossas vidas, muito mais forte que a própria família, e alguns alunos confirmaram que é assim mesmo, que com a turma eles ficam “melhores”. O terceiro texto, *O melhor amigo*, de Fernando Sabino (1984, p. 35), falava da “amizade” entre uma criança e um cão achado na rua. No entanto, a pedido da mãe, fora levado embora de casa. Ao final do texto, a criança vende o “amigo”, fato que causou surpresa em alguns alunos, mas os comentários sobre essa relação de amizade entre homens e cães foram poucos. Finalmente encerramos esse momento motivador com a leitura do texto *Amigos*, de Luís Fernando Veríssimo (2004, p. 173), e por estar estruturado em forma de diálogo, dois alunos representaram os dois amigos que se reencontram e saem daquele encontro, segundo o próprio narrador, “inimigos para o resto da vida”. Os alunos riram muito com a conversa, e acompanharam atentamente todo o bate-papo. Finalmente combinamos que faríamos o texto na próxima aula, sexta, sobre o tema discutido em sala de aula, amizade, mas o que inicialmente escreveram sobre o tema - como as listas com os nomes e as qualidades dos alunos, por exemplo -, foi recolhido para revisarmos e orientarmos sobre o que poderiam produzir no nosso segundo momento.

*Segundo momento:* No dia seguinte, por ser o Dia do Estudante, inicialmente dei à turma as felicitações e bombons pela comemoração, e eles se mostraram animados para produzir. Entreguei, em seguida, os textos criados na oficina anterior, comentados, e solicitei que lessem minhas observações antes de partirem para a crônica proposta. Dentre muitas conversas, eles foram mostrando o que produziam, reescrevendo os textos em sala a partir das sugestões dadas tanto por mim quanto pela professora Dóris, e as produções me foram entregues ao final da aula. O interessante é que alguns alunos que não produziram a primeira parte escreveram para esse segundo momento.

## 5.8 OFICINA 8: “DEU NO JORNAL” (01/09/2017)

Em aula dupla e intercalada, na biblioteca da instituição, retomamos a oficina com os jornais. A professora regente teve de se ausentar, pois tinha perícia, mas nos ajudou a organizar os alunos para o primeiro momento. A biblioteca, às sextas-feiras, fica fechada para os demais alunos, por isso desenvolvemos as atividades com tranquilidade. A princípio, recordamos que o jornal fora o primeiro veículo em que as crônicas foram inicialmente publicadas, e que muitas se aproveitavam, além dos fatos que não eram noticiados pelo periódico, como o dia a dia da sociedade, de notícias que o próprio jornal trazia, inspirando-se nesses fatos da vida real. Então, a fim de exemplificar como esse tipo de produção era feita, lemos e discutimos dois textos de Moacyr Scliar, *Espírito Natalino* (*Folha de S. Paulo*, 24/12/2001), motivada por uma notícia divulgada no Caderno Cotidiano (*Folha de S. Paulo*, 18/12/2001), e *Espírito Carnavalesco* (*Folha de S. Paulo*, 05/02/2001), junto com a notícia que lhe deu origem, publicada também na Folha de São Paulo, seção Cotidiano do dia 29/01/2001. Também lemos o texto *Os jornais*, de Rubem Braga (1996, p. 109-111), comentando o fato de os jornais destacarem mais as notícias negativas, e o porquê dessa escolha. Os alunos argumentaram que as pessoas, em sua maioria, gostam de ler esse tipo de notícia, às vezes até conhecem os envolvidos, e que um informe positivo como o do texto lido não despertaria tanto a atenção dos leitores. Questionei, ainda, se eles liam outros tipos de notícias no jornal, como aquelas que destacam inovações tecnológicas e descobertas científicas, mas falaram que não gostam muito desse tipo de publicação, e que poucas famílias compram jornal assiduamente. Após a leitura e os apontamentos sobre como um texto jornalístico pode dar origem a diferentes e criativas crônicas, entregamos jornais para que, em dupla, os alunos selecionassem, ainda na primeira aula, notícias e reportagens que inspirassem uma boa história, tanto narrativa quanto dissertativa. Ao retornarmos para a segunda aula (a quarta, no horário normal da escola), poucos alunos voltaram para a biblioteca, uma vez que a professora não os acompanhou até o espaço (e no mesmo horário havia times de outras escolas disputando um campeonato de futebol na quadra de esportes), mas os poucos que retornaram produziram os textos, inclusive alguns que até então não tinham participado nas oficinas anteriores. Apesar da quantidade reduzida de produções, os presentes ficaram mais à vontade para escrever e para solicitar ajuda durante a escrita. Finalizamos ao sinal da última aula.

### 5.9 OFICINA 9: “VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?” (15/09/2017)

A crônica se alimenta do dia a dia, se interessa por aqueles aspectos da vida exterior ou interior que podem parecer irrelevantes, mas que o olhar sensível do cronista sabe valorizar e transformar em matéria de leitura interessante (TUFANO, 2005, p. 9).

Na oficina anterior, em vista da dificuldade de compreensão da produção da crônica a partir de textos jornalísticos, retomamos com essa oficina. Naquela ocasião, a maioria das duplas apenas resumiu, com as próprias palavras, a notícia que selecionou, sem comentá-la ou refletir a partir do seu conteúdo. Assim, achamos melhor retornar com a proposta, utilizando, como tema motivador, a crônica *Este Natal*, de Carlos Drummond de Andrade (2003, p. 18), que discorre sobre os medos e desconfianças do dia a dia, principalmente na época das festas natalinas, e a de Moacyr Scliar, *Poder & Paranoia* (2011, p. 129), que tem como mote a prisão de dois jovens brasileiros no aeroporto de Miami, em decorrência de uma brincadeira sobre a presença de bomba na bagagem. Após a justificativa da retomada da atividade, lemos o texto e destacamos como o cronista partiu de um fato real para discutir as paranoias do nosso cotidiano. Comentamos ainda o porquê do pânico causado pela brincadeira, se aquele tipo de fala teria as mesmas consequências se não acontecessem tantos atentados principalmente nos Estados Unidos, e por que os rapazes teriam feito esse tipo de brincadeira. Em seguida, iniciamos a discussão sobre quais seriam as nossas paranoias e medos e, em vista da violência a qual estamos sujeitos diariamente, muitos alunos comentaram temer ciclistas e motociclistas, pois alguns já foram assaltados por usuários desses veículos. Outros disseram ter medo de lagartixa, da própria morte ou da de parentes, principalmente dos pais, dentre outros temores. Como a oficina foi desenvolvida na biblioteca, algumas produções foram feitas ali mesmo, enquanto outras foram entregues no dia seguinte.

### 5.10 OFICINA 10: “SAUDADE, SENTIMENTO BOM...” (21/09/2017)

Sem dúvida, a poesia mora no interior do acontecimento diário e na sensibilidade do cronista. Deflagrada a identificação, o lirismo defluiu, espontâneo, natural e literário (MOISÉS, 1978, p. 254).

Iniciamos o encontro informando que na próxima aula, dia 29/09, fomos ao laboratório para postar os textos no *blog*, e da necessidade de trazer os que já foram feitos para serem registrados. Também reforçamos que alguns alunos não aceitaram o convite para o acesso a essa mídia interativa, e que sem confirmação não teríamos como publicar os textos nessa mídia. Em seguida, fizemos a leitura do conceito de “saudades”, segundo o dicionário Aurélio (2011, p. 796), reforçando que é um sentimento que não se refere apenas a pessoas, coisas ou lugares, pois podemos sentir saudades de cheiros, de objetos, de sensações. Adiante, foi feita a leitura do poema *Saudades* (retirado da página *Pensador, Frases e Pensamentos*, e atribuída a Clarice Lispector), e de trechos do texto *36 prestações de saudades*, de Gabito Nunes (*ironicosdestinos.blogspot.com*). Também lemos *A maciez do ferro*, de Andréia Delmaschio, sobre recordações da infância, e *Carrossel*, de Antonio da Silva Pereira Neto, com recordações do lugarejo onde passou sua infância. Logo depois, apresentamos a proposta de produção textual sobre esse tema. Assim que iniciaram as produções, destacamos que a crônica também pode ser organizada em forma de poema, e na leitura do texto de Clarice Lispector, especificamente os versos 7 e 8, alguns se assustaram com a quantidade de amores da autora, e eu ressalttei que, por ainda serem muito jovens, também viverão primeiros, segundos, terceiros, muitos amores. Alguns alunos comentaram que estávamos tocando “numa ferida”, e outros alegaram que não sentem saudades de nada. Comentei, então, que alguns cronistas também pensam desse jeito, como Raquel de Queiroz, em *Saudade* (TUFANO, 2005, p. 127), e que poderiam também escrever sobre a ausência desse sentimento, explicando inclusive por que não o sentiam. Como foram duas aulas intercaladas, os alunos iniciaram o texto nessa primeira aula, mas poucos entregaram. No nosso segundo momento, retornei à sala para recolher o restante dos textos, e para orientar uma aluna com dúvidas quanto à postagem no *blog* de textos que ela produzia no celular. Fomos ao laboratório de informática e a professora responsável pelo espaço auxiliou a jovem.

#### 5.11 OFICINA 11: “UM TAPINHA DÓI” (05/10/2017)

Iniciamos o mês de outubro com mais uma oficina extra, preparada em vista da quantidade de notícias sobre crimes cometidos contra a mulher. Iniciamos a aula,

excepcionalmente no primeiro tempo (em vista da troca de horário que a professora de Língua Portuguesa da turma, a sra. Dóris, combinou com outra colega), esperando os alunos entrarem até às 7h10, horário limite estipulado pela escola. Começamos avisando que as oficinas estavam terminando, mas que tínhamos, antes da última, a presença de uma jovem escritora falando sobre o tema da oficina final, “*Lembranças da escola*”. Em seguida, apresentamos o tema da aula de hoje, “Violência contra a mulher”, e conversamos sobre as últimas vítimas, como a médica assassinada a mando do esposo, e da jovem advogada que foi estrangulada pelo namorado e, em seguida, jogada do carro e atropelada. Questionamos sobre os casos que os alunos conheciam, e um aluno testemunhou sobre o crime entre um casal de policiais, que teve como saldo a morte da mulher e a internação do marido, baleado. Lemos, adiante, o conto de Dalton Trevisan, *Me responda, sargento* (1974, p. 49-50), em que uma mulher, em forma de depoimento, relata as agressões sofridas de parte do marido. Comentamos, também, de como a divulgação pela mídia de casos de agressões e assassinatos, por amor, ciúme ou vingança, algumas vezes, dependendo do discurso veiculado, colabora com o preconceito contra a mulher, e uma aluna afirmou que muitas mulheres também reafirmam o machismo comportando-se como os homens, principalmente difamando as outras colegas. Alguns comentaram sobre o envio de *nudes*, muito comum com os mais jovens, e como esse fato deixa sempre as mulheres muito mais visadas do que os homens. Um aluno comentou que nessa mesma escola uma colega, há meses, fez esse envio para um rapaz que, imediatamente, divulgou para os demais colegas. Ao perguntar se a jovem saiu da escola em vista da exposição, os outros, também conhecedores do caso, falaram que ela não saiu e agiu normalmente, apesar dos comentários, e concluímos que, apesar de o rapaz ter traído a confiança da menina, ela foi a única que ficou mal falada. Também contou que numa escola onde estudou anteriormente, um casal teve relações no banheiro da escola, e que mesmo com a suspensão por parte do diretor, que viu, pela câmera, as imagens dos dois entrando juntos no local, a dupla permaneceu na escola, também sem nenhum tipo de constrangimento. Depois, lemos a crônica *Não as matem*, de Lima Barreto (2005, p. 62), no qual o cronista, depois de comentar vários assassinatos de mulheres cometidos por ex-companheiros que não aceitavam o final do relacionamento, faz um apelo para que as deixassem amar à vontade. Como ele comenta no texto,

muitos ex-maridos já mataram suas ex-esposas (e falamos que, há anos, usavam o argumento da defesa da honra para justificar tal crime), e agora os ex-noivos é que matam as ex-noivas, comentamos sobre até onde o “amor” costuma levar as pessoas, e se realmente matar alguém é uma prova desse sentimento. Então partimos para as letras de canções que, explícita ou superficialmente, conclamam essa violência tão comum no nosso dia a dia, como trechos de *Baile de Favela* (MC João), *Loira burra* (Gabriel, O Pensador), *Amiga da minha mulher* (Seu Jorge), *Um tapinha não dói* (Bonde do Tigrão), *Mulher não manda em homem* (Grupo Vou Pro Sereno), *Mulheres vulgares* (Racionais), *Mulher indigesta* (Noel Rosa), *Buceta* (Velhas Virgens), e *Ai! Que saudades da Amélia* (Ataulfo Alves), *Se essa mulher fosse minha* (Samba de Roda), *Minha nega na janela* (Germano Mathias), *Pequena Raimunda* (Raimundos) e *Malandramente* (Dennis e MC’s Nandinho & Nego Bam), mesclando canções atuais e antigas. Como a leitura foi feita pelos próprios alunos, observamos que muitos ficaram chocados com as letras machistas e racistas, até mesmo das músicas que eles próprios conhecem e cantam, sem perceber o seu teor machista. Finalmente, pedi que lessem a letra da canção “*Maria da Vila Matilde*”, de Elza Soares, mas que também assistissem ao vídeo, disponível no *Youtube*. Após as leituras e comentários, solicitamos a produção sobre o tema, que poderia ser em prosa ou em verso, sob o ponto de vista da mulher (agredida) ou do homem (agressor). Comentamos ainda que a Lei Maria da Penha também protege o homem quando ele é a vítima de agressão por parte da companheira, fato que muitos desconheciam. Aproveitamos, também, para falar que muitas agressões são presenciadas inicialmente em casa, e em alguns casos, os jovens aprendem a tratarem as mulheres de forma violenta, pois viram suas mães e/ou irmãs serem agredidas pelo próprio pai. Finalmente, avisamos que retornaríamos no dia seguinte, sexta, para recolher as produções. Antes de sair, uma aluna falou que essas são as melhores aulas de português, fato que nos lisonjeou bastante.

#### 5.12 OFICINA 12: “BATE PAPO COM A AUTORA” (26/10/2017)

Como uma prévia da última oficina temática sobre lembranças da escola, recebemos a visita da autora do livro *Cartas do mau aluno* (2007), a jovem Carolina Junqueira de Mattos, escritora capixaba de Anchieta, a convite de uma aluna da escola, que já

tivera o prazer de vê-la falar sobre sua produção. Em um descontraído bate-papo com os alunos do 9º E e 9º F, na biblioteca, Carolina contou sua experiência nas instituições educacionais onde estudou, como o Marista e a UFES, e como era sua relação com o próprio pai quando o assunto era seu estudo. Os alunos gostaram muito da conversa, interagindo bastante quando ela citava situações que eles também vivenciam, e apresentou sua obra, onde descreve, por meio das cartas de um jovem à equipe docente de sua escola, incluindo o diretor e os próprios pais, como ele vê o ensino recebido e quais as dificuldades que encontra para aprender. A autora concluiu sua fala de aproximadamente 50 minutos dando sugestões enquanto psicopedagoga que também atende muitos dos alunos considerados “casos perdidos”, segundo as escolas, explicando como e por que devem aproveitar as experiências aprendidas na escola, pois muitas delas, de fato, são retomadas no futuro. Por fim, distribuiu para cada aluno presente um exemplar do seu livro autografado. Os alunos gostaram muito da presença da autora, da sua fala, e ficaram emocionados ao receberem um livro com dedicatória feita na hora.

### 5.13 OFICINA 13: “LEMBRANÇAS DA ESCOLA” (17/11/2017)

Retomando a fala da autora Carolina Junqueira de Mattos, nossa décima terceira oficina, lamentavelmente para apenas 20 alunos (em vista do feriado nessa semana), foi sobre as lembranças da escola. Inicialmente contamos com o apoio da bibliotecária Rodenir, que nos cedeu o espaço mesmo sem a presença da professora Dóris (de atestado). Começamos comentando sobre o livro distribuído pela escritora que nos visitara no último encontro, e os que já tinham iniciado a leitura gostaram muito dos textos, justificando que o autor das cartas era muito corajoso em dizer certas coisas para os professores e para o diretor. Em seguida, apresentamos a proposta da oficina, lembranças de fatos vivenciados no ambiente escolar, pois este seria o último ano desses jovens naquela escola. O primeiro texto motivador foi retirado do *blog Crônicas da minha escola*, do professor Carlos Azevedo, com o título *Um espirro para ficar na história*. Como o autor se refere a uma ex-aluna que, depois de um longo tempo sem encontrá-lo, ainda se recorda do espirro engraçado do professor, a história suscitou recordações de antigos professores, por diferentes motivos. Citaram os professores engraçados, os

bondosos e bons profissionais, e um dos presentes comentou que já fora aluno de sua mãe na Educação Infantil. Por ser muito pequeno, insistia em chamá-la de mãe na sala de aula, e por tê-la o tempo todo por perto, em casa não tinha trégua nos deveres. Mas afirmou que o ponto positivo dessa experiência foi ter sempre dinheiro para comer as guloseimas da cantina da escola. Aproveitei para contar que, embora não gostasse dessa situação, também já fora professora do meu filho, e que, de fato, ele não entendia que eu precisava sair para outro professor entrar, e sempre saía atrás de mim quando tocava o sinal para a troca de professor. Rimos todos da situação, até porque ele estuda na escola, e o fato foi no ano passado. Em seguida, lemos *Uma crônica sobre a escola e suas classificações*, retirada do blog *Um papo jovem*, e escrita por Igor Lopes (postado em 21/11/2010), fazendo uma análise dos perfis comuns numa turma de escola, como o aluno palhaço, o “negativamente carregado”, os excluídos (e aproveitou para falar dos malefícios do *bullying*), os populares e os *nerds*. Como o autor apresentava as características de cada um desses tipos, fizemos a leitura e os alunos foram interrompendo e citando quem da turma tinha aquele perfil. Os alunos presentes participaram da leitura animadamente, contando os casos dos colegas dos quais lembravam. Ao falarmos de *bullying*, questionamos se eles, por serem os maiores (em estatura), eram temidos ou idolatrados pelos menores, ou se os protegiam. Muitos alegaram que não se metiam com os mais novos, nem os ajudavam caso presenciassem uma confusão. Em *Os terroristas* (SCLIAR, 1995, p. 27), comentamos as aventuras que uma turma já passou para colar em provas. Os alunos falaram que os mais inteligentes passam as colas para os demais, compartilhando as respostas e até buscando provas em outras salas. Finalmente encerramos esse momento com a leitura de *A minha glória literária*, de Rubem Braga (1982, p. 70), fazendo antes um breve comentário sobre o autor e sua importância para a literatura. Ao terminarmos as leituras, os jovens ficaram conversando sobre a expressão usada no texto, “zurrando escandalosamente”, pois nunca a tinham ouvido e acharam-na engraçada. Finalmente solicitamos a produção de textos nos quais contassem suas experiências na escola, dentro ou fora da sala de aula, com amigos ou funcionários da instituição. A maioria iniciou a escrita na biblioteca, mas preferiram entregar no dia seguinte.

#### 5.14 OFICINA 14: “SERÁ UM ADEUS?” (05/12/2017)

Ora, a outra face da escrita é a leitura. Tudo o que é escrito se completa quando é lido por alguém. Escrever e ler são dois atos diferentes do mesmo drama (ou da mesma trama!) (ANTUNES, 2009, p. 192).

Em nosso último encontro, fomos ao laboratório de informática para postar os textos produzidos. Inicialmente, notamos que alguns alunos, já aprovados, não estavam mais frequentando a escola. Então solicitamos que os textos deles que ainda estavam comigo fossem devolvidos por alguns dos presentes, reforçando a necessidade da postagem no *blog*. Antes de iniciarmos a publicação (ou a digitação nas pastas pessoais, pois alguns não conseguiram acessar o *blog*), lemos o texto *O que as escolas não ensinam* (retirado da internet), e discutimos o que e como aprendemos nesse período do Ensino Fundamental. Alguns alunos comentaram estar ansiosos com o Ensino Médio, um misto de curiosidade e temor e, sabendo que leciono para essa etapa em outra escola, no período da tarde, questionaram sobre a quantidade de matérias que terão, se os conteúdos são difíceis, como é a relação com os professores, enfim, as dúvidas comuns a essa mudança tão esperada e temida por eles. Expuseram ainda o desejo de permanecerem na mesma sala ou na mesma escola dos colegas, e um jovem compartilhou que não conseguiu ser aprovado no IFES, mas que tentaria no próximo ano. Alguns mostraram preocupação em arrumar um emprego, e perguntaram sobre os estágios. Depois desse bate papo esclarecedor, aqueles que estavam com os textos revisados fizeram a publicação, e ao final, já me despedindo, presenteei-os com bombons, agradecendo a participação deles nesse projeto. Aproveitamos para avisar que, atendendo aos pedidos da bibliotecária, à sugestão da técnica de informática e a algumas solicitações dos próprios alunos, os textos produzidos nas oficinas foram organizados num pequeno livro, cujas cópias seriam deixadas na biblioteca da escola, no laboratório de informática e uma especialmente entregue à professora Dóris. Muitos prometeram retornar à escola para ler o material disponível na biblioteca, e alguns perguntaram se não teríamos uma noite de autógrafos, sugestão que não poderia ser atendida em vista da quantidade de alunos que já estavam dispensados e agora se encontravam envolvidos na procura por uma escola de Ensino Médio. Posteriormente, as cópias dos livros foram deixadas na escola para apreciação da equipe e dos alunos dos anos seguintes.

## 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados gêneros discursivos. (...) Se textos a serem lidos povoam a nossa vida, a escrita também faz parte dela de modo significativo. Em circunstâncias diversas, precisamos escrever. Escrevemos pelos mais diferentes motivos. (...) O desafio, nesse caso, é conhecer e dominar a estrutura dos gêneros a serem produzidos (ABAURRE; ABAURRE, 2012, p. 9).

As atividades propostas tiveram como propósito fazer com que os estudantes conhecessem e refletissem sobre o funcionamento da língua e a prática da leitura como instrumentos motivadores para uma eficiente produção textual, de forma que percebessem o sentido do ensino e da aprendizagem da escrita, envolvidos nos processos de construção e compreensão do texto. Almejaram, ainda, dinamizar as aulas de Língua Portuguesa desenvolvendo as quatro habilidades linguísticas básicas - falar, ouvir, ler e escrever -, utilizando-se da crônica, gênero textual que usa a sensibilidade e permite que a narrativa reinvente os momentos belos da nossa vida vulgar, despertando também em nós poetas adormecidos (SÁ, 1985, p. 87). As oficinas sugeridas, envolvendo os processos de leitura, produção, revisão e publicação dos textos produzidos, promoveram o ensino da língua pautado nas necessidades reais do usuário, no caso, o aluno, colaborando para que ele agisse sobre o mundo para transformá-lo e, através da sua ação, formasse sua capacidade linguística plural (GERALDI, 2012, p. 25).

No entanto, encontramos muitas resistências quando lidamos com esse tipo de atividade, a leitura e a escrita, que foram desde o pouco envolvimento da turma nas atividades a mudanças repentinas do calendário da instituição, aflições já levantadas na dissertação de José Mílson. O tempo para a aplicação das atividades – muitas vezes escasso – também foi um fator preocupante. Embora tivéssemos organizado as sequências didáticas procurando observar com antecedência possíveis contratempos do calendário escolar, algumas oficinas foram adiadas (e até não desenvolvidas) em vista de atividades coletivas promovidas por outros professores da escola, mas informadas na véspera da nossa aula, como campeonatos de futebol e celebração de Ação de Graças.

A participação da turma, como já observamos nas oficinas-piloto, foi estimulada com a presença constante da professora pesquisadora nas atividades, desde a leitura à publicação do texto no *blog*. Em algumas oficinas, a professora de Língua Portuguesa da turma teve de se ausentar (por problemas de saúde), contratempo que dificultou um pouco o desenvolvimento dos encontros, pois agendávamos um espaço, aguardávamos que ela trouxesse os alunos, mas eles dirigiram-se ao local do encontro sem nenhum acompanhamento, oportunidade aproveitada por aqueles que conseguiram escapar e matar aula em outro ambiente da escola.

As oficinas no laboratório de informática também foram muito aquém do proposto, pois a professora responsável por esse espaço, por ter prestado serviços ao TRE, teve direito a muitos dias de folga. Nos dias em que estive na escola, observamos como era grande a disputa por esse ambiente, e alguns professores não cederam suas aulas, mesmo conversando sobre a necessidade de adiantar as oficinas em vista da saída desses alunos da escola com antecedência. Logo, não foram poucas as vezes em que tivemos de adiar a ida ao laboratório para a aula pretendida, o que prejudicou um pouco a publicação no *blog* com o acompanhamento da professora. E como os alunos não postavam seus textos em casa, por motivos diversos, acabamos dando mais ênfase à produção para a coletânea, que não pôde ser apreciada pelos alunos/escritores com mais atenção, uma vez que ela fora concluída quando poucos ainda frequentavam a aula, aguardando apenas os resultados finais para prepararem suas transferências. Mas a coletânea está disponível na biblioteca da escola e os professores envolvidos no processo receberam uma cópia desse material.

No entanto, apesar de todos os contratemplos comuns ao desenvolvimento de um projeto desse porte numa escola como a UMEF TI Sen. João de Medeiros Calmon, muitas foram as aprendizagens nesse percurso de meses, tanto para nós, docentes, quanto para os alunos participantes.

Inicialmente, observamos que os momentos de pré-produção (motivação, introdução e leitura) contribuíram efetivamente para a contextualização da temática, para sua aproximação com as experiências dos alunos e para a participação oral deles, sempre animada e enriquecedora. Notamos, também, que diversificar a leitura dos textos motivadores (ora feita pela professora; ora por um aluno; ora dramatizada, como em diálogos) incentivou o envolvimento da turma. A participação nesse momento era muito disputada pela maioria e acompanhada com bastante atenção pelos demais ouvintes.

Quanto às produções textuais, inicialmente propusemos que elas fossem iniciadas em sala – após os momentos iniciais da oficina – mas muitos alunos reclamavam da agitação da turma, nem sempre contida, e pediram para terminarem em casa. No entanto, logo nas primeiras oficinas, percebemos que eles se esqueciam de trazer o texto produzido na mesma semana, ou simplesmente não o produziam. Assim, em conjunto com a professora da turma, decidimos que as produções fossem feitas em casa, e que seriam avaliadas, com notas, também para a disciplina. Conseguimos, portanto, aumentar o número de textos produzidos (na primeira aula, as crônicas eram apresentadas, lidas e discutidas, e na segunda aula iniciávamos as produções), agora com a turma mais interessada, e o mais importante, auxiliando efetivamente o aluno durante a produção e no aperfeiçoamento do texto enquanto era planejado e rascunhado.

Na etapa da revisão e reescritura, percebemos que os textos devolvidos com comentários esclarecedores e/ou incentivadores foram muito bem recebidos, e alguns alunos ansiavam por ler essas observações. Outros até vinham discuti-las conosco para reescrever imediatamente suas produções, sem deixar lacunas para a compreensão do leitor. Como é fundamental que os alunos aprendam a avaliar o que escreveram para se conscientizar de que um texto, por meio da reescrita (uma ou mais vezes), tende a melhorar, as alterações foram específicas para cada jovem, propondo desafios também específicos. Tínhamos consciência, ainda, do nosso trabalho enquanto professores nessa fase da produção, pois precisávamos estar

atentos a como o aluno interpretava e dialogava com as sugestões e observações, raramente não compreendidas, mas sempre muito respeitadas por todos da turma, e compartilhada com a professora Dóris, que recebia a maioria dos textos antes que chegassem às minhas mãos.

Sobre a publicação dos textos no *blog*, enfrentamos algumas dificuldades já mencionadas. Inicialmente, os alunos fizeram os *e-mails* para o cadastro nessa mídia interativa, receberam os convites, mas se esqueciam de aceitá-lo no prazo estipulado, dois dias, por mais que fossem lembrados dessa questão. Assim, os poucos que aceitaram a solicitação para o *blog*, ali registraram suas produções, enquanto a maioria da turma digitou seu texto e salvou-o na própria pasta do computador que utilizava no laboratório. Então, auxiliamos, nessa etapa, mais a digitação do que especificamente na publicação, pois muitos alunos não sabiam o básico dessa atividade. Também tivemos problemas no agendamento do laboratório, uma vez que muitos professores também utilizavam esse espaço e, no caso, eles eram prioridade em vista do nosso projeto, e contamos ainda com a ausência da professora de tecnologias, embora ela estivesse sempre tentando encaixar nossa turma na agenda desse ambiente. Logo, com o intuito de não desmerecer as produções dos alunos, fizemos as postagens de alguns textos que não tinham sido publicados, e organizamos todos em uma coletânea, proposta anteriormente para os alunos e por eles aprovada. Destacamos, ainda, que poucos alunos não desejaram expor suas produções no *blog*, então sugerimos que, caso mudassem de ideia, o fizessem por meio de um pseudônimo.

O desenvolvimento das oficinas em ambientes diferentes da sala de aula (biblioteca, pátio e laboratório de informática) dinamizou o envolvimento da turma, pois cada um se organizava com os colegas de sua preferência e, juntos, discutiam os temas apresentados. Contamos, ainda, com a palestra da escritora Carolina Junqueira de Mattos, autora do livro *Cartas do mau aluno*. Esse bate-papo contribuiu muito para a última oficina do projeto, sobre as lembranças da vida escolar, e também para a leitura, uma vez que a escritora distribuiu para cada aluno cópias de seu livro – que

autografou após sua apresentação -, cujos textos foram comentados também como motivadores para a produção sobre as lembranças do Ensino Fundamental II.

A participação da professora de Língua Portuguesa, a sra. Dóris Helena Arca Tostes, nas oficinas, orientando a produção e a revisão dos textos, incentivando-os por meio de pontos para a disciplina, foi primordial para o desenvolvimento desse projeto, assim como a participação da bibliotecária Rodenir Zucatelli Dal’Paz, cedendo e organizando o espaço, selecionando as obras para as oficinas, organizando os textos para a coletânea e sugerindo abordagens e participações diferentes, e da técnica de informática, a professora Kelly Cristina Wagner Soares Ferreira, orientando-nos no acesso e nas publicações no *blog*.

Enfim, apesar de não termos cumprido a proposta em sua totalidade, finalizamos esse projeto com algumas certezas. A primeira é a importância da motivação, pois quando estamos verdadeiramente envolvidos, quando conhecemos todo o processo e compreendemos os benefícios de seu resultado, nossa participação é mais efetiva e colaborativa. A segunda diz respeito a nossa prática: só desenvolvemos atividades de leitura e de escrita mais significativas quando essas estão associadas à realidade vivenciada pelo aluno, dando-lhe, assim, a oportunidade de se manifestar, com suas particularidades, e orientando-os quanto às adequações necessárias, de acordo com o objetivo proposto. A terceira é que a escola é uma equipe de pessoas, independente da função que exerçam nela, e precisamos, portanto, nos conscientizar de que o nosso objetivo nesse espaço é um só, contribuir para a aprendizagem de tantos jovens, para que eles possam valer-se da leitura e da escrita com autonomia (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 3). Ainda que utilizemos metodologias distintas, quando elas dialogam e o aluno percebe essa relação dentro e fora do ambiente escolar, as propostas de ensino são mais bem acolhidas. Precisamos, juntos, pensar e exercitar estratégias que dinamizem o ensino, diversifiquem, deem significado à aprendizagem e ampliem os conhecimentos e as possibilidades de leitura e escrita daqueles que passam por nossas salas de aula.

Finalmente, entendemos que a metodologia aqui desenvolvida pode ser ampliada para outros gêneros textuais, como os já abordados no processo de motivação - canção, poesia, charges, notícias, dentre outros -, de forma que mais atividades diferenciadas de ensino e aprendizagem da língua portuguesa sejam praticadas com os alunos, auxiliando-os na ampliação das suas possibilidades de comunicação e socialização, principalmente por meio da leitura e da escrita. Afinal, formar leitores competentes e capacitados para a escrita dos diversos textos que circulam socialmente é uma das funções da escola, ambiente que deve contribuir na interação fecunda entre os membros da comunidade escolar e na participação efetiva dos alunos na construção da cidadania e da cultura escrita. Se a linguagem é inseparável do pensamento e da história concreta dos nossos dias, da vida com os outros e da participação no mundo, é na sala de aula, principalmente, que precisamos descobrir, despertar e aperfeiçoar a capacidade da linguagem e suas diversas manifestações. Que a instituição escolar empenhe-se, por meio de seus profissionais, em planejar e promover eventos de letramento em quantidade, diversidade e qualidade satisfatórias, capazes de desenvolver nos alunos as competências e habilidades de leitura e escrita que a vida contemporânea exige dos cidadãos (RANGEL; ROJO, 2010, p. 11).

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luíza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas**: analisar, avaliar, comentar. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012. – (Cotidiano escolar: ação docente)
- AMARAL, H. **Revista Na Ponta do Lápis**. São Paulo: AGWM Produções Gráficas e Editoriais. a. 9, n. 22, p. 28, ago. 2013.
- \_\_\_\_\_. ÂNGELO, Ivan. *Sobre a crônica*. In: **Revista Na Ponta do Lápis**. São Paulo: AGWM Produções Gráficas e Editoriais, a.3, n. 6, p. 10-1, ago. 2007.
- \_\_\_\_\_. MADI, Sônia. *Escrever sem perder de vista o leitor*. **Revista Na Ponta do Lápis**. São Paulo: AGWM Produções Gráficas e Editoriais, a. 3, n. 7, p. 6-7, nov. 2007.
- \_\_\_\_\_. MARCUSCHI, Beth; VAL, Maria da Graça Costa. *Gêneros textuais no espaço extra-escolar e na sala de aula*. **Revista Na Ponta do Lápis**. São Paulo: AGWM Produções Gráficas e Editoriais, a.4, n. 9, p. 8-9, jun. 2008.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ARAÚJO, Cristiane Menezes de; BARBOSA, Sara Rogéria Santos. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. **Revista Interdisciplinar**, ABRALIN/SE, a. 5, v. 17, jan/jun, 2013, p. 325-342. Disponível em: <<http://uninovafapi.edu.br/index.php/revistainterdisciplinar>>. Acesso em: 15 mai. 2017.
- BARBOSA, Severino Antônio M.; AMARAL, Emília (Colab.). **Redação**: escrever é desvendar o mundo. Série Educando. 7. ed. São Paulo: Papirus, 1991.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção Ciências da Educação. Portugal: Porto, 1999.
- BOMFIM, Estela das Graças do. **A crônica como ferramenta para a produção de texto na sala de aula**. Cornélio Procópio – PR/2004. PDE – Paraná. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/.../2013uenp-port\\_artigo](http://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/.../2013uenp-port_artigo)>. Acesso em: 15 mai. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.
- CANDIDO, Antônio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Rio de Janeiro: UNICAMP; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARRASCO, Walcyr. **Para gostar de ler.** v. 20. São Paulo: Ática, 1996.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e letramento.** In: *VIDETUR*, nº 29. Porto/Portugal, Mandruvã, 2004.

CORREIA, Roseli Luz. **Crônicas na sala de aula:** práticas de leitura e (re)conhecimento de mundo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional. São Paulo, 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Nilcéia Moraes. *Construindo textos com prazer.* In: SOUZA, Santinho Ferreira de. **Olhares e perguntas sobre ler e escrever.** Vitória (ES): Florecultura, 2002.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.) **Gêneros textuais & ensino.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Português:** língua e cultura: língua portuguesa. 1º Ano: Ensino Médio: Manual do Professor. 3. ed. Paraná: Base Editorial, 2013.

FORTUNATO, Marcia V. Ensinar a escrever para formar leitores. **Revista Nova Escola.** Edição Especial. São Paulo: Abril, n. 30, p. 58, mar. 2010.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d'água, 1997.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Anglo, 2012.

KAUFMAN, Ana María; RODRÍGUEZ, María Helena; RODRIGUES, Inajara (Trad.). **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993. (Série Educação em Ação).

LERNER, Delia; ROSA, Ernani (Trad.). **Ler e escrever na escola:** o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, Sandra Araújo. **O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita.** Maceió: EPEAL, 2010.

MARCUSCHI, Beth. *Escrevendo na escola da vida.* In: RANGEL, Egon Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua portuguesa:** ensino fundamental.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 19).

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação Linguística; 2)

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1975/1978.

NASCIMENTO, Priscila Rodrigues. **Contribuições de Bakhtin para a leitura literária: instrumentalizar para desenvolver o leitor estrategista**. IF Goiano – CAMPUS CERES. Publicado em Anais do SILEL, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, 2011.

NETO, Antonio Gil. **A produção de textos na escola**. São Paulo: Loyola, 1993.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

PAULINO, Graça. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Fortunato, 2001. (Coleção Educador em formação).

RANGEL, Egon Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 9).

RIBEIRO, Francisco Aurélio. A literatura infanto-juvenil e a formação do leitor. In: **Revista Contexto**, nº 7. UFES, 2000.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica Editora, 2014.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Beny Ribeiro dos. *Os estudos variacionistas e a produção de textos escritos*. In: SOUZA, Santinho Ferreira de. **Olhares e perguntas sobre ler e escrever**. Vitória (ES): Florecultura, 2002.

SANTOS, José Mílson dos Santos. **O gênero crônica na sala de aula do ensino médio**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal – RN, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodora de. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

SIMÕES, Luciene Juliano. **Leitura e autoria:** planejamento em Língua Portuguesa e Literatura. Erechim: Edelbra, 2012. (Coleção Entre Nós – Anos Finais do ensino fundamental, v. 6).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRIPP, David; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de (Trad.). **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Universidade de Murdoch. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo: v. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

TUFANO, Douglas. **Antologia da crônica brasileira de Machado de Assis a Lourenço Diafério.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). **Ensino de gramática:** descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

## REFERENCIAS UTILIZADA NAS OFICINAS

BRAGA, Rubens. **Pequena antologia do Braga**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DELMASCHIO, Andréia. **Aboio de fantasmas**. Vitória, ES: SECULT, 2014.

MEDEIROS, Martha. **Doidas e santas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Crônicas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

PARA GOSTAR DE LER. Vol. 1 – **Crônicas**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Crônicas**. v. 3. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **Crônicas 3**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2011.

\_\_\_\_\_. **Histórias divertidas**. José Paulo Paes. v. 13. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **O nariz e outras crônicas**. Luís Fernando Veríssimo. v. 14. 11. ed. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **Crônicas**. v. 5. 14. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um país chamado infância**. Moacyr Scliar. v. 18. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ladrão que rouba ladrão e outras crônicas**. Domingos Pellegrini. v. 33. São Paulo: Ática, 2011.

PAULINO, Analdino Rodrigues. **Crônicas de amor**. São Paulo: Ceres, 1986.

**PRÊMIO SESC DE CRÔNICAS RUBEM BRAGA**: coletânea de crônicas: 2014. Brasília: SESC DF, 2016.

REY, Marcos. **O coração roubado & outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1996.

SABINO, Fernando. **A vitória da infância**. São Paulo: Ática, 1984.

SCLIAR, Moacyr. **O imaginário cotidiano**. São Paulo: Global, 2001.

TREVISAN, Dalton. **O pássaro de cinco asas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

TUFANO, Douglas. **Antologia da crônica brasileira de Machado de Assis a Lourenço Diaféria**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O melhor das comédias da vida privada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Festa de criança.** Para gostar de ler Júnior. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mais comédias para ler na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Amor Veríssimo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Sequência das oficinas**

### **Oficina 1: “*Muito prazer, o que vamos fazer?*”**

Apresentação do projeto, aplicação do questionário diagnóstico e leitura de uma crônica introdutória.

### **Oficina 2: “*Descobrimo as crônicas*”**

Leitura por fruição de crônicas pré-selecionadas de obras como “Para gostar de ler”, dentre outras.

### **Oficina 3: “*O olhar do cronista*”**

Atividades a partir das crônicas inspiradas em textos que apresentam o cronista e suas influências. Gênero abordado: crônica.

### **Oficina 4: “*Navegando nos mares do blog*” e “*Mãe é mãe*”**

Criação do blog (no Laboratório de Informática) e orientações para o cadastramento da turma nessa mídia virtual. Atividades a partir das crônicas que falam sobre mãe. Gêneros abordados: crônica e depoimentos orais dos alunos sobre o tema.

### **Oficina 5: “*Do jornal para a crônica*”**

Atividades a partir de crônicas inspiradas em textos jornalísticos. Gêneros abordados: textos jornalísticos e crônica.

**Oficina 6: “*Tô no blog*”**

Navegação no blog e postagem dos textos produzidos e selecionados pelos próprios alunos.

**Oficina 7: “*Amigos, amigos...*”**

Atividades a partir de crônicas sobre amizade. Gêneros abordados: crônica e depoimentos orais dos alunos sobre o tema.

**Oficina 8: “*Deu no jornal*”**

Atividades a partir de crônicas inspiradas em textos jornalísticos. Gêneros abordados: crônica e textos jornalísticos.

**Oficina 9: “*Você tem medo de quê?*”**

Atividades a partir de crônicas que falem sobre situações que causam medo, como assaltos, violência e morte. Gêneros abordados: crônica e depoimento oral dos alunos sobre o tema.

**Oficina 10: “*Saudade, sentimento bom...*”**

Atividades a partir de crônicas que falem da saudade de pessoas, de lugares, da infância, de momentos especiais. Gêneros abordados: crônica e poesia.

**Oficina 11: “*Um tapinha dói*”**

Atividades a partir de textos que falem sobre a violência contra a mulher. Gêneros abordados: crônica, canção e depoimento dos alunos sobre o tema.

**Oficina 12: “*Bate papo com a autora*”**

Palestra com a autora do livro “*Cartas do mau aluno*” (2007), a jovem Carolina Junqueira de Mattos, conversando sobre suas experiências como aluna na Educação Fundamental, no Ensino Médio e na Universidade.

**Oficina 13: “*Lembranças da escola*”**

Atividades a partir de textos que enfoquem situações vivenciadas na escola. Gêneros abordados: crônica e depoimento oral sobre as experiências como estudantes.

**Oficina 14: “*Será um adeus?*”**

Postagem dos textos produzidos no blog, apresentação das produções organizadas em coletânea e despedidas.

## **APÊNDICE B – Sequência didática básica**

### **Oficinas**

**Conteúdo:** leitura dos gêneros específicos para cada oficina, discussões sobre a temática proposta e orientações para a produção dos textos.

### **Objetivos:**

- Desenvolver a competência leitora de gêneros diversos;
- Possibilitar ao aluno o conhecimento do gênero crônica (temática, linguagem, estrutura);
- Levar o aluno a perceber as relações intertextuais entre a crônica e outros gêneros;
- Estimular a leitura literária e a interpretação desse tipo de texto;
- Desenvolver a oralidade e a produção escrita.

**Ano:** 9º Ano do Ensino Fundamental II (UMEF TI Sen. João de Medeiros Calmon)

**Tempo estipulado:** 3 aulas por oficina

### **Desenvolvimento:**

#### **1º momento: Motivação**

Apresentação de outro gênero textual para introduzir a temática que será abordada pela crônica e promoção de conversas sobre o assunto, para percebermos a recepção dos alunos e suas informações prévias.

#### **2º momento: Introdução**

Apresentação da crônica e partilha de informações sobre o autor, a obra e o contexto da produção, despertando no aluno curiosidade sobre como o fato aconteceu e de que forma ele foi narrado.

### **3º momento: Leitura**

Leitura das crônicas, com dinâmicas diferentes de acordo com a estrutura do texto e a participação da turma, contextualizando dúvidas – como quanto ao vocabulário, por exemplo – no próprio texto.

### **4º momento: Interpretação e discussão**

Destaque para as relações presentes no texto que colaborem para a compreensão da história contada e exercício da oralidade dos estudantes, assim como da percepção das diferentes interpretações possíveis.

### **5º momento: Produção textual**

Orientações para o registro das histórias dos alunos – reais ou fictícias – na escrita, iniciando a produção em sala para terminá-la em casa. A ideia é que eles se sintam mais à vontade para produzirem seus textos e, na aula seguinte, tragam o material pronto para a revisão e a reescritura.

### **6º momento: Revisão e reescritura**

Após a revisão dos textos, propomos a reescritura em sala de aula, com a ajuda direta da professora para auxiliar na identificação dos problemas do texto – apontados na revisão – e na correção mais adequada para atender ao objetivo do aluno e da proposta da pesquisa.

**7º momento: Publicação no *blog***

Como a nossa proposta é dar uma significação real à produção dos alunos, seus textos serão digitados no *blog* no laboratório de informática da escola, com o auxílio direto da professora pesquisadora, da professora de sala e da técnica em informática, conscientizando o estudante da importância do leitor real na sua produção, uma vez que este terá acesso ao texto criado e poderá participar ativamente – por meio de comentários – do processo de recriação do aluno/escritor.

**8º momento: Coletânea de textos**

Em vista da atualização a cada início de ano do *blog* literário da instituição, e com o intuito de não perder as produções dos alunos, organizamos esse material em uma coletânea de textos, cujas cópias compõem o acervo literário da escola, disponível na biblioteca. Dessa forma, os alunos que ainda estão na escola e os que chegarão nos anos seguintes terão acesso a esses textos.

**Avaliação:** Como o intuito da nossa pesquisa e prática é desenvolver a competência discursiva do aluno nas práticas sociais da linguagem por meio da leitura e da escrita, nossa avaliação deu-se de forma processual, uma vez que os textos produzidos foram revisados e reescritos para serem divulgados no *blog*. No entanto, a fim de motivar as produções, combinamos com a professora de sala a possibilidade de dar ponto-extra para os textos após a divulgação na mídia interativa.

**APÊNDICE C - Pesquisas feitas para a revisão da literatura**

<b>AUTORES</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>CAPES – TESES</b>	<b>TIPO DE TRABALHO</b>	<b>ANO</b>
<b>José Mílson dos Santos</b>	<b>Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes</b>	<b>O gênero crônica na sala de aula do Ensino Médio</b>	<b>Dissertação de Pós-Graduação</b>	<b>2008</b>
<b>Roseli Luz Correia</b>	<b>Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas</b>	<b>Crônicas na sala de aula: práticas de leitura e (re)conhecimento</b>	<b>Dissertação de Mestrado Profissional em Letras</b>	<b>2015</b>

<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>PUBLICAÇÃO</b>	<b>ANO</b>
<b>Sandra Araújo Lima</b>	<b>O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura</b>	<b>EPEAL / UFRN</b>	<b>2010</b>
<b>Estela das Graças do Bomfim</b>	<b>A crônica como ferramenta para a produção de texto na sala</b>	<b>PDE / Paraná</b>	<b>2014</b>

<b>Cristiane Menezes de Araújo e Sara Rogéria Santos Barbosa</b>	<b>Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores</b>	<b>Revista Interdisciplinar, ABRALIN/SE, ano VIII, v. 17, jan/jun, p. 325-342.</b>	<b>2013</b>
<b>Lucia Kozow e Maria Ines Matoso Silveira</b>	<b>Percursos da oralidade na escrita: a linguagem das crônicas</b>	<b>Revista Científica do IFAL, v. 4, n. 1, jan./jun., 2013</b>	<b>2013</b>

**APÊNDICE D - Questionário do Aluno****PESQUISA:** “A LEITURA E A ESCRITA NA PRODUÇÃO DE CRÔNICAS”**MESTRANDA:** CRISTIANE CORRÊA**ORIENTADORA DA PESQUISA:** PROF<sup>a</sup> Dra. ANDRÉIA DELMASCHIO**QUESTIONÁRIO ALUNO (A)**

Nome: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Prezado aluno,

Este questionário faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada no Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, do Instituto Federal Tecnológico (IFES), sobre as práticas da leitura e da escrita na produção de crônicas.

Para que possamos alcançar os objetivos propostos, é importante que você preencha os dados solicitados com muita atenção e responsabilidade, sendo o mais verdadeiro possível.

1. Você gosta de ler?
2. Se sim, que tipos de leitura prefere? Se não, por que não gosta?
3. Em que momentos você costuma ler? E em que locais?
4. Você gosta de escrever, de produzir textos?
5. Que tipos de texto costuma produzir?
6. Em que momentos você costuma escrever?
7. O que você entende por crônica?
8. Você já leu crônicas de qual(is) cronista(s)?
9. O que, em sua opinião, pode ser assunto para uma crônica?

**ANEXOS**

**ANEXO A - Termo de assentimento**

## TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, de número de CPF \_\_\_\_\_, responsável pelo aluno(a) \_\_\_\_\_, matrícula \_\_\_\_\_ do Ensino Fundamental II da UMEF TI Sen. João de Medeiros Calmon autorizo a participação desse educando na pesquisa “Presença da crônica na sala de aula: fruição, leitura e escrita” – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, campus Vitória”, conduzida pela pesquisadora Cristiane Corrêa e realizada em Vila Velha. Entendo que neste estudo o aluno realizará atividades de leitura e produção textual de crônicas objetivando a reflexão sobre o sistema da escrita e sua dimensão social nas diversas manifestações da língua na comunidade escolar e em outros ambientes, além de contribuir para a formação de leitores e escritores que saibam expressar o que pensam e vivenciam na forma da escrita. Sei que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail *ética.pesquisa@ifes.edu.br* ou pelo telefone (27) 33577518, bem como com a pesquisadora na Diretoria de Ensino do Campus Vitória ou pelo telefone (27) 3331-2247. Ficam claros para mim que embora mínimos sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar da pesquisa bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também tenho ciência que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do aluno.

Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

## ANEXO B - Textos motivadores das oficinas

### Oficina 1: *“Muito prazer, o que vamos fazer?”*

**Texto motivador:** *“Fila nos bancos”*, de Marcos Rey

#### **Fila nos bancos**

*(Marcos Rey)*

O cliente engravatado sorriu e entregou à simpática caixa do banco um cartão, escrito à máquina: “Vá enchendo a maleta. Comporte-se com naturalidade. Estou segurando uma arma. Obrigado”.

Não frequento agências bancárias, serviço assumido por minha mulher. Perder nas filas tempo que emprego escrevendo resultaria em prejuízo financeiro. No geral a consorte volta exausta e indignada com alguma coisa. A espera, que às vezes começa a quilômetros do guichê, sempre a expõe a alguma convivência desagradável. A impaciência, o lento passo a passo suscitam intimidades. A maioria força o diálogo oferecendo balas, caramelos e biscoitos. “Experimente, são deliciosos”. Por educação ela aceitou uma dessas delícias: sofreu na fila mesmo uma cólica violenta, não suporta nada que tenha coco. Uma vovó levava no colo uma criança que amou minha mulher à primeira vista e quis mudar de peito. “Segure ela um pouquinho, gostou da senhora”. Embora não houvesse reciprocidade, minha cara-metade foi gentil. Aconteceu exatamente o que vocês estão adivinhando. Ou sentindo o odor.

Mas eu contava a história do ladrão de banco.

A caixa nem olhou para os lados para que o assaltante pensasse que pedia socorro. Diante dela, o falso cliente mantinha o mesmo sorriso imóvel. A maleta preta já estava aberta sobre o guichê. Hesitou. Então ele parou de sorrir e mexeu o braço armado. Ela depositou o primeiro maço de notas de dez na maleta.

Em épocas de eleições não é seguro revelar o nome de seu candidato nas filas, diz-se minha mulher. Já vi gente se sair mal por isso. Brigar é uma forma de preencher o tempo. Ela se queixa em especial dos portadores de mau hálito, justamente os chegados às confidências cara a cara. Companheiro de fila para alguns é como padre em confessionário. Mas há coisas piores. Uma tarde minha mulher voltou da agência possessa. Um cavalheiro atrás dela, fumando um charuto, perguntou-lhe: “Não está sentindo um cheiro de queimado”? Distraidamente ele fizera um furo em seu vestido. Sabem quanto me custou a distração?

Além das confissões constrangedoras, também há aquelas correntistas que pedem conselhos – não sobre aplicações. Depois da narração de uma história trágica, perguntam ansiosamente como se a uma velha amiga: “Em meu lugar o que a senhora faria? Devo fazer isto ou aquilo? Devo permitir que minha filha saia com ele?”. Outro dia minha mulher chegou em casa trêmula. Uma mãe desesperada, da qual nem lembrava, acercara-se dela, ameaçadoramente, no banco: “Fiz o que aconselhou e sabe qual foi o resultado? Minha filhinha há três meses desapareceu com o cafajeste...”

Mas eu contava a história do ladrão de banco.

A caixa foi colocando os maços de dinheiro dentro da maleta preta. Lentamente, o que irritava o assaltante. Atrás dele a fila crescia. E a fila ao lado também. O assalto praticado por um homem só porém prosseguia, a cada segundo mais tenso em meio ao movimento da agência, protegida por guardas fardados.

- O mais chato são certos encontros – garantiu minha mulher. – Gente que não vemos há décadas e das quais nem lembramos mais.

Como a saudade atua nos músculos! Ela mostrou-me o vestido amassado. Uma vizinha de infância, pesando uns 80 quilos, quase a matara comprimindo-a entre os braços. Isso enquanto lambuzava-lhe o rosto com beijos prolongados. Até seus cabelos ficaram em estado lamentável. Despregou-se um botão. Nada mais inconveniente que topar com antigos conhecidos em hora errada!

Mas eu contava a história do ladrão de banco.

Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e a moça:

- Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um abraço, amigão! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, não?

Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

- Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

(REY, Marcos. *O coração roubado e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1996, p. 41).

### **Oficina 3: “O olhar do cronista”**

**Textos motivadores:** “*Uma visão da vida*” e “*O chamado da morte*”, de Ignácio de Loyola Brandão

#### **Uma visão da vida**

(*Ignácio de Loyola Brandão*)

Um dia, andando pela Avenida Brasil, em São Paulo, dei com uma mulher que desejava uma informação: O Senhor pode me dizer se a Rua Hungria passa por aqui? Indaguei: A senhora quer saber se o ônibus que passa pela Rua Hungria passa por aqui? Não, ela me corrigiu, raivosa. Quero saber se a rua passa por aqui. Se passar, vou esperar, porque preciso ir lá. Todo mundo é burro? Faço essa pergunta e ninguém entende. Ninguém sabe que as ruas passam umas pelas outras? Irritada, ela se foi.

Fiquei pensando naquela mulher, abri uma cadernetinha e anotei o episódio. Tenho sempre comigo a cadernetinha, me refresca a memória: descrevo situações, ideias, frases, nomes. Dois dias depois, deveria escrever a minha crônica para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Os assuntos sempre são o grande problema. Tem semana que podemos decidir entre dois ou três. Como certos técnicos de futebol que dispõem de um bom banco de reservas e ficam tranquilos. Também um cronista necessita de um bom banco, porque às vezes a coisa aperta. Assim, naquele dia, sentei-me e contei a história da velha que desejava saber sobre a Rua Hungria. Uma crônica bem-humorada, divertida. Um cronista deve estar antenado com a cidade

em volta. Deve ler jornais, conversar com as pessoas, ouvir histórias. Os assuntos estão por toda parte. Ficam à nossa espera.

Outra vez, saí de casa, estava um tempo feio, carregado, o céu cheio de nuvens. Assim que coloquei os pés na rua, um garoto passou e me disse: Tio, por que o senhor não tem sombra? Respondia que a sombra só aparece quando tem uma luz forte, mas ele não se conformou. Não está escuro, o senhor quer me enganar. Informei que aquela luz não era suficiente para fazer sombras. Ele nem me ouviu, saiu correndo e gritando: a sua sombra fugiu, sua sombra fugiu, onde será que foi? Onde será que foi? Teve medo do senhor! Claro que anotei tudo, transformei em uma crônica, depois de um dia aumentei, transformei em um conto. E esse conto foi ganhando mais e mais força, até completar 80 páginas. Coloquei no meu livro *O homem que odiava a segunda-feira*. Porque o escritor é a pessoa que aproveita tudo, já que a inspiração não passa de observação, de ficar atento, esperto, o cronista é um homem que contempla a cidade, o mundo em que vive e conta o dia a dia, descobre as curiosidades do cotidiano, transforma a vivência em crônica, em ficção.

Uma crônica pode ser um conto, quando os fatos que ela narra podem ser lidos daqui a 20 ou 50 anos com o mesmo sabor, quando não envelhece. Uma crônica é um texto que diverte, emociona, dá prazer ou entristece, mas ela é principalmente uma visão da vida, maneira de nos ajudar a contemplar o mundo, entender o país, os que estão em volta de nós. Enfim, de nos levar a melhorar.

(BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Ladrão que rouba ladrão*. São Paulo: Ática, 2002. Para gostar de ler).

### **O chamado da morte**

(Ignácio de Loyola Brandão)

Aconteceu na minha casa. Ah, como conhecemos pouco o povo, sua fé, maneiras de ver e viver a vida. Tarde dessas, minha filha foi tomar banho, antes de ir para a aula de canto. Na hora de sair do banheiro, ao girar a maçaneta, ouviu um ruído de metal se rompendo. Um clique forte e a porta não abriu. Ela tentou, a maçaneta não se moveu. A aula seria dentro de quinze minutos. Novo esforço, nada. A moda devia ter-se rompido. Então, começou a chamar por Alzeni, a baiana sorridente que trabalho conosco. Maria Rita gritou, gritou e a empregada não vinha. Onde estaria?

Certa angústia começou a tomar conta de minha filha. Se Alzeni tivesse ido embora, ela sabia que tanto eu quanto a mãe dela só chegaríamos em casa por volta de oito horas da noite. Isso se eu não ficasse preso em uma reunião. Olhando pela janela, ela pesquisava o céu. Se chovesse, o trajeto da mãe, entre o Alto da Lapa e nossa casa, ficaria complicado. O melhor mesmo seria e a empregada estar por ali. Quem sabe no quarto se trocando para ir embora. Ficou a esperança.

Por via das dúvidas, continuou a chamar e a olhar para o relógio. Passaram-se dez, quinze minutos e a empregada ausente. Puxa! Se ao menos o celular estivesse no banheiro! Contudo, só peruas levam celulares para o banheiro, não faz o mínimo sentido. Maria Rita, que jamais sofreu de claustrofobia, começou a se preocupar. Teria de dar um jeito de se acomodar e esperar, mantendo a calma. Ocorreu então chamar a empregada através da janela do banheiro, que dá para os lados da área de serviço, uma vez que o apartamento faz um U. Chamou e percebeu que a empregada ouviu e veio. Mas não conseguiu abrir a porta. O zelador subiu,

desmontou a fechadura e Maria Rita saiu, abalada, querendo chorar. Perguntou a Alzeni:

- Onde você estava?
- Na cozinha.
- Não me ouviu?
- Ouvi, filha, claro que ouvi! Não sabia que era você.
- Quem poderia ser?
- A morte!
- A morte?
- É que quando a gente ouve alguém chamando e não conhece a voz, é a morte.

Ela chama, sem que a gente saiba de onde vem a voz. Um truque dela. Se ela chama, a gente não pode responder. Deve dizer: “Sai, morte, que estou forte! Não adianta me chamar. Não vou com você!”. Aí, a morte desiste. Mas se você cair na armadilha e responder: “Sou eu! O que você quer? Estou aqui!”, ela te leva! Foi aí que fiquei na minha, rezando e gritando: “Vai, morte, que estou forte!”. Chamava meu nome, fiz que não era comigo. Quanto mais me queria, mais eu me calava. Depois, ela ficou quieta, suspirei, agradei a Deus. Nessa hora, ouvi você me chamando pela janela, fiquei aliviada, não tinha sido ela.

Na surpresa, ante o inesperado e sincero relato, credence sólida que Alzeni trouxe da Bahia, o pânico de Maria Rita se dissolveu. Relaxou e foi para a aula. Na esquina, perto da farmácia, ouviu: “Maria Rita! Maria Rita!”. Parou. Não quis olhar. Estremeceu e virou. Não, não era a morte! Apenas Marília e Alice, amigas que iam para a aula também.

(BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Ladrão que rouba ladrão*. São Paulo: Ática, 2002. Para gostar de ler).

#### **Oficina 4: “Navegando nos mares do blog” e “Mãe é mãe”**

**Textos motivadores:** “O mundo não é maternal” e “Ainda sobre as mães”, de Martha Medeiros; “Minha mãe”, de Andréia Delmaschio

### **O mundo não é maternal**

(Martha Medeiros)

É bom ter mãe quando se é criança, e também é bom quando se é adulto. Quando se é adolescente a gente pensa que viveria melhor sem ela, mas é erro de cálculo. Mãe é bom em qualquer idade. Sem ela, ficamos órfãos de tudo, já que o mundo lá fora não é nem um pouco maternal conosco.

O mundo não se importa se estamos desagasalhados e passando fome. Não liga se virarmos a noite na rua, não dá a mínima se estamos acompanhados por maus elementos. O mundo quer defender o seu, não o nosso.

O mundo quer que a gente fique horas no telefone, torrando dinheiro. Quer que a gente case logo e compre um apartamento que vai nos deixar endividados por vinte anos. O mundo quer que a gente ande na moda, quer a gente troque de carro, que a gente tenha boa aparência e estoure o cartão de crédito. Mãe também quer que a gente tenha boa aparência, mas está mais preocupada com o nosso banho, com os

nossos dentes e nossos ouvidos, com a nossa limpeza interna: não quer que a gente se drogue, que a gente fume, que a gente beba.

O mundo nos olha superficialmente. Não consegue enxergar através. Não detecta nossa tristeza, nosso queixo que treme, nosso abatimento. O mundo quer que sejamos lindos, sarados e vitoriosos para enfeitar ele próprio, como se fôssemos objetos de decoração do planeta. O mundo não tira nossa febre, não penteia nosso cabelo, não oferece um pedaço de bolo feito em casa.

O mundo quer nosso voto, mas não quer atender nossas necessidades. O mundo, quando não concorda com a gente, nos pune, nos rotula, nos exclui. O mundo não tem doçura, não tem paciência, não para para nos ouvir. O mundo pergunta quantos eletrodomésticos temos em casa e qual é o nosso grau de instrução, mas não sabe nada dos nossos medos de infância, das nossas notas no colégio, de como foi duro arranjar o primeiro emprego. Para o mundo, quem menos corre, voa. Quem não se comunica, se trumbica. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. O mundo não quer saber de indivíduos, e sim de slogans e estatísticas.

Mãe é de outro mundo. É emocionalmente incorreta: exclusivista, parcial, metida, brigona, insistente, dramática, chega a ser até corruptível se oferecemos em troca alguma atenção. Sofre no lugar da gente, se preocupa com detalhes e tenta adivinhar todas as nossas vontades, enquanto que o mundo propriamente dito exige eficiência máxima, seleciona os mais bem-dotados e cobra caro pelo seu tempo. Mãe é de graça.

(MEDEIROS, Martha. *Non-stop. Crônicas do cotidiano*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 78).

### **Ainda sobre as mães**

*(Martha Medeiros)*

Gostei muito do que a psicanalista Diana Corso escreveu recentemente em Zero Hora, em sua coluna. Ela desprezou o tom de glorificação nas homenagens às mães, citou Elisabeth Badinter (que escreveu *O mito do amor materno*) e disse que estava na hora de sermos menos hipócritas, já que ser mãe não é esta maravilha toda. Eu defendo esta mesma ideia, inclusive abordei isso num dos capítulos do meu livro *Divã*. Acho que ser mãe é ótimo e é uma encrenca, e não há nenhuma frieza nesta constatação, e muito menos falta de amor. É apenas mais uma de nossas ambiguidades.

Estou voltando a este assunto, longe de qualquer data comemorativa, por causa de um comercial de tevê premiado no exterior. O filme mostra o pai e um filho no supermercado. O filho coloca um pacote de salgadinhos no carrinho. O pai retira, devolvendo-o à prateleira. O garoto, teimoso, pega o pacote e recoloca-o no carrinho. O pai calmamente devolve o pacote para a prateleira. Aí o garoto começa a chorar. Do choro vai aos gritos. Atira-se no chão. Faz um escândalo. A cena chama a atenção dos outros clientes, que olham para o pai com ares de reprovação. A criança segue aos berros, um inferno. Corta. Entra uma frase no vídeo: “Use camisinha”.

O comercial combate, com bom humor, duas coisas. Primeiro, a ideia de que sob hipótese nenhuma devemos questionar a existência dos filhos em nossas vidas. E também combate a impressão de que camisinha só serve para prevenir a Aids, quando ela é na verdade um método contraceptivo. Achei criativo e engraçado. Mas ele seria realmente ousado se a criança estivesse com a mãe.

Ainda não ficamos à vontade pra expor publicamente uma das maiores angústias da mulher de hoje, como conciliar vida profissional e amorosa com a maternidade, que é uma glória, porém nos rouba muito em energia e tempo. Como conquistar tudo o que está ao nosso alcance se ainda somos escravizadas pelas exigências domésticas? Como ser livres diante de um, dois ou três filhos que nos requisitam na infância, na adolescência e muitas vezes ainda na vida adulta? Imagine esse mesmo comercial, com a mesma cena corriqueira que foi mostrada (corriqueira para quem tem filhos mal-educados, se bem que os nossos, mesmo adoráveis, já fizeram algo parecido um dia). Imagine se depois de todo o escândalo infantil entrasse a frase: “Tome pílula”. O Papa se descabelaria, caso ainda tivesse cabelos. E o resto da sociedade iria passar mal do estômago.

Eu adoro ser mãe, mas não as 24 horas do dia. Até mesmo as que contam com um séquito de babás e motoristas fantasiam, de vem em quando, com uma vida sem dependentes. Não é pecado, não somos santas. Larguem-nos sozinhas num supermercado com um garoto histérico; impeçam-nos de trabalhar ou estudar por causa de uma criança; coloquem um bebê chorão sob nossa guarda dia e noite. É aí que a supermulher descobre que é humana.

(MEDEIROS, Martha. *Montanha-russa: crônicas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012, p. 81).

### **Minha mãe**

(*Andréia Delmaschio*)

Minha mãe sempre foi o signo da delicadeza. Apesar de ter vivido a infância no mais íngreme dos campos capixabas, filha de agricultores imigrantes, é daquela estirpe de gente que – afora todas as contradições inerentes ao humano – emana elegância.

Na sua juventude, foi uma mulher nervosa, por vezes destemperada. Como não estou certa de que as doenças e similares existam antes de sua criação linguística, não sei dizer se a tensão pré-mestrual guiava os seus achaques, que, contudo, me pareciam – ou hoje parece a mim terem sido – rigorosamente mensais. Mesmo porque isso se passou antes da disseminação dos variados métodos contraceptivos e muito antes de que se falasse em TPM.

Mamãe não se sentou num banco de escola por mais de seis meses. Foi na época em que se escrevia em pedra (sim, uma pedra preta era usada à guisa de caderno, não de lousa), mas aprender a se expressar por escrito com firme clareza, internalizando depois algumas normas, todas elas a partir das correções que fazíamos sobre os bilhetes que ela deixava ao sair, de manhã, para o salão de costura, dando ordens (anos mais tarde eram apenas dicas) sobre os afazeres da casa que ficavam ao encargo de cada um dos filhos.

Nós, depois de lermos, secundávamos sutil e respeitosamente, acentuando, pontuando, corrigindo e devolvendo o bilhete ao imã gasto do refrigerador.

Naquela mesma idade da pedra ela aprendera, com desenvoltura, as quatro operações, o que foi de muita utilidade depois, na minha própria introdução ao mundo do cálculo. E, apesar da sua destemperança nos anos iniciais do nosso convívio consciente, minha mãe raramente elevava a voz, jamais dizia um palavrão. Até hoje é delicada no falar, no comer, no vestir.

Ainda assim levamos tapas e chineladas inesquecíveis. É possível mesmo que ela possua todos os defeitos comuns à maioria das pessoas, mas, com sua

singeleza de modos, conseguiu marcar em mim essa lembrança, que creio destoar daquela que guarde, por exemplo, minha irmã. Não importa agora cada tomo que venha a deixar, o conjunto da obra é essa doce porém firme memora que já se forma – e que permanecerá.

Semialfabetizada embora, minha mãe leu todos os escritos que publiquei, impressionando-me com suas perguntas e comentários, mesmo sobre aqueles textos mais desprovidos da fácil atratividade do enredo. Na última visita que nos fez, surpreendi-a às gargalhadas lacrimejantes, no escritório, lendo nada menos que o Turandot!

Minha mãe foi pobre, cozinhou em fogão a lenha, casou-se sem paixão... Conseguiu, mesmo assim ou por isso mesmo, insuflar em nós o amor pela liberdade, apesar de nunca ter conquistado o desejo – para outros tão prosaico – de estudar e tornar-se professora, e embora nem mesmo tenha realizado o feito simples de apresentar a guiar um carro...

Hoje, ela vive uma funda religiosidade, para além de sua experimentação nas religiões, mas nunca discriminou ou recriminou os filhos ateus, nem jamais nos obrigou a frequentar a igreja. Sua inteligência lhe beneficia, ao menos, com o direito à dúvida. Minha mãe fala sobre sexualidade, tem opiniões e curiosidades políticas. Mais que tudo, tem humor e, mesmo antes de ter conhecido o fantasma do câncer – e como que se preparando já para enfrentá-lo -, não se apavorou com a descoberta das nossas (por vezes perigosas) experimentações juvenis, chegando mesmo a distribuir preservativos em casa e a oferecer-se, carinhosamente, para plantar umas sementinhas de maconha: “Se é uma planta, vou cultivá-la como a todas as outras!”.

(DELMASCHIO, Andréia. *Aboio de fantasmas*. Vitória, ES: SECULT, 2014, p. 55).

### **Oficina 5: “Do jornal para a crônica”**

**Textos motivadores:** “Cobrança” e “Tormento não tem idade” e “Um motivo para chorar”, de Moacyr Scliar

#### **Cobrança** (Moacyr Scliar)

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente”.

- Você não pode fazer isso comigo – protestou ela.

- Claro que posso – replicou ele. – Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

- Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

- Já sei – ironizou ele. – Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

- Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

- Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto.

Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saltar sua dívida.

Neste momento, começou a chover.

- Você vai se molhar – advertiu ela. – Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

- E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

- Posso lhe dar um guarda-chuva...

- Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

- Acabe com isso. Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

- Sou seu marido – retrucou ele – e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para o outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

(SCLIAR, Moacyr. *O imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2001).

### **Tormento não tem idade**

(*Moacyr Scliar*)

- Meu filho, aquele seu amigo, o Jorge, telefonou.

- O que é que ele queria?

- Convidou você para dormir na casa dele, amanhã.

- E o que é que você disse?

- Disse que não sabia, mas que achava que você iria aceitar o convite.

- Fez mal, mamãe. Você sabe que odeio dormir fora de casa.

- Mas, meu filho, o Jorge gosta tanto de você...

- Eu sei que ele gosta de mim. Mas eu não sou obrigado a dormir na casa dele por causa disso, sou?

- Claro que não. Mas...

- Mas o que, mamãe?

- Bem, quem decide é você. Mas, que seria bom você dormir lá, seria.

- Ah, é? E por quê?

- Bem, em primeiro lugar, o Jorge tem um quarto novo de hóspedes e queria estrear com você. Ele disse que é um quarto muito lindo. Tem até tevê a cabo.

- Eu não gosto de tevê.

- O Jorge também disse que queria lhe mostrar uns desenhos que ele fez...

- Não estou interessado nos desenhos do Jorge.

- Bem. Mas tem mais uma coisa...

- O que é, mamãe?

- O Jorge tem uma irmã, você sabe. E a irmã do Jorge gosta muito de você.

Ela mandou dizer que espera você lá.

- Não quero nada com a irmã do Jorge. É uma chata.

- Você vai fazer uma desfeita para a coitada...

- Não me importa. Assim ela aprende a não ser metida. De mais a mais, você sabe que eu gosto da minha cama, do meu quarto. E, depois, teria de fazer uma maleta com pijama, essas coisas...

- Eu faço a maleta para você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho, você vai ver.

- Não, mamãe. Não insista, por favor. Você está me atormentando com isso. Bem, deixe eu lhe lembrar uma coisa, para terminar com essa discussão: amanhã eu não vou a lugar nenhum. Sabe por que, mamãe? Amanhã é meu aniversário. Você esqueceu?

- Esqueci mesmo. Desculpe, filho.

- Pois é. Amanhã estou fazendo 50 anos. E acho que quem faz 50 anos tem o direito de passar a noite em casa com sua mãe, não é verdade?

(SCLIAR, Moacyr. *Folha de S. Paulo*, 03/09/2001)

### **Um motivo para chorar**

(*Moacyr Scliar*)

Pouca gente foi ao enterro de Gambazinho, oitava vítima da chacina da Candelária. Ao cemitério, não compareceram políticos, nem lideranças comunitárias, nem familiares, só uns jornalistas e uns poucos curiosos. O que não é de admirar: o corpo ficou vários dias no necrotério, sem que ninguém o reclamasse. Nem mesmo o verdadeiro nome do garoto foi descoberto. Seria – não fosse a aura de tragédia envolvendo o caso – uma morte anônima, despercebida. Como despercebida passou a mulher que, depois do enterro, ficou ali no cemitério, chorando.

Ninguém perguntou nada a essa mulher, mas se perguntassem, ela, soluçando, contaria uma estranha história. Sou a mãe do Gambazinho, ela diria, e diante do provável espanto do seu interlocutor, explicaria: como o garoto, ela vive na rua, no centro do Rio de Janeiro, dormindo ao relento e sobrevivendo com restos de comida.

Um dia, bêbada, engravida; na rua mesmo, dá à luz. É na rua que o garoto se cria, envolto em trapos. E na rua aprende a arte da sobrevivência; aos três, quatro anos, já corre ágil entre os automóveis, pede esmolas. Uma noite, ela, exausta, adormece um sono bruto, pesado. Quando acorda, o garoto não está mais. Ela o procura pelas ruas do centro, pergunta aos outros garotos se não o viram; não, ninguém sabe dele. Mas a consolam; qualquer dia ele aparece.

Não aparece. O centro da cidade é suficientemente grande para engolir um menino muito pequeno. Ela tem outros filhos, é preciso cuidar deles. Mas não esquece aquele que foi o primeiro. É mãe, não é? É mãe. O primeiro filho ela não esquece. Já não recorda o nome que lhe deu – nunca foi muito boa da cabeça – mas em sonhos ele lhe aparece, sempre, sempre.

Os anos passam; um dia ouve falar do enterro de um garoto assassinado. Dele, só se sabe o apelido. Gambazinho. E uma certeza se apossa dela: é ele. É o seu filho, que desapareceu. Pensa em ir ao velório: poderá olhar o corpo, reconhecê-lo. Mas – será que o reconhecerá? Depois de tantos anos? E será mesmo ele?

Não, ela não quer dúvidas. Ela quer certezas. E a única certeza que agora tem é esta: seu filho, o Gambazinho, morreu. Daqui por diante, tem um motivo para chorar.

(SCLIAR, Moacyr. *Folha de S. Paulo*, 12/08/1995, p. 11)

### **Oficina 7: “Amigos, amigos...”**

**Textos motivadores:** “O pior inimigo é o falso amigo”, de Danuza Leão, “A turma”, de Domingos Pellegrini, “O melhor amigo”, de Fernando Sabino, “Amigos”, de Luis Fernando Veríssimo

#### **O pior inimigo é o falso amigo**

(Danuza Leão)

Já que é inevitável ter inimigos, a coisa melhor do mundo é ter um de verdade: que te odeie com lealdade e total sinceridade – sem nenhum fingimento.

(...)

Perigosos mesmo são os pseudo-amigos, aqueles que te tratam bem e volta e meia fazem um comentário sobre você – maldoso e irônico, mas não tão maldoso a ponto de chocar -, afinal, é apenas uma brincadeira, será que você perdeu o humor? E aquele que passou anos construindo a imagem do bom caráter – de carteirinha – pode fazer você levar a vida inteira na dúvida, sem ter coragem de encarar a verdade: que se trata apenas de um crápula.

(...)

Suas maldades e falhas de caráter nunca são grandiosas, porque nada nele é grandioso. Suas maldades são pequenas, porque tudo o que ele faz é pequeno; pequeno como sua pessoa, como sua alma.

Mas às vezes se tem que conviver com gente assim – como fazer? Pois vá por mim e não faça nenhum tipo de concessão. Cometa um assassinato interno e se esqueça de que ele existe – mas se esqueça mesmo. E preste atenção: é importante que ele saiba que você sabe – exatamente – quem ele é; e pronto.

Fique cego quando passar por ele, e, se alguém tocar no nome dele, fale de outra coisa. E sobretudo se esqueça, se esqueça completamente das mesquinhas de que é capaz esse pobre ser humano.

E valorize seus inimigos. Eles estão sempre dispostos a acabar com você – com muita lealdade e sem nenhuma hipocrisia.

(*O Estado de S. Paulo*. Caderno 2, 13 fev. 1996, p. 5)

#### **A turma**

(Domingos Pellegrini)

Eu também já tive uma turma, ou melhor, fiz parte de turma e sei como é importante em certa idade essa entidade, a turma.

A gente é um ser racional, menos quando em turma. Existe, por exemplo, alguma razão para um grupo de pessoas sentar todo o dia numa escadaria ou meio-fio e passar horas conversando?

Você pode falar a um filho, por exemplo, que refrigerantes engordam e chocolates dão mais espinhas em quem já está na idade das espinhas. Ele não ouvirá. Mas, se um dia a turma resolver, ele passará a tomar só água com limão e pegará nojo de chocolate.

Você pode falar que cabelo tão comprido é incômodo, calorento, atrapalha, mas que nada, ele te pedirá dinheiro para comprar mais xampu. Agora, se a turma resolver cortar careca, ele aparecerá de repente careca no café da manhã e nem quererá falar do assunto – Qual o problema em cortar careca?

Você pode dizer que bossa nova é bom, e mostrar jornais e revistas, provar que só “Garota de Ipanema” já recebeu centenas de gravações em todo o mundo, mas ele aumentará o volume do rock pauleira ou tecno-bost. Até o dia em que alguém da turma aparece com um CD de bossa nova e ele troca Axel Rose por Tom Jobim de um dia pro outro.

A turma tem modas, como quando resolvem todos arregaçar as barras das calças, que usam arrastando pelo chão.

A turma tem traumas, como quando o namoradinho de uma se apaixona pela namoradinha do outro e...

A turma tem linguagem própria, uma variante local de um ramal regional da vertente adolescente da língua. A turma adora sentar na calçada e na praça e falar sobre o que viram e casa e na televisão.

A turma tem duplas de amigos e amigas mais chegados, e trios, e quartetos, que num grande minueto anarquista se misturam nas festas de aniversário.

Ninguém da turma dança até que alguém da turma começa a dançar, aí dançam todos trocando de par até acabarem dançando todos juntos como turma que são.

Um da turma se tatua, todos da turma querem se tatuar.

Um bota uma argola no nariz, os outros, para variar, botam no lábio, na sobrancelha e na orelha e...

A turma é isso aí, cara, uma reunião diária de espinhas e inquietações, habilidades e temperamentos, o baralho das personalidades se misturando, o jogo das informações e dos sentimentos rolando nas conversas sem fim, nas andanças sem cansaço, nas músicas compartilhadas, no refri com três canudos e uma empadinha pra quatro.

Na turma pouco dá para todos, todo mundo divide, cada um contribui, a turma se une partilhando e repartindo.

A turma ri como só na turma se ri.

A turma julga quando erramos.

A turma castiga com silêncios e ironias.

A turma te chama, te reprime, te liberta, te revela, te rebela, te maltrata, te orgulha, te ama e te envolve, te afasta e te atrai, mas a turma é assim porque a turma é a turma.

Até o dia em que – disse a todos os meus filhos – cansamos de ter turma e passamos a ser gente.

Mas, aqui entre nós, como dá saudade!

(PELLEGRINI, Domingos. *Ladrão que rouba ladrão*. São Paulo: Ática, 2002. Para gostar de ler).

**O melhor amigo**  
(*Fernando Sabino*)

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio resabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente à distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou ela.

– O que é – respondeu, com o ar mais natural que lhe foi possível.

– Que é que você está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ainda ganhar tempo.

– Eu? Nada...

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.

– Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah, mamãe... – já compondo uma cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado:

A gente também não tem nenhum direito nesta casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

– Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

– Dez minutos – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.

– Você não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

– Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a sua costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração!

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não haveria apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois... ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: – Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

– E eu? Que bobagem é essa, você não tem sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa...

– Pronto, mamãe!

E exibia-lhe uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza que ele dava... – murmurou, pensativo.

(SABINO, Fernando. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática. p. 35).

## **Amigos**

(Luís Fernando Veríssimo)

Os dois eram grandes amigos. Amigos de infância. Amigos de adolescência. Amigos de primeiras aventuras. Amigos de se verem todos os dias. Até mais ou menos os 25 anos. Aí, por uma destas coisas da vida — e como a vida tem coisas! — passaram muitos anos sem se ver. Até que um dia.

Um dia se cruzaram na rua. Um ia numa direção, o outro na outra, Os dois se olharam, caminharam mais alguns passos e se viraram ao mesmo tempo, como se fosse coreografado. Tinham-se reconhecido.

— Eu não acredito!

— Não pode ser!

Caíram um nos braços do outro. Foi um abraço demorado e emocionado. Deram-se tantos tapas nas costas quantos tinham sido os anos de separação.

— Deixa eu te ver!

— Estamos aí.

— Mas você está careca!

— Pois é.

— E aquele bom cabelo?

— Se foi...

— Aquela cabeleira.

— Muito Gumex...

— Fazia um sucesso.

— Pois é.

— Era cabeleira pra derrubar suburbana.

— Muitas sucumbiram...

— Puxa. Deixa eu ver atrás.

Ele se virou para mostrar a careca atrás. O outro exclamou:

— Completamente careca!

— E você?

— Espera aí. O cabelo está todo aqui. Um pouco grisalho, mas firme.

— E essa barriga?

— O que é que a gente vai fazer?

— Boa vida...

— Mais ou menos...

— Uma senhora barriga.

— Nem tanto.

— Aposto que futebol, com essa barriga...

— Nunca mais.

- E você era bom, hein? Um bolão.
  - O que é isso.
  - Agora tá com a bola na barriga.
  - Você também.
  - Barriga, eu?
  - Quase do tamanho da minha.
  - O que é isso?
  - Respeitável.
  - Quem te dera um corpo como o meu.
  - Mas eu estou com todo o cabelo.
  - Estou vendo umas entradas aí.
  - O seu só teve saída.
- Ele se dobra de rir com a própria piada. O outro muda de assunto.
- Fazem o que? Vinte anos?
  - Você mudou um bocado.
  - Você também.
  - Você acha?
  - Careca...
  - De novo a careca? Mas é fixação.
  - Desculpe, eu...
  - Esquece a minha careca.
  - Não sabia que você tinha complexo.
  - Não tenho complexo. Mas não precisa ficar falando só na careca, só na careca. Eu estou falando nessa barriga indecente? Nessas rugas?
  - Que rugas?
  - Ora, que rugas.
  - Não. Que rugas?
  - Meu Deus, sua cara está que é um cotovelo.
  - Espera um pouquinho...
  - E essa barriga? Você não se cuida não?
  - Me cuida mais que você.
  - Eu faço ginástica, meu caro. Corro todos os dias. Tenho saúde de cavalo.
  - É. Só falta a crina.
  - Pelo menos não tenho barriga de baiana.
  - E isso o que é?
  - Não me cutuca.
  - Me diz. O que é? Enchimento?
  - Não me cutuca!
  - E esses óculos são pra quê? Vista cansada? Eu não uso óculos.
  - É por isso que está vendo barriga onde não tem.
  - Claro, claro. Vai ver você tem cabelo e eu é que não estou enxergando.
  - Cabelo outra vez! Mas isso já é obsessão. Eu, se fosse você, procurava um médico.
  - Vá você, que está precisando. Se bem que velhice não tem cura.
  - Quem é que é velho?
  - Ora, faça-me o favor...
  - Você.
  - Você.
  - Você!

- Ruína humana.
- Ruína não.
- Ruína!
- Múmia!
- Ah, é? Ah, é?
- Cacareco! Ou será cacareca?
- Saia da minha frente!

Separaram-se, furiosos. Inimigos para o resto da vida.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O melhor das comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 173).

### Oficina 8: “Deu no jornal”

**Textos motivadores:** “Espírito natalino”, e “Espírito Carnavalesco”, de Moacyr Scliar, “Os jornais”, de Rubem Braga, “Amigos”.

#### Espírito natalino

(Moacyr Scliar)

#### “Homem disfarçado de Papai Noel tenta matar publicitária em SP”.

(Caderno Cotidiano – FSP – 18/12/01)

Primeira coisa que ele fez, ao chegar em casa, foi tirar a roupa de Papai Noel: estava muito quente, suave em bicas. Também queixou-se de dor na coluna. Isso é por causa do saco que você carrega, observou a mulher. De fato pesava bastante, o tal saco. A razão ficou óbvia quando ele esvaziou o conteúdo sobre a mesa: revólveres, granadas, submetralhadoras, vários pentes de munição. Já não dá para sair de casa sem um arsenal, resmungou. O seu mau humor era tão óbvio que ela tentou amenizá-lo, puxando conversa. Como foi o seu dia, perguntou:

- Um desastre – foi a azeda resposta. – Mais uma vez errei a pontaria. Já é a segunda vez nesta semana.

- Isto é cansaço – disse ela.

- Você precisa de um repouso. Amanhã você vai ficar em casa, não vai?

- De que jeito? Tenho trabalho.

- Amanhã? No dia de Natal?

- O que é que você quer? É a minha última chance de usar a fantasia de Papai Noel. Tenho de aproveitar.

Suspirou:

- Vida de pistoleiro de aluguel é assim mesmo, mulher. Natal, Ano Novo, essas coisas para nós não existem. Primeiro a obrigação. Depois a celebração.

Ela ficou pensando um instante. – Neste caso – disse -, vamos antecipar a nossa festinha de Natal. Vou lhe dar o seu presente.

Abriu um armário e de lá tirou um caprichado embrulho. Surpreso, o homem o abriu com mãos trêmulas. E aí o seu rosto se iluminou:

- Um colete à prova de balas? Exatamente o que eu queria! Como é que você adivinhou?

- Ora – disse ela, modesta – afinal de contas, eu conheço você há um bocado de tempo.

Ele examinava o colete, maravilhado. E aí notou que ele era todo enfeitado com minúsculos desenhos.

- O que é isto? – perguntou intrigado.

Ela explicou: eram pequenas árvores de Natal e desenhos de Papai Noel, trabalho de uma habilidosa bordadeira nordestina:

- Para você lembrar de mim quando estiver trabalhando.

Ele começou a chorar baixinho. Em silêncio, ela o abraçou. Compreendia perfeitamente o que se passava com ele. Ninguém é imune ao espírito natalino.

(SCLIAR, Moacyr. *Folha de S. Paulo*, 24 dez. 2001)

## **Espírito carnavalesco**

### **Ensaios da escola de samba Mocidade Alegre atrapalham sono de moradores da região.**

(Cotidiano, 29 jan. 2001)

Cansado, ele dormia a sono solto, quando foi bruscamente despertado pela esposa, quer o sacudia violentamente. Que aconteceu, resmungou ele, ainda de olhos fechados.

- Não posso dormir – queixou-se ela.

- Não pode dormir? E por quê?

- Por causa do barulho – ela, irritada: - Será possível que você não ouça?

Ele prestou atenção: de fato, havia barulho. O barulho de uma escola de samba ensaiando para o Carnaval: pandeiros, tamborins... Não escutara antes por causa do sono pesado. O que não era o caso da mulher. Ela exigia providências.

- Mas o que quer você que eu faça? – perguntou ele, agora também irritado.

- Quero que você vá lá e mande eles pararem com esse barulho.

- De jeito nenhum – disse ele. – Não sou fiscal, não sou polícia. Eu não vou lá.

Virou-se para o lado, como o propósito de conciliar de novo o sono. O que a mulher não permitiria: logo estava a sacudi-lo de novo.

Ela acendeu a luz, sentou na cama:

- Escute, mulher. É Carnaval, esta gente sempre ensaia no Carnaval, e não vão parar o ensaio porque você não consegue dormir. É melhor você colocar tampões nos ouvidos e esquecer esta história.

Ela começou a chorar. Você não me ama, dizia, entre soluços:

- Se você me amasse, iria lá e acabaria com a farra.

Com um suspiro, ele levantou-se da cama, vestiu-se e saiu, sem uma palavra.

Ela ficou à espera, imaginando que em dez ou 15 minutos a batucada cessaria.

Mas não cessava. Pior: o marido não voltava. Passou-se meia hora, passou-se uma hora: nada. Nem sinal dele.

E aí ela ficou nervosa. Será que tinha acontecido alguma coisa ao pobre homem? Será que – por causa dela – ele tinha se metido numa briga? Teria sido assassinado? Mas neste caso, por que continuava a batucada? Ou seria aquela gente tão insensível que continuava a orgia carnavalesca mesmo depois de ter

matado um homem? Não aguentando mais, ela vestiu-se e foi até o terreiro da escola de samba, ali perto.

Não, o marido não tinha sido agredido, e muito menos assassinado. Continuava vivo, e bem vivo: no meio de uma roda, ele sambava, animadíssimo.

Ela deu meia volta e foi para casa. Convencida de que o espírito carnavalesco é imbatível e fala mais alto do que qualquer coisa.

(SCLIAR, Moacyr. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 5 fev. 2001)

## Os jornais

(*Rubem Braga*)

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

— Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo aqui: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. Vejamos a história desse crime. “Durante os três primeiros anos o casal viveu imensamente feliz...” Você sabia disso? O jornal nunca publica uma nota assim:

“Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, de 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: “Meu amor”, ao que ele retorquiu: “Deolinda”. Na manhã seguinte, Augusto Ramos foi visto saindo de sua residência às 7:45 da manhã, isto é, dez minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário-da-terra de propriedade do casal.”

A impressão que a gente tem, lendo os jornais — continuou meu amigo — é que “lar” é um local destinado principalmente à prática de “uxoricídio”. E dos bares, nem se fala. Imagine isto:

“Ontem, cerca de 10 horas da noite, o indivíduo Ananias Fonseca, de 28 anos, pedreiro, residente à rua Chiquinha, sem número, no Encantado, entrou no bar “Flor Mineira”, à rua Cruzeiro, 524, em companhia de seu colega Pedro Amâncio de Araújo, residente no mesmo endereço. Ambos entregaram-se a fartas libações alcoólicas e já se dispunham a deixar o botequim quando apareceu Joca de tal, de residência ignorada, antigo conhecido dos dois pedreiros, e que também estava visivelmente alcoolizado. Dirigindo-se aos dois amigos, Joca manifestou desejo de sentar-se à sua mesa, no que foi atendido. Passou então a pedir rodadas de conhaque, sendo servido pelo empregado do botequim, Joaquim Nunes. Depois de várias rodadas, Joca declarou que pagaria toda a despesa. Ananias e Pedro protestaram, alegando que eles já estavam na mesa antes. Joca, entretanto, insistiu, seguindo-se uma disputa entre os três homens, que terminou com a intervenção do referido empregado, que aceitou a nota que Joca lhe estendia. No momento em que trouxe o troco, o garçom recebeu uma boa gorjeta, pelo que ficou contentíssimo, o

mesmo acontecendo aos três amigos que se retiraram do bar alegremente, cantarolando sambas. Reina a maior paz no subúrbio do Encantado, e a noite foi bastante fresca, tendo dona Maria, sogra do comerciante Adalberto Ferreira, residente à rua Benedito, 14, senhora que sempre foi muito friorenta, chegado a puxar o cobertor, tendo depois sonhado que seu netinho lhe oferecia um pedaço de goiabada.”

E meu amigo:

— Se um repórter redigir essas duas notas e levá-las a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

(BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, Record, 1977. p. 148-9.)

**Oficina 9:** “*Você tem medo de quê?*”

**Textos motivadores:** “*Este natal*”, de Carlos Drummond de Andrade, e “*Poder & paranoia*”, de Moacyr Scliar

### **Este Natal**

(Carlos Drummond de Andrade)

— Este Natal anda muito perigoso — concluiu João Brandão, ao ver dois PM travarem pelos braços o robusto Papai Noel, que tentava fugir, e o conduzirem a trancos e barrancos para o Distrito. Se até Papai Noel é considerado fora-da-lei, que não acontecerá com a gente?

Logo lhe explicaram que aquele era um falso velhinho, conspurcador das vestes amáveis. Em vez de dar presentes, tomava-os das lojas onde a multidão se comprime, e os vendedores, afobados com a clientela, não podem prestar atenção a tais manobras. Fora apanhado em flagrante, ao furtar um rádio transistor, e teria de despir a fantasia.

— De qualquer maneira, este Natal é fogo — voltou a ponderar Brandão, pois se os ladrões se disfarçam em Papai Noel, que garantia tem a gente diante de um bispo, de um almirante, de um astronauta? Pode ser de verdade, pode ser de mentira; acabou-se a confiança no próximo.

De resto, é isso mesmo que o jornal recomenda: “Nesta época do Natal, o melhor é desconfiar sempre”. Talvez do próprio Menino Jesus, que, na sua inocência cerâmica, se for de tamanho natural, poderá esconder não sei que mecanismo pérfido, pronto a subtrair tua carteira ou teu anel, na hora em que te curvares sobre o presépio para beijar o divino infante.

O gerente de uma loja de brinquedos queixou-se a João que o movimento está fraco, menos por falta de dinheiro que por medo de punquistas e vigaristas. Alertados pela imprensa, os cautelosos preferem não se arriscar a duas eventualidades: serem furtados ou serem suspeitados como afanadores, pois o vendedor precisa desconfiar do comprador: se ele, por exemplo, já traz um pacote, toda cautela é pouca. Vai ver, o pacote tem fundo falso, e destina-se a recolher objetos ao alcance da mão rápida.

O punquista é a delicadeza em pessoa, adverte-nos a polícia. Assim, temos de desconfiar de todo desconhecido que se mostre cortês; se ele levar a requintes sua gentileza, o melhor é chamar o Cosme e depois verificar, na delegacia, se se

trata de embaixador aposentado, da era de Ataúlfo de Paiva e D. Laurinda Santos Lobo, ou de reles lalau.

Triste é desconfiar da saborosa moça que deseja experimentar um vestido, experimenta, e sai com ele sem pagar, deixando o antigo, ou nem esse. Acontece — informa um detetive, que nos inocula a suspeita prévia em desfavor de todas as moças agradáveis do Rio de Janeiro. O Natal de pé atrás, que nos ensina o desamor.

E mais. Não aceite o oferecimento do sujeito sentado no ônibus, que pretende guardar sobre os joelhos o seu embrulho.

Quem use botas, seja ou não Papai Noel, olho nele: é esconderijo de objetos surrupiadados. Sua carteira, meu caro senhor, deve ser presa a um alfinete de fralda, no bolso mais íntimo do paletó; e se, ainda assim, sentir-se ameaçado pelo vizinho de olhar suspeito, cerre o bolso com fita durex e passe uma tela de arame fino e eletrificado em redor do peito. Enterrar o dinheiro no fundo do quintal não adianta, primeiro porque não há quintal, e, se houvesse, dos terraços dos edifícios em redor, munidos de binóculos, ladrões implacáveis sorririam da pobre astúcia.

Eis os conselhos que nos dão pelo Natal, para que o atravessemos a salvo. Francamente, o melhor seria suprimir o Natal e, com ele, os especialistas em furto natalino. Ou — ideia de João Brandão, o sempre inventivo — comemorá-lo em épocas incertas, sem aviso prévio, no maior silêncio, em grupos pequenos de parentes, amigos e amores, unidos na paz e na confiança de Deus.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970, p. 84).

## **Poder & paranoia**

(*Moacyr Scliar*)

No fim de semana passado, dois jovens brasileiros foram presos no aeroporto de Miami depois de terem feito uma brincadeira sobre a presença de bomba na bagagem. Não foi propriamente um ato arbitrário; nos aeroportos americanos existem grandes cartazes advertindo que gozações desse tipo serão severamente punidas. E nem é uma situação nova. Há anos vivemos uma situação semelhante no aeroporto de Washington. Naquela ocasião, a ameaça não eram os terroristas suicidas, mas sim os sequestradores de aviões. Nossa bagagem de mão foi revistada, e a funcionária, seguindo uma praxe, perguntou se tínhamos alguma arma. Ora, meu filho Beto, que era então um garotinho, havia comprado uma granada de brinquedo, uma "hand grenade", e achou que deveria mostrá-la: abriu a mochila e lá estava a granada, uma imitação perfeita.

A funcionária deu um pulo e chamou a segurança do aeroporto. Num instante estávamos cercados por policiais armados. A granada foi examinada; concluíram que não representava perigo, mas exigiram que fosse despachada em separado. Com o que conseguimos embarcar sem maiores problemas.

A prisão dos jovens brasileiros mostra que a situação mudou. E mudou por duas razões: em primeiro lugar, por causa dos atentados do 11 de setembro; depois, porque jornalistas constataram que a inspeção nos aeroportos era muito precária, e que era possível embarcar transportando até armamento pesado. Daí em diante, a revista passou a ser minuciosa, obsessiva até: uma medida do grau de paranoia que se apossou da sociedade americana. Viajar de avião nos Estados Unidos passou a

ser uma coisa complicada e frequentemente é ultrapassada a tênue divisória que separa a precaução - coisa sensata e necessária - da paranoia. É na paranoia que os terroristas apostam; eles não estão só interessados em matar pessoas, estão interessados em perturbar a vida daqueles que consideram seus inimigos. Estão interessados em solapar um poder que não conseguem enfrentar por outros meios.

No caso dos Estados Unidos, é muito poder. É poder econômico, é poder político, é poder militar. Mas o poder não neutraliza os enormes problemas que o país enfrenta e que nascem exatamente dessa situação hegemônica. O problema com o poder é saber como exercê-lo. Isto vale para a superpotência e vale também para as pessoas comuns. Pois o fato é que pagamos por cada migalha de poder que detemos, inclusive e principalmente em nossas casas. Exemplo: não são poucas as pessoas, especialmente pessoas solitárias, assombradas pela fantasia de que estão sendo envenenadas, ou roubadas, pela empregada. O escritor austríaco Stefan Zweig tem um conto chamado *A Empregada me Rouba*, na qual um velho solteirão despede a fiel criada com esta acusação.

Como é fácil de imaginar, paga-se caro por esta paranoia. Sem um mínimo de confiança nas pessoas, é impossível viver e é impossível deixar viver: Lá pelas tantas, jovens estão na prisão por causa de uma piadinha tola.

O personagem de Zweig dá-se conta disso. Logo percebe que precisa desesperadamente da empregada. E, então, numa súbita reviravolta, casa com ela. Seria bom que todas as histórias de paranoia (e de poder) tivessem esse final feliz.

(SCLIAR, Moacyr. *Contos e crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p.129)

### **Oficina 10: “Saudade, sentimento bom...”**

**Textos motivadores:** “Saudades”, de Clarice Lispector; “36 prestações de saudade”, de Gabito Nunes; “A maciez do ferro”, de Andréia Delmaschio; “Carrossel”, de Antonio da Silva Pereira Neto; “Saudade”, de Raquel de Queiroz.

#### **Saudades**

(Clarice Lispector)

Sinto saudades de tudo que marcou a minha vida.  
Quando vejo retratos, quando sinto cheiros,  
quando escuto uma voz, quando me lembro do passado, eu sinto saudades...  
Sinto saudades de amigos que nunca mais vi,  
de pessoas com quem não mais falei ou cruzei...

Sinto saudades da minha infância,  
do meu primeiro amor, do meu segundo, do terceiro,  
do penúltimo e daqueles que ainda vou ter, se Deus quiser

Sinto saudades do presente,  
que não aproveitei de todo,  
lembrando do passado

e apostando no futuro...  
Sinto saudades do futuro,  
que se idealizado,  
provavelmente não será do jeito que eu penso que vai ser...

Sinto saudades de quem me deixou e de quem eu deixei!  
De quem disse que viria  
e nem apareceu;  
de quem apareceu correndo,  
sem me conhecer direito,  
de quem nunca vou ter a oportunidade de conhecer.

Sinto saudades dos que se foram e de quem não me despedi direito...  
Daqueles que não tiveram  
como me dizer adeus;  
de gente que passou na calçada contrária da minha vida  
e que só enxerguei de vislumbre!

Sinto saudades de coisas que tive  
e de outras que não tive  
mas quis muito ter!  
Sinto saudades de coisas  
que nem sei se existiram.  
Sinto saudades de coisas sérias,  
de coisas hilariantes,  
de casos, de experiências...

Sinto saudades do cachorrinho que eu tive um dia  
e que me amava fielmente, como só os cães são capazes de fazer!  
Sinto saudades dos livros que li e que me fizeram viajar!  
Sinto saudades dos discos que ouvi e que me fizeram sonhar,

Sinto saudades das coisas que vivi  
e das que deixei passar,  
sem curtir na totalidade.  
Quantas vezes tenho vontade de encontrar não sei o que... não sei onde...  
para resgatar alguma coisa que nem sei o que é e nem onde perdi...

Vejo o mundo girando e penso que poderia estar sentindo saudades  
Em japonês, em russo,  
em italiano, em inglês...  
mas que minha saudade,  
por eu ter nascido no Brasil,  
só fala português, embora, lá no fundo, possa ser poliglota.  
Aliás, dizem que costuma-se usar sempre a língua pátria,  
espontaneamente quando  
estamos desesperados...  
para contar dinheiro... fazer amor...  
declarar sentimentos fortes...

seja lá em que lugar do mundo estejamos.  
 Eu acredito que um simples  
 "I miss you"  
 ou seja lá  
 como possamos traduzir saudade em outra língua,  
 nunca terá a mesma força e significado da nossa palavrinha.  
 Talvez não exprima corretamente  
 a imensa falta  
 que sentimos de coisas  
 ou pessoas queridas.

E é por isso que eu tenho mais saudades...  
 Porque encontrei uma palavra  
 para usar todas as vezes  
 em que sinto este aperto no peito,  
 meio nostálgico, meio gostoso,  
 mas que funciona melhor  
 do que um sinal vital  
 quando se quer falar de vida  
 e de sentimentos.

Ela é a prova inequívoca  
 de que somos sensíveis!  
 De que amamos muito  
 o que tivemos  
 e lamentamos as coisas boas  
 que perdemos ao longo da nossa existência...

### **36 prestações de saudade** *(Gabito Nunes)*

Dizem que tudo na vida tem dois lados. Um bom e outro ruim. Depende nos olhos de quem está a pimenta. Mas se tem algo realmente ambíguo para uma única alma é um troço chamado saudade. Com ou sem pimenta nos olhos. O dito popular é quem melhor traduz a dualidade de uma saudade quando diz que esta é a maior prova de que o amor valeu a pena. Então sentir a falta é bom. E ruim. Em todos os pontos de vista. Vai entender.

Saudade é amar um passado que nos machuca no presente. É uma felicidade retardada. (...) A saudade só não mata porque tem o prazer da tortura.

Saudade é o amor que não foi embora ainda, embora o amado já o tenha feito. (...) E quando a saudade não cabe mais no peito, se materializa e transborda pelos olhos.

Sentir saudade é ter a ausência sempre do seu lado. (...) A saudade é a desconfortável expectativa de um reencontro.

Às vezes a saudade é tão grande que nem é mais um sentimento. A gente é saudade. (...) Porque mesmo a saudade sendo feita para doer, às vezes percebemos que ela é o meio mais eficaz de enxergar o quanto amamos alguém, no passado ou no presente.

Por que a saudade é o muro de Berlim desmoronando no chão, capaz de agregar opostos, como a tristeza e a felicidade em uma coisa híbrida. Se você tem saudades é sinal que teve na vida momentos de alegria com ela ou ele! No fim das contas, a saudade que agora lhe maltrata nada mais é que uma dívida sendo paga em longas 36 prestações pelo amor usufruído. Agora aguenta.

([HTTPS://suspirosedesatinos.wordpress.com/category/gabito-nunes](https://suspirosedesatinos.wordpress.com/category/gabito-nunes))

### **A maciez do ferro** (*Andréia Delmaschio*)

Meus irmãos e eu éramos, quando crianças, catadores de ferro. Sim, exatamente como os atuais catadores de lata ou papelão. Não me lembro do que fazíamos – se éramos nós que fazíamos – com o dinheiro da venda dos grandes nacos pretos coletados nos terrenos baldios do nosso bairro suburbano. Lembro mesmo é do som macio que saía do ferro pisado pela conguinha vermelha desbotada (é curioso como, para descrever os objetos que nos acompanham no tempo, continuamos nos referindo à cor que tiveram um dia e, dentro do Box, pedimos que nos joguem a toalha de banho marrom que ninguém é capaz de encontrar, porque agora são todas beges). Recordo do paradoxo sinestésico da maciez do ferro, amontoado em pedaços que se entrechocavam sob os pés, emitindo o som agradabilíssimo.

Nunca fui uma grande coletora. Embora por um tempo tenha me dedicado com afinco, jamais consegui um quarto sequer da produtividade de um dos irmãos mais velhos, e confundia, muitas vezes, o ferro com outras pedras escuras, o que fez, ao final, com que me excluíssem daquele trabalho, que para eles era duro e, para mim, macio.

Principalmente não me esqueci de que vivia uma contradição: se recolhesse muito ferro, não tinha como carregá-lo, por ser extremamente pesado; se recolhesse pouco, ao fim do dia tinha de juntá-lo com o resto, para melhor acondicionamento, na sacola de um dos meus irmãos, perdendo assim o mérito pelo trabalho realizado. Era o velho problema de juntar e não poder carregar. E provavelmente me prejudicava a pouca idade. Além da inexistência do estímulo de ao menos saber em quê seria investido o dinheiro conseguido com a venda do ferro. Enfim, nunca me disseram a que servia aquele trabalho, para mim de Sísifo, para os irmãos, de Hércules.

Não tenho nem mesmo lembrança (se é que um dia soube) do modo como todo aquele ferro teria ido parar nos acostamentos e cantões da Vila Garrido. Será que essa mesma mineradora que hoje entope os nossos pulmões e encanamentos com pó de minério saía discretamente, na década de setenta, espalhando os dejetos da pelotização próximo à morada dos pobres?

Aquele trabalho vem à lembrança como algo por muito tempo continuado, diferente de quando, por exemplo, tombava perto de casa um caminhão com qualquer outra mercadoria, que tinha de ser recolhida rápida e sorrateiramente.

As tardes de caras e mãos encardidas entre os irmãos permanecem na memória como fotografias em preto e branco, habitam o mesmo lugar que os finais de semana em que eu acompanhava meu pai, de madrugada, até a obra onde fazia os seus bicos, e as noites em que mamãe me pendurava ao colo, enrolada num lençol, embalando-me o sono com o barulho e o tremor da máquina de costura.

(DELMASCHIO, Andréia. *Aboio de fantasmas*. Vitória, ES: SECULT, 2014, p. 23).

## Carrossel

(Antonio da Silva Pereira Neto)

Felicidade tem preço? Sei, não! Lá na minha terra, dizia-se que felicidade não tem preço. Poá era uma cidade pequena, uma miniatura de cidade, que se escondia à sombra da grande metrópole. Eu vivi no seu bairro mais periférico – Jardim Emília. Os bairros que nasciam nas rebarbas da urbanização recebiam por nome esse eufemismo: Jardim. E proliferavam os Jardins: Pinheiro, São José, Débora e outros jardins. Eram os Jardins Suspensos da Precariedade. A pobreza ali era mais pobre, mas os moradores insistiam em proclamar ditos paradoxais, tais como “felicidade não tem preço”. Eu, com o meu juízo de criança, achava que tinha! Suspeitava que, por detrás daquela frase heroica, bonita, emblemática, residia uma hipocrisia...

Nos idos anos 70 e 80 do século XX, felicidade, para muitos, era sair no jornal, ser notícia. Sobretudo, na coluna social. Sair na coluna social era ser alçado ao Olimpo do Subúrbio! Infelizmente, era em outras seções que os meus vizinhos e os meus entes mais queridos acabavam virando notícia...

Televisão foi uma felicidade que chegou tardiamente naquelas casas; trazendo ilusão, informação, desinformação e afastamento. Minguaram aos poucos as conversas, as cantigas de roda, o contemplar das estrelas, a lua e o manto de luzes que se estendia sobre Suzano e Mogi das Cruzes. Mas, por outro lado, aparecer na televisão seria a maior felicidade para qualquer um de nós. Então, virou sonho ser ator, atriz, jogador de futebol, dançarina de programa de auditório, repórter ou seja lá o que fosse. Que eu sabia, ninguém de lá apareceu na televisão. Até mesmo um teledrama que foi filmado no nosso território, dispensou-nos como figurantes...

Criança carregava dilemas pesadíssimos dentro de si, eu carregava os meus! No Natal, escutávamos – pelas rádios – a voz pungente de Carlos Galhardo cantando que “felicidade é brinquedo que não tem”. Essa música, do compositor Assis Valente, encantava e entristecia. Quando escutava essa canção natalina, a represa dos olhos pensava em transbordar, mas eu segurava. Como não tem? A decoração de fim de ano estava ali! Luzinhas que piscavam, enfeites cintilantes, pinheiros decorados nos quintais, abraços, presentes! Como não tem?

O tempo passou brincando pela vida. Passaram-se muitos anos e eu não saí do Labirinto da Dúvida. Mas a memória, às vezes, vem me socorrer, traz à tona um momento, alguns minutos que valeram por uma eternidade! Sim, felicidade é brinquedo que tem! Tem, sim, senhor!

Era uma noite quente, eu e o meu irmão iríamos pernoitar na casa dos nossos avós maternos. Eles tinham filhos da nossa idade, eram os nossos tios-irmãos. Brincávamos muito naqueles Anos de Chumbo que, para nós, foram anos de Caramelo! Naquela noite, que iluminaria o resto da minha vida, um parque de diversões, daqueles bem precários que acampam nos bairros proletários, acendia as suas luzes para garimpar as parcas economias da redondeza.

Expectativa, olhos suplicantes, sorrisos náufragos no mar da improbabilidade...

Meus avós nos levaram até lá. Só podia ser uma volta, em um brinquedo. Uma vez só! As crianças subiam num brinquedo encantado, saído dos contos de

fadas: cavalinhos, girafinhas, elefantinhos e zebrinhas que rodopiavam ao som da música dos anjos.

Meu avô montou o Ailton, o Gilberto e a Roseli, que eram os meus tios-crianças. Quanto custaria, meu Deus? Dinheiro não dava em árvore! Depois montou o Noel, o meu irmão! Quanto custou para eles aqueles momentos? Eu nem acreditei quando os seus braços fortes me ergueram e eu montei num cavalinho, que me levou para o Reino da Felicidade! Ah! Minutos dourados, que não passarão jamais! Ali, nos observando, estavam Wanil e Terezinha, meus avós mágicos, que eram especialistas em fazer felicidade surgir do nada.

Se a humanidade soubesse que a felicidade mora em um parque de diversões sucateado, acampado num terreno baldio onde a lama não incomoda, não haveria guerra, corrupção, ganância nem violência.

Venham todos! Sei onde há um Carrossel Encantado, invisível aos olhos egoístas. Mas real para os que se despem do orgulho. Lá estão os meus avós – Wanil e Terezinha. Eles deixam subir. E é de graça! Pode ser criança, adolescente ou adulto. Não importa a cor ou a condição social. Todos podem subir!

Eu nunca desci desse carrossel, nem nunca descerei. Foi nele que eu descobri que felicidade existe e o preço... é o amor!

(NETO, Antonio da Silva Pereira. *Prêmio Sesc de Crônicas Rubem Braga*: coletânea de crônicas: edição 2014. Brasília: SESC, DF, 2016, p. 50)

### **Oficina 11: “Um tapinha dói”**

**Textos motivadores:** Textos motivadores: “*Me responda, sargento*”, de Dalton Trevisan; “*Não as matem*”, de Lima Barreto; Trechos das canções “*Baile de Favela*” (MC João), “*Loira burra*” (Gabriel, O Pensador), “*Amiga da minha mulher*” (Seu Jorge), “*Um tapinha não dói*” (Bonde do Tigrão), “*Mulher não manda em homem*” (Grupo Vou Pro Sereno), “*Mulheres vulgares*” (Racionais), “*Mulher indigesta*” (Noel Rosa), “*Buceta*” (Velhas Virgens), e “*Ai! Que saudades da Amélia*” (Ataúfo Alves), “*Se essa mulher fosse minha*” (Samba de Roda), “*Minha nega na janela*” (Germano Mathias), “*Pequena Raimunda*” (Raimundos) e “*Malandramente*” (Dennis e MC’s Nandinho & Nego Bam), e “*Maria da Vila Matilde*”, de Elza Soares.

### **Me responda, sargento**

(Dalton Trevisan)

Dez anos, sargento, apartada do João. Uma tarde, sem se despedir, montou no cavalinho pampa. Em dez anos de espera nunca deu notícia. Com a morte do meu velho, que me deixou o sítio, quinze dias atrás lá estava eu, bem quieta, cuidando da casa e da criação, ajudada pelo meu afilhado José, esse anjo de oito aninhos. Quem vi entrando sem bater palma nem pedir licença? Maltrapilho, chapéu na mão para fazer vida comigo. Mais de espanto que saudade aceitei, bom ou mau, eu disse, é o meu João.

Nos primeiros dias foi bonzinho. Quem não gosta de uma cabeça de homem no travesseiro? Logo começou a beber, não me valia em nada no sítio. Eu saía bem cedo com o menino a lidar na roça, o bichão ficava dormindo. Bocejando de chinelo e desfrutando as regalias. Não quer castigar o corpinho, um punhado de milho não joga para as galinhas. Só então, sargento, burra de mim, descobri o mistério. Ele voltou por amor da herança. Na primeira semana vendeu o leitão mais gordo do chiqueiro, não me deu satisfação. O sargento viu algum dinheiro? Nem eu.

Ontem chegou bêbado e de óculos escuros. Espantou o menino para o terreiro e, fechados o quarto, bradou que eu tinha um amante, o meu afilhado bem que era filho. Antes de contar até três, eu dissesse o nome do pai. Mais que de joelho e mão posta, negasse o outro homem, por mim o testemunho dos vizinhos, ele me cobriu de praga, murro, pontapé. Pegou da espingarda, me bateu com a coronha na cabeça. Obrigou a rezar na hora da morte e pedir louvado. Que eu abrisse a boca, enfiou o cano, fez que ia rezar na hora da morte e pedir louvado. Que eu abrisse a boca, enfiou o cano, fez que apertava o gatilho. Não satisfeito, sacou da garrucha, apagou o lampião a bala. Dois tiros na minha direção, só não acertou porque me desviei. Uma bala se enterrou na porta, a outra furou a cortina, em três pedaços a cabeça de São Jorge.

Cansado de reinar, deitou-se vestido e de bota. Que a escrava servisse a janta na cama. Provou uma garfada e atirou o prato, manchando de feijão toda a parede: Quero outra, esta não prestou. Deus me acudiu, ao voltar com a bandeja ele roncava, espumando pelo dente de ouro. Agarrei meu filho, chorando e rezando corri a noite inteira. Ficasse lá no sítio era dona morta. E agora, sargento, que vai ser da minha vida? Que é que eu faço?

(TREVISAN, Dalton. *Vozes do retrato*. São Paulo: Ática, 1991, p. 47)

### **Não as matem**

(Lima Barreto)

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma de revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, *quand mème*<sup>1</sup>, sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atitou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça, com a bala na espinha, veio morrer, dias depois, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada: mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima

liberdade, com a melhor boa-vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida que só entre selvagens deve ter existido.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor.

Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!

(BARRETO, Lima. *Antologia da crônica brasileira*. De Machado de Assis à Lourenço Diaféria. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005, p. 62)

## Canções

### 1. Baile de Favela – MC João

*"Ela veio quente, e hoje eu tô fervendo / Que ela veio quente, hoje eu tô fervendo / Quer desafiar? Num tô entendendo / Mexeu com o r7 vai voltar com a xota ardeno (vai)... / ... E a são Rafael, é baile de favela / E os menor preparado pra foder com a xota dela (o vai)"*

### 2. Loira Burra – Gabriel, O Pensador

*"À procura de carro, a procura de dinheiro / O lugar dessas cadelas era mesmo num puteiro (...) Não eu não sou machista, exigente talvez / Mas eu quero mulheres inteligentes, não vocês (...) E pra você me entender, vou ser até mais direto/ Loira burra, você não passa de mulher objeto"*

### 3. Amiga da minha mulher - Seu Jorge

*"Se fosse mulher feia tava tudo certo / Mulher bonita mexe com meu coração"*

### 4. Um tapinha não dói – Bonde do Tigrão

*"Dói, um tapinha não dói / Um tapinha não dói  
Um tapinha não dói / Um tapinha não dói, só um tapinha"*

### 5. Mulher não manda em homem - Grupo Vou pro Sereno

*"Com tanta roupa suja em casa / Você vive atrás de mim  
Mulher foi feita para o tanque / Homem para o botequim"*

### 6. Mulheres Vulgares - Racionais

*"Fique esperto com o mundo e atento com tudo e com nada / Mulheres só querem / preferem o que as favorecem / Dinheiro e posse, te esquecem se não os tiverem"*

### **7. Mulher Indigesta - Noel Rosa**

*"Mas que mulher indigesta! (Indigesta!) / Merece um tijolo na testa"*

### **8. Buceta – Velhas Virgens**

*"Banguela, fedida, fudida, mas tem o que a gente quer.  
Apesar dos defeitos, todas elas têm o que a gente quer.  
E o que é que a gente quer? a gente quer fuder.  
e o que é que a gente quer? A gente quer. b u c e t a.  
Buceta"*

### **9. Ai! Que saudade da Amélia - Ataulfo Alves**

*"Você só pensa em luxo e riqueza / Tudo o que você vê, você quer  
Ai, meu deus, que saudade da Amélia / Aquilo sim é que era mulher...  
... Amélia não tinha a menor vaidade / Amélia é que era mulher de verdade"*

### **10. Se essa mulher fosse minha - Samba de roda**

*"Se essa mulher fosse minha / Eu tirava do samba já, já / Dava uma surra nela / Que ela gritava: Chega / Chega / Oh meu amor / Eu vou-me embora da roda de samba eu vou"*

### **11. Minha Nega Na Janela - Germano Mathias**

*"Minha nega na janela/ Diz que está tirando linha / Éta nega tu é feia / Que parece macaquinha / Olhei pra ela e disse / Vai já pra cozinha / Dei um murro nela / E joguei ela dentro da pia / quem foi que disse que essa nega não cabia?"*

### **12. Pequena Raimunda (Ramona) – Raimundos**

*"Feia de cara, mas é boa de bunda / Olhe só é a pequena Raimunda  
Se ela tá indo até que dá pra enganar / Se ela tá vindo não é bom nem olhar  
Ela de 4 fica maravilhosa / Na 3x4 é horrorosa  
Shit, shit pequena Raimunda / Bunda de sonho a cara é um pesadelo"*

### **13. Malandramente – Dennis e Mc's Nandinho & Nego Bam**

*"Ah Safada! / Na hora de ganha madeirada  
A menina meteu o pé pra casa / E mandou um recadinho pra mim"*

### **Maria da Vila Matilde**

*(Elza Soares)*

Cadê meu celular?  
Eu vou ligar prum oito zero  
Vou entregar teu nome  
E explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais

Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo  
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro  
E, apontando pra você  
Eu grito: péguix guix guix guix  
Eu quero ver  
Você pular, você correr  
Na frente dos vizinhos  
Cê vai se arrepender de levantar  
A mão pra mim

Cadê meu celular?  
Eu vou ligar prum oito zero  
Vou entregar teu nome  
E explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais  
Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo  
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro  
E, apontando pra você  
Eu grito: péguix guix guix guix  
Eu quero ver  
Você pular, você correr  
Na frente dos vizinhos  
Cê vai se arrepender de levantar  
A mão pra mim

E quando o samango chegar  
Eu mostro o roxo no meu braço  
Entrego teu baralho  
Teu bloco de pule  
Teu dado chumbado  
Ponho água no bule  
Passo e ainda ofereço um cafezim  
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?  
Eu vou ligar prum oito zero  
Vou entregar teu nome  
E explicar meu endereço  
Aqui você não entra mais  
Eu digo que não te conheço  
E jogo água fervendo  
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro  
 E, apontando pra você  
 Eu grito: péguix guix guix guix  
 Eu quero ver  
 Você pular, você correr  
 Na frente dos vizinhos  
 Cê vai se arrepender de levantar  
 A mão pra mim

E quando tua mãe ligar  
 Eu capricho no esculacho  
 Digo que é mimado  
 Que é cheio de dengo  
 Mal acostumado  
 Tem nada no quengo  
 Deita, vira e dorme rapidim  
 Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim  
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo  
 Dedo, cheio de unha suja  
 E pra cima de mim? Pra cima de muá? Jamé, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

### **Oficina 13: “Lembranças da escola”**

**Textos motivadores:** *“Um espirro para ficar na história”*, de Carlos Azevedo; *“Uma crônica sobre a escola e suas classificações”*, de Igor Lopes; *“Os terroristas”*, de Moacyr Scliar; *“A minha glória literária”*, de Rubem Braga.

### **Crônicas da minha escola** **Um espirro para ficar na história** *(Carlos Azevedo)*

Quando estamos à frente de nossos alunos imaginamos, acredito que a maioria de nós, que os conteúdos e temas trabalhados em nossas aulas serão de alguma forma gravados na memória de nossos alunos e que se lembrarão de nós por conta disso. Com o tempo vemos que tais previsões não se confirmam. Foi assim comigo e acho que também com muita gente. Passamos para a história da vida dos nossos alunos por conta de fatos e acontecimentos dos mais variados e inusitados.

Durante uma aula numa turma de 5ª série, olhei em direção à porta por indicação de uma aluna que a apontava para mim. Parada na entrada da sala

estava uma jovem morena, cabelos soltos e ar alegre, sorrindo, dirigiu-se a mim de forma simpática:

-Não está me reconhecendo? Fui sua aluna aqui na Escola São Paulo.

Meio sem jeito pelo esquecimento, sempre me preocupam esses lapsos de memória, me aproximei e estendi-lhe a mão. Ela me abraçou beijando-me a face, o que me desconcertou momentaneamente. Sem perder a pose, agradei a visita. Desinibida, dirigiu-se a turma e de súbito lançou uma pergunta:

-Vocês já o viram espirrando?

Toda a turma se fez em ouvidos, interessados no mistério que ora se apresentava. Confesso que estremeci. Meu espirro, quando fora de controle, se é que se pode controlar um espirro, era barulhento ao extremo e geralmente estridente, causava espanto e risos.

- Aposto que agora, professor, você vai lembrar quem eu sou, pois você se tornou inesquecível para mim por conta do seu espirro.

Sandra, era esse seu nome, rememorou o dia em que a coloquei na coordenação por não conseguir parar de rir por conta de um espirro diferente que eu dera durante uma aula. Foi muito fácil lembrar da Sandra menina depois da passagem contada por ela. Despediu-se de mim, sob risadas de todos alunos da sala, e foi visitar o restante dos colegas professores da escola.

Soube há uns cinco anos atrás que Sandra formou-se professora de Inglês língua estrangeira e lecionava nas escolas da prefeitura. Nunca mais a vi, mas lembro-me muito bem dela e de como entrei para a história de sua vida através de um espirro. Sobre nossas aulas, na ocasião, houve apenas um profundo silêncio. Coisas que obviamente não me colocaram na história de sua vida.

Há pouco tempo, um outro aluno também me contou que eu estarei para sempre na sua vida por causa dos assobios que dava para chamar os alunos. Também tem uma que me colocou na sua história por conta de um chocolate. Foi... Deixa pra lá, que isso já é um outro caso.

([HTTPS://vidadeprofessor.profcarlosazevedo.wordpress.com](https://vidadeprofessor.profcarlosazevedo.wordpress.com))

### **Uma crônica sobre a escola e suas classificações**

*(Igor Lopes)*

Alguns a veem como uma espécie de casa do terror, ou o lugar mais entediante que se possa conviver, a quem diga também que seja um posto de saber, mas para mim a escola é uma selva. Meu nome é Matheus, tenho 16 anos e curso o 2º ano do Ensino médio em uma escola particular e muito tradicional do Rio de Janeiro, não sou o tipo de aluno que seja popular, mas também não me colocaria como o excluído, sou um tipo diferente, o típico neutro, aquele que ninguém ama e nem odeia.

Há muito tempo venho observando os meus colegas de classe, a maioria de nós esta junto desde o início do fundamental, alguns podem negar, mas nossos colegas à medida que o tempo passa se torna uma espécie de família. Passamos cerca de cinco horas por dia juntos durante 200 dias letivos, o que se formos pensar bem se torna mais tempo do que se passa com sua própria família.

Bom, em torno destes seis anos juntos, percebi quanto o ambiente escolar pode afetar os estudantes, cada classe tem um número diferente de alunos, com características diferentes, mas algo não se pode negar, toda turma tem uma classificação, e esta é igual em qualquer lugar do mundo.

A princípio toda sala possui um palhaço, o aluno que até mesmo quando está sério faz todo mundo da sala gargalhar. É graças a ele que a ida ao colégio se torna menos entediante, muitas vezes é o mais vigiado pelos professores. E por falar neles, assim como o aluno palhaço, toda escola tem o seu professor palhaço, aquele que para de explicar uma matéria pra fazer piada, que deixa o ambiente mais descontraído e que na maioria das vezes, o preferido da turma, consegue fazer com que seus alunos tirem notas altas.

Indo para o lado oposto, toda sala tem o aluno "negativamente carregado", ele não ri de nenhuma piada, vive a época escolar como a pior fase de sua vida, e costuma ser o que melhor conhece a sala da direção. Se você está se perguntando: E existe um professor "negativamente carregado"? Pois eu te respondo que sim meu caro, se você reparar bem vai encontrá-lo em sua classe. Ele é sério, é rígido, e gosta que seus alunos fiquem ligados em sua matéria. Não se pode dizer que seja um mau professor, ao contrario sabe muito bem o que esta fazendo, só é meio militar.

Infelizmente todo colégio tem os seus alunos excluídos, eles são os que passam os mais difíceis dias na época escolar. Costumam sofrer com as piadinhas de outros alunos, alguns chegam a se sentir inferiores quando sofrem algum tipo de Bullying. São os que mais me fazem me sentir triste, e por mais que eu critique isso em mim, não consigo não sentir pena. Estes costumam sair do colégio no ano seguinte, vivem em busca de um lugar para se sentirem queridos. E se depender de mim eles serão aceitos sempre que buscarem a minha amizade.

Já que estamos falando em questão de preferência e aceitação, não podemos deixar de citar os populares da turma. Neste caso as coisas podem variar um pouco, em alguns casos são os atletas, em outros os estilosos e bonitos, e até mesmo os alunos mais radicais podem entrar nessa categoria. O que é importante dizer nesse caso é que os populares do colégio, são adorados pela a maioria, principalmente se formos olhar os da turma mais velha. Os professores gostam deles, a direção gosta deles e até mesmo os funcionários menores do colégio gostam deles.

E por ultimo e não menos importante, toda sala tem seus alunos inteligentes. O termo "nerd" ainda é usado para classificá-los, mas eu prefiro classificá-los como "grandes empresários" ou até mesmo "futuro brilhante". Eles podem ser excluídos em alguns casos, ou acredite se quiser, podem se encaixar entre os alunos populares. O que é mais interessante é que quem não entra nessa classificação tem no mínimo uma pequena invejinha deles.

O que importa nisso tudo é que durante a minha vida escolar eu percebi como a ela pode afetar os nossos comportamentos. Por mais que como qualquer estudante eu em alguns dias gostaria de ficar em casa ao invés de ir para lá, sem ela minha vida ia ser totalmente entediante. E de uma coisa eu não tenho duvida, daqui a um ano quando eu me formar, sentirei falta de viver nessa selva chamada escola.

(LOPES, Igor. Retirado do Blog *Um papo jovem*, postado em 21/11/2010)

### **Os Terroristas** (*Moacyr Scliar*)

Era um professor duro, exigente e implacável. As provas eram feitas sem aviso prévio. Todos os trabalhos valiam nota e eram corrigidos segundo os critérios mais rigorosos. Resultado: no fim do ano quase todos os alunos estavam à beira da

reprovação. As notas que ele anotava cuidadosamente no livro de chamada eram as mais baixas possíveis. O que fazer? Reuniam-se todos os dias no bar em frente ao colégio, para discutir a situação, mas nada lhes ocorria. Até que um deles teve uma ideia brilhante. O livro de chamada. A solução estava ali: tinham de se apossar do livro de chamada e mudar as notas. Um 0 poderia se transformar em 8. Um 1 poderia virar 7 ( ou 10, dependendo do grau de ambição). O problema era pegar o livro, que o professor não largava nunca, nem mesmo para ir ao banheiro. Aparentemente só uma catástrofe poderia superá-los.

Recorreram, pois, a catástrofe. Um dos alunos telefonou do orelhão em frente ao colégio, avisando que havia um princípio de incêndio na casa do professor. Avisado, o pobre homem saiu correndo da sala de aula, deixando sobre a mesa o famigerado livro de presença.

Acreditareis se eu disser que ninguém tocou no livro? Ninguém tocou no livro. Os rapazes se olhavam, mas nenhum deles tomou a iniciativa de mudar as notas. Às vezes a consciência pesa mais que a ameaça da reprovação.

(SCLIAR, Moacyr. *Deixa que eu conto*. De conto em conto. Literatura em minha casa. V. 2. São Paulo: Ática, 2002)

### **A minha glória literária**

(*Rubem Braga*)

"Quando a alma vibra, atormentada..." Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas. E lá estava o meu nome, que pela primeira vez eu via em letra de fôrma. O jornal era O Itapemirim, órgão oficial do Grêmio Domingos Martins, dos alunos do Colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo. O professor de Português passara uma composição: A Lágrima. Não tive dúvidas: peguei a pena e me pus a dizer coisas sublimes. Ganhei 10, e ainda por cima a composição foi publicada no jornalzinho do colégio. Não era para menos: "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado pelo peso da desgraça, este, numa explosão irremediável, num desabafo sincero de infortúnios, angústias e mágoas indefiníveis, externa-se, oprimido, por uma gota de água ardente como o desejo e consoladora como a esperança; e esta pérola de amargura arrebatada pela dor ao oceano tumultuoso da alma dilacerada é a própria essência do sofrimento: é a lágrima." É claro que eu não parava aí. Vêm, depois, outras belezas; eu chamo a lágrima de "traidora inconsciente dos segredos d'alma", descubro que ela "amolece os corações mais duros" e também (o que é mais estranho) "endurece os corações mais moles". E acabo, com certo exagero, dizendo que ela foi "sempre, através da História, a realizadora dos maiores empreendimentos, a salvadora miraculosa de cidades e nações, talismã encantado de vingança e crime, de brandura e perdão". Sim, eu era um pouco exagerado; hoje não me arriscaria a afirmar tantas coisas. Mas o importante é que minha composição abafara e tanto que não faltou um colega despeitado que pusesse em dúvida a sua autoria: eu devia ter copiado aquilo de algum almanaque.

A suspeita tinha seus motivos: tímido e mal falante, meio emburrado na conversa, eu não parecia capaz de tamanha eloquência. O fato é que a suspeita não me feriu, antes me orgulhou; e a recebi com desdém, sem sequer desmentir a acusação. Veriam, eu sabia escrever coisas loucas; dispunha secretamente de um imenso estoque de "corações amargurados", "pérolas da amargura" e "talismãs

encantados" para embasbacar os incrédulos; veriam...

Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional. Foi então que — dá-lhe Braga! — meti uma bossa que deixou todos maravilhados. Minha composição tinha poucas linhas, mas era nada menos que uma paráfrase do Padre-Nosso, que começava assim: "Bandeira nossa, que estais no céu..." Não me lembro do resto, mas era divino. Ganhei novamente 10, e o professor fez questão de ler, ele mesmo, a minha obrinha para a classe estupefata. Essa composição não foi publicada porque O Itapemirim deixara de sair, mas duas meninas — glória suave! — tiraram cópias, porque acharam uma beleza.

Foi logo depois das férias de junho que o professor passou nova composição: Amanhecer na Fazenda. Ora, eu tinha passado uns quinze dias na Boa Esperança, fazenda de meu tio Cristóvão, e estava muito bem informado sobre os amanheceres da mesma. Peguei da pena e fui contando com a maior facilidade. Passarinhos, galinhas, patos, uma negra jogando milho para as galinhas e os patos, um menino tirando leite da vaca, vaca mugindo... e, no fim, achei que ficava bonito, para fazer pendant com essa vaca mugindo (assim como "consoladora como a esperança" combinara com "ardente como o desejo"), um "burro zurrando". Depois fiz parágrafo, e repeti o mesmo zurro com um advérbio de modo, para fecho de ouro: "Um burro zurrando escandalosamente." Foi minha desgraça. O professor disse que daquela vez o senhor Braga o havia decepcionado, não tinha levado a sério seu dever e não merecia uma nota maior do que 5; e para mostrar como era ruim minha composição leu aquele final: "um burro zurrando escandalosamente".

Foi uma gargalhada geral dos alunos, uma gargalhada que era uma grande vaia cruel. Sorri amarelo. Minha glória literária fora por água abaixo.  
(BRAGA, Rubem. *Ai de Ti Copacabana*. Ed. Record, São Paulo: 1996)

**Oficina 14:** *“Será um adeus?”*

**Textos motivadores:** *“O que as escolas não ensinam”*

### **O que as escolas não ensinam**

*(Bill Gates)*

Posted by Cristian Stassun on 29 de setembro de 2007 in Pensadores - Discursos Famosos

O reitor de uma Universidade do Sul da Califórnia enviou um e-mail para a Microsoft convidando Bill Gates a fazer um discurso no dia de formatura, incentivando os formandos no início de suas carreiras e, para sua surpresa, Bill Gates aceitou. Esperava-se que ele fizesse um discurso longo, de mais de uma hora, afinal ele é o dono da Microsoft e possuiu a maior fortuna pessoal do mundo! Mas Bill foi extremamente lacônico, falou apenas durante 5 minutos, subiu em seu helicóptero e foi embora.

A seguir, as 11 regras que ele compartilhou com os formandos naquela ocasião:

“- Vocês estão se formando e deixando os bancos escolares, para enfrentarem a vida lá fora. Não a vida que você querem, não a vida que vocês sonharam ter, a vida como ela é. Você estão saindo de um mundo educacional que está pervertendo o conceito da educação, adotando um esquema que visa

proporcionar uma vida fácil para a nova geração. Essa política educacional leva as pessoas a falharem em suas vidas pessoais e profissionais mais tarde. Vou compartilhar com vocês onze regras que não se aprendem nas escolas:

**Regra 1:** A vida não é fácil. Acostume-se com isso.

**Regra 2:** O mundo não está preocupado com a sua autoestima. O mundo espera que você faça alguma coisa de útil por ele (o mundo) antes de aceitá-lo.

**Regra 3:** Você não vai ganhar vinte mil dólares por mês assim que sair da faculdade. Você não será vice-presidente de uma grande empresa, com um carrão e um telefone à sua disposição, antes que você tenha conseguido comprar seu próprio carro e ter seu próprio telefone.

**Regra 4:** Se você acha que seu pai ou seu professor são rudes, espere até ter um chefe. Ele não terá pena de você.

**Regra 5:** Vender jornal velho ou trabalhar durante as férias não está abaixo da sua posição social. Seu avós tinham uma palavra diferente para isso. Eles chamavam isso de “oportunidade”

**Regra 6:** Se você fracassar não ache que a culpa é de seus pais. Não lamente seus erros, aprenda com eles.

**Regra 7:** Antes de você nascer seus pais não eram tão críticos como agora. Eles só ficaram assim por terem de pagar suas contas, lavar suas roupas e ouvir você dizer que eles são “ridículos”. Então, antes de tentar salvar o planeta para a próxima geração, querendo consertar os erros da geração dos seus pais, tente arrumar o seu próprio quarto.

**Regra 8:** Sua escola pode ter criado trabalhos em grupo, para melhorar suas notas e eliminar a distinção entre vencedores e perdedores, mas a vida não é assim. Em algumas escolas você não repete mais de ano e tem quantas chances precisar para ficar de DP até acertar. Isto não se parece com absolutamente NADA na vida real. Se pisar na bola está despedido... RUA! Faça certo da primeira vez.

**Regra 9:** A vida não é dividida em semestres. Você não terá sempre férias de verão e é pouco provável que outros empregados o ajudem a cumprir suas tarefas no fim de cada período.

**Regra 10:** Televisão não é vida real. Na vida real, as pessoas têm que deixar o barzinho ou a boate e ir trabalhar.

**Regra 11:** Seja legal com os CDF's – aqueles estudantes que os demais julgam que são uns babacas. Existe uma grande probabilidade de você vir a trabalhar para um deles”.